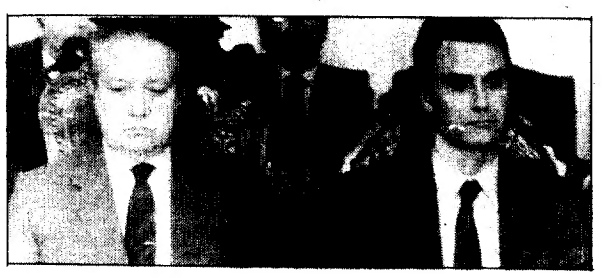
Para a revisão constitucional no próximo ano



SOARES SUGERE PRAGMATISMO

Pág. 4

Diário de Lisboa

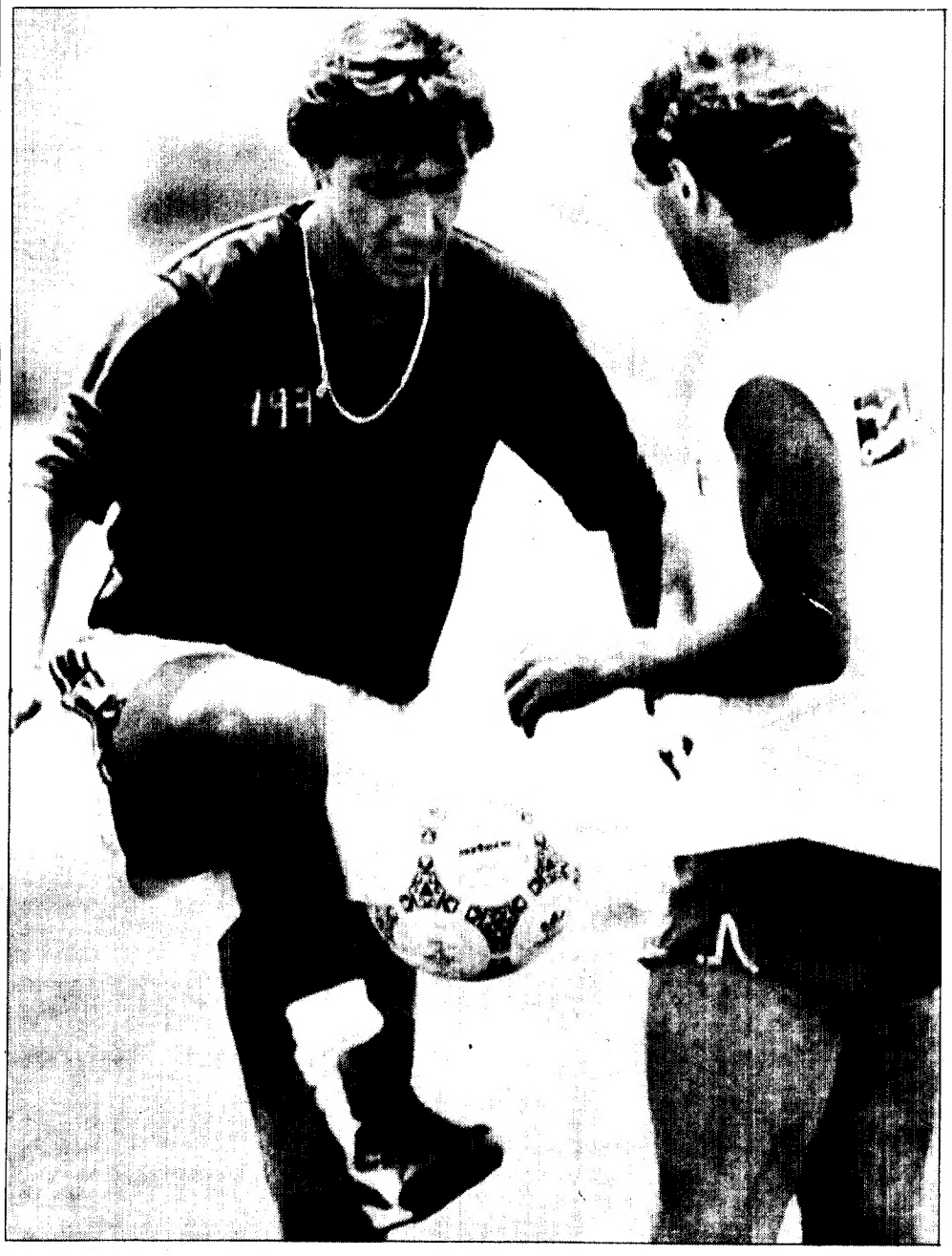
ANO 66 N.º 22 072 Terça-feira, 27 de Maio de 1986 Preço 40$00

Rádios locais a um passo da legalização

Pág. 6

Até Belém recomenda 'bom senso'

"INFANTES" VÃO CEDER?



Parece que os jogadores vão ceder na amplitude das suas pretensões: o presidente federativo não quer dialogar com os «infantes» (incumbindo a tarefa a Amândio de Carvalho), o dr. Mário Soares aconselha «bom senso», o Sporting chama a atenção dos seus atletas para qualquer medida drástica e, por cá, a opinião pública (incandescente) acha que tudo deveria ter sido tratado a tempo e horas e não em cima do risco de partida para o jogo com a Inglaterra. Aos «infantes» parece restar agora um caminho: com o brio de sempre, darem mais uma grande alegria a Portugal inteiro.

Págs. 16 e 17

Alunos do ISE em greve

"Barricada" por direito ao ingresso

Pág. 11

poligrupo

UMA GRANDE EMPRESA DE CONSÓRCIOS DE COMPRA EM GRUPO

Membro da APAC

Experiência · Implantação nacional
Atendimento personalizado

ATENÇÃO TOTAL AO PARTICIPANTE

AUTOMÓVEIS · BARCOS · VIAGENS

Lisboa Tels. 76 51 17/77 21 67/87

Direitos para o homem

Entrevista com Thomas Hammarberg conduzida por Francis Cornu

Fato de veludo e voz baixa, no cenário funcional e austero da sede londrina do Amnesty International, Thomas Hammarberg perpetua a tradição de discreção da organização, apesar do prestígio que esta adquiriu num quarto de século. Antigo jornalista, depois secretário-geral da Amnesty em 1980, este sueco de quarenta e quatro anos privilegia o pragmatismo e parece ter uma certa desconfiança pelas belas e grandes declarações.

A reputação da Amnesty baseia-se nos resultados que obtém, na séria e paciente aplicação da tarefa dos seus membros. Sempre assim foi desde a fundação, e Hammarberg quer manter este objectivo para o futuro.

O futuro da Amnesty e dos direitos do homem?

Thomas Hammarberg evita vaticínios ocasionais. Ele exprime, com frio realismo, quase tanto pessimismo como optimismo, mas essa contradição justifica e motiva de momento a persistência dos esforços obstinados que são a marca a instituição que ele anima.

* * *

— Tendo em conta os vinte e cinco anos de experiência da Amnesty, que evolução vê para os próximos anos? Quais são, acerca dos direitos do homem, os seus receios e as suas esperanças?

— Somos um movimento de defesa, logo a nossa missão depende da repressão. É muito provável que se continue a precisar da Amnesty ainda durante muitos anos. Porque não vemos nenhuma melhoria determinante no respeito pelos direitos do homem.

Neste sentido, a Amnesty foi um fracasso. Não conseguimos nada de decisivo nem estamos perto de o conseguir. Assistimos actualmente a um aumento de hipocrisia, num mundo onde nós e outros levámos os governos a assinar acordos de princípio sobre os direitos do homem.

Nas Nações Unidas, quem não se declara contra a tortura? No entanto, muitos desses governos, nos seus países, não só toleram como utilizam a tortura entre outras violações, como uma técnica do poder. Esse é um desafio importante. É neste terreno que cada vez se produzirá mais um conflito entre os interesses que defendemos e os de certos governos sobre o problema da informação. O controlo desta parece dever ser a aposta principal da luta que já está iniciada. As pessoas que em diversos países nos informam são incomodadas, presas, ou até desaparecem. Trata-se de uma tendência que se desenvolve.

Na Alemanha do Leste há actualmente uma legislação que criminaliza o facto de dar informações ao estrangeiro, principalmente no que diz respeito aos direitos do homem.

— Uma tal resposta seria o preço do êxito de organizações como a Amnesty?

— Sim, é em parte devido à pressão que podemos exercer. Somos um alvo, mas o conjunto dos medias são visados. Muito mais do que há alguns anos, os governos preocupam-se com a sua imagem no plano internacional. Eles sabem que tanto os nossos relatórios como outros, publicados pelos medias, podem provocar-lhes consideráveis prejuízos. Alguns chegam a investir somas enormes e assegurar os serviços de agências americanas especializadas na comunicação para contrabalançar o efeito das nossas relações. Corremos o risco de ver a luta pelo respeito dos direitos do homem transformar-se em prova de relações públicas.

— Apesar dos aperfeiçoamentos da repressão a Amnesty não mostrou que era por vezes possível, em materia de informação, tornear os dispositivos dos sistemas mais hermeticamente fechados?

— É certo que recolhemos muito mais dados que há quinze ou vinte anos. Fala-se mais das exacções e das violações que denunciamos, e isto dá a impressão de que a situação se degrada incessantemente no mundo. No entanto, trata-se de um elemento positivo. Digamos que a parte emersa do iceberg é agora muito mais importante: é bastante encorajador.

— A notoriedade adquirida pela Amnesty não implica, com o decorrer dos anos, progressos nos vossos meios de investigação, na medida em que se sabe melhor a quem se dirigir para uma intervenção provavelmente eficaz?

— Há decerto uma sensibilização crescente e constatamos uma espécie de efeito bola de neve devido à publicidade que nos é dada. Um exemplo entre tantos outros: uma carta que nos chegou de uma pequena aldeia do Peru perdida nos Andes. Todos os habitantes a assinaram, uns em cruz, outros com uma impresão digital, para se queixar de uma intervenção brutal do Exército em busca de terroristas. Ignoravam o nome da nossa organização, mas sabiam que havia «qualquer coisa» em Inglaterra... E a mensagem chegou.

Não precisamos de propaganda para sermos conhecidos. Outro exemplo: as autoridades do Zimbabwe estão neste momento muito irritadas connosco. Somos constantemente atacados pela Imprensa governamental. Mas recebemos cada vez mais testemunhos deste país. Assim, a hostilidade de um governo ajuda-nos a desenvolver a nossa acção.

— Tem projectos para melhorar o funcionamento da Amnesty ou aumentar as suas actividades?

— A nossa principal preocupação é obter resultados e um impacte preciso. Para tal temos de nos adaptar, mas não procuramos necessariamente a expansão. O objectivo prioritário dos próximos meses e dos próximos anos é aumentar o nosso programa de formação para que os nossos membros estejam mais aptos a um trabalho tão delidado que o mínimo erro pode causar grande prejuízo àquilo que fazemos. Mas aí chocamos com um problema financeiro que neste momento discutimos.

Já exigimos muito de cada um — uma contribuição de quase 500 a 600 francos, em média, por cada grupo de dez pessoas. Cada unidade ou secção é incessantemente incitada a encontrar recuursos suplementares organizando colectas. Em todo o caso, a nossa margem de manobra mantém-se limitada porque recusamos grandes donativos a fim depreservar a nossa independência.

Alargar o nosso campo de acção? Parece-nos difícil aumentar o número dos prisioneiros de ópio de quem nos encarregamos: quase cinco mil permanentes. O trabalho é, em cada caso, muito longo e complexo, tanto mais que temos que cuidar rigorosamente em estabelecer certas distnções de que a nossa imagem depende. Assim, não consideramos como violação dos direitos do homem a prisão de um terrorista, sobretudo se a violência a que ele recorreu fez vítimas. Mas isto não nos impede de militar para que lhe seja garantido um processo justo. Os terroristas também têm direitos, entre outros o de não serem torturados nem executados.

Todos os anos adoptamos uns dois mil e quinhentos novos casos. Mas todos sabem que a Amnesty se mantém discreta sobre os seus êxitos.

— Essa eficácia limitada não provoca frustrações e a tentação de tomadas de posição mais fortes?

— Alguns recém-chegados pensam que podíamos fazer mais e desejariam transformar a organização, aproveitar a estima de que ela goza, torná-la, digamos, mais política. Os diferentes movimentos pacifistas e ecológicos marcaram inegavelmente a nossa época, mas os mais antigos dentre nós preocupam-se com esses pedidos a que muitas vezes respondo: Se nos tornássemos um movimento político, seríamos desastrosos porque incompetentes. Não nascemos para isso.

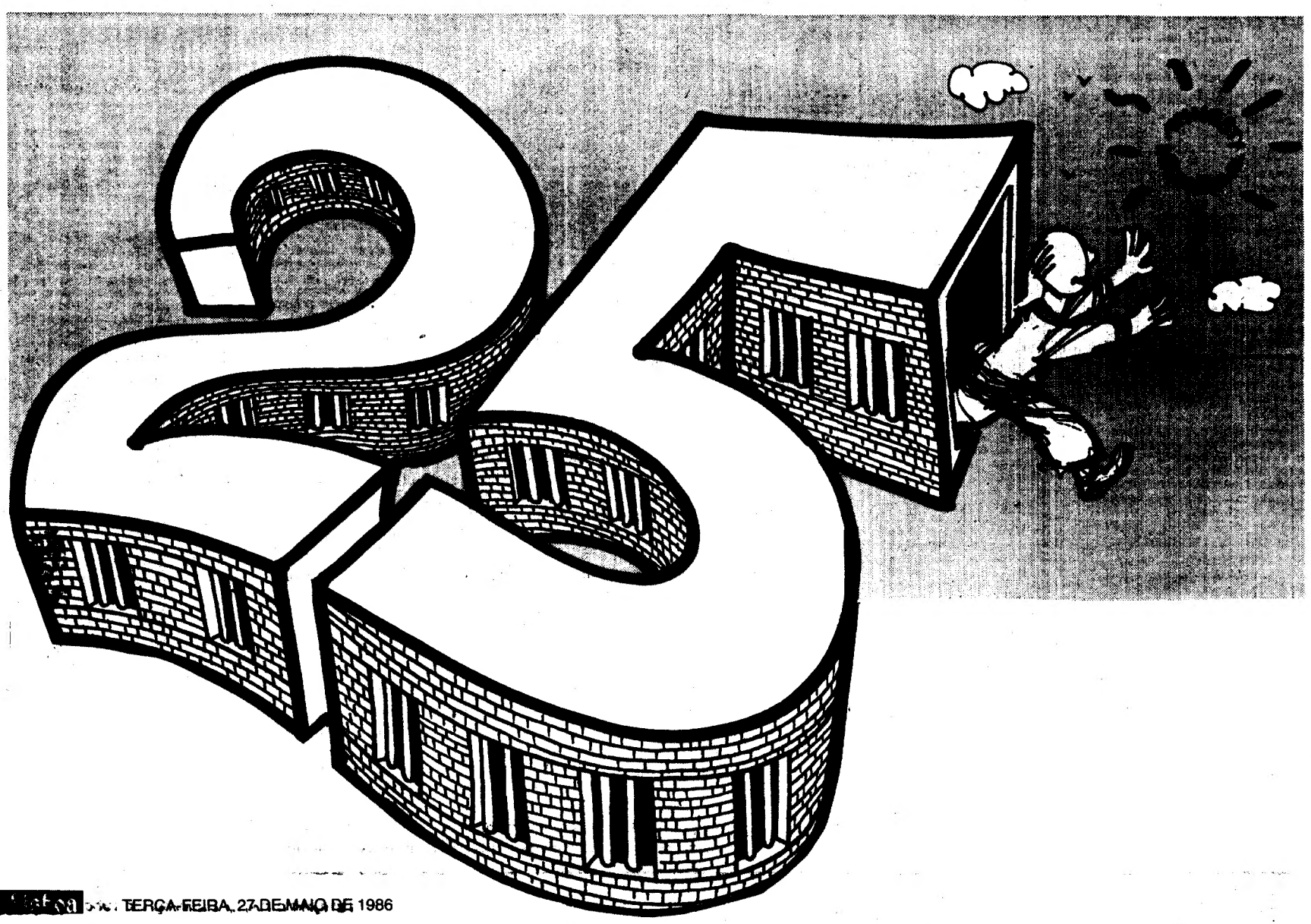
— Até ao quinquagésimo aniversário da Amnesty, que mudanças poderá ela sofrer?

— Uma vez mais, a nossa vocação é reagir. Com os progressos das tecnologias da comunicação, a liberdade de expressão será mais do que nunca o grande tema de conflito. Alguns tipos de governo terão dificuldade em sobreviver se deixarem a crítica desenvolver-se.

Claro que teremos que lutar sempre contra a tortura e a pena de morte. Mas regimes cada vez mais numerosos admitirão decerto que a tortura não é, por exemplo, fiável, como meio de obter informações, e é muito cara no que diz respeito às relações internacionais. É de esperar que o tratamento dos presos políticos melhore até ao fim do século.

Mas são de recear novas formas de opressão, mais subtis. Os velhos ataques que têm em vista desacreditar-nos acusando-nos de agir do lado da CIA e do KGB não dão frutos. Receio agora tentativas muito mais elaboradas para perturbar os nossos meios e os nossos métodos de investigação, isto é, tudo o que diga respeito a técnicas de desinformação.

Amanhã : 1961 — Uma chama no fundo do esquecimento



A aliança contra o cancro

A Europa vai à guerra

Maurice Tubiana (*)

Exclusivo Le Monde/DL

O princípio de uma acção europeia contra o cancro foi decidido por iniciativa da França pelos chefes de Estado e de governo, em Junho de 1985, quando da reunião de Milão. O grupo de peritos, depois de várias reuniões, principalmente em Paris no passado mês de Fevereiro, apresentou o seu relatório.

Apesar das reacções favoráveis que este provocara havia quem receasse que ele se juntasse nos arquivos dos Estados europeus aos inúmeros relatórios cobertos de louvores antes de cair no esquecimento. Felizmente parece não ter sido assim. Um mês depois da apresentação do relatório já foram tomadas medidas concretas e algumas delas começam a ser executadas.

Outras estão a ser programadas, e as discussões orçamentais para os próximos anos começam. Em suma, dir-se-ia que graças a uma conjunção feliz das aspirações profundas do conjunto dos europeus, bem entendidas e expressas pelos homens de Estado, ao dinamismo dos cancerologistas e ao entusiasmo activo dos administradores da CEE, a acção da Europa contra o cancro se torne uma realidade. Outro sinal marca, de resto, o êxito da operação: a Suíça e os Estados escandinavos (principalmente a Suécia, a Noruega e a Finlândia) pedem para participar.

O momento é, com efeito, propício para uma tal acção. Devido ao envelhecimento progressivo das populações, o número de casos de cancro aumenta todos os anos. Por outro lado, o rápido progresso dos conhecimentos permite entrever possibilidades de acções eficazes. Que dá a Europa a uma tal mpresa? Antes de mais o número. Em investigação 2+2 não são necessariamente 4, podem ser mais porque, a partir de uma certa massa, a eficácia cresce mais depressa do que o número de investigadores. Para a terapêutica, a acção concertada dos hospitais europeus permitiria acelerar consideravelmente a realização e a avaliação de novos tratamentos. O estabelecimento de uma rede informática entre esses hospitais facilitará o rápido intercâmbio de informações. A constituição de bancos de dados, por exemplo sobre os efeitos de novos medicamentos, trará uma ajuda considerável ao desenvolvimento das estratégias terapêuticas.

A investigação em laboratórios ganharia em eficácia se as equipas europeias cooperassem mais e coordenassem os seus esforços. É impensável agir de modo autoritário, mas o melhor modo de os levar a trabalhar em conjunto é favorecer os intercâmbios. As Comunidades acabam de decidir a criação de cinquenta bolsas que todos os anos permitirão que jovens cientistas e médicos europeus trabalhem durante um ano noutro país europeu.

Enfim, os inquéritos sobre a origem dos cancros humanos necessitam de estudos sobre grandes populações.

Vejamos, por exemplo, os cancros profissionais. Se se quer conhecer os riscos da manipulação de determinado produto, o inquérito será longo e incerto quando feito num só país, porque dirá unicamente respeito a algumas centenas de trabalhadores expostos ao risco. À escala da Europa, em vários milhares de trabalhadores, ele chegará mais rapidamente a conclusões significativas.

A regulamentação constitui o segundo aspecto de uma acção europeia. Eis alguns exemplos: a prevenção, isto é, a luta contra os factores cancerígenos do ambiente, só pode ser levada a efeito com eficácia a nível europeu. Assim, o tabaco é essencialmente, de longe, o principal factor de risco, visto que ele está na Europa, segundo os países, na origem de um quarto ou de um terço dos cancros. A nossa civilização está tão impregnada dele, ele tornou-se uma droga tão usual, tão banal, que, embora se saiba que em França, por exemplo, mata entre 80 000 e 100 000 pessoas por ano, lutar contra ele é extremamente difícil, devido à anestesia da opinião pública e porque em todos os nossos países europeus uma conjunção de interesses particulares prejudica consideravelmente tanto no plano psicológico com no material, as iniciativas tomadas.

Em 1975, Simone Veil lançou corajosamente uma acção eficaz no seu início mas que, a pouco e pouco, foi chocando no cepticismo e depois numa resistência dissimulada. Com medo de culpabilizar os fumadores, a campanha de informação diminuiu. Os grandes corpos que, normalmente, deviam ter continuado (os professores, os médicos de clínica geral, os média) tiveram medo de aparecer como moralistas ou criadores de problemas, o que é mal visto em França. Em suma, a acção não teve sequência. O consumo tabágico, que aumentava ao ritmo de 5% por ano, estabilizou-se, o que é um resultado apreciável, mas não diminuiu, o que se conseguiu em vários países ocidentais.

Em 1985 tornou-se evidente que era necessário um relançamento, mas que este passava pela Europa, tanto mais que só as Comunidades Europeias podiam tomar decisões verdadeiramente eficazes: excluir o tabaco do índice do custo de vida, proibir a distribuição gratuita de tabaco a certos grupos ou a sua venda a preço reduzido, regulamentar o uso de tabaco em lugares públicos, a sua publicidade, o seu conteúdo máximo de alcatrão, etc. Em suma, lutar com os hábitos e as regras absurdas que em França atingem o paradoxo de os cigarros mais perigosos (de alto teor de alcatrão) serem os mais baratos. Basta lembrar o fracasso de Beregovoy junto das instâncias europeias quando, ministro dos assuntos sociais, quis instaurar uma vinheta no tabaco para compreender que muitas medidas úteis têm de passar actualmente pela Europa.

Os medicamentos também ilustram a necessidade de uma acção europeia. Actualmente os regulamentos sobre as experiências que são feitas antes deles serem postos à venda são tão complexos e variados de um país para outro que podem decorrer dez anos entre a sua autorização num país e a sua venda em toda a Europa. É normal e salutar que só sejam autorizados os medicamentos cuja eficácia foi provada e cuja toxicidade é aceitável, mas é lamentável que os regulamentos difiram de um país para outro, e impeçam a criação de um verdadeiro espaço científico e industrial europeu do medicamento. Do mesmo modo os métodos destinados a verificar que um produto, por exemplo um aditivo alimentar ou um poluente atmosférico, não é cancerígeno são muito variáveis, o que implica um gasto excessivo de energia e de dinheiro, logo um encarecimento dos produtos e atrasos na luta contra os produtos perigosos.

Favorecer as biotecnologias

A informação do público através de uma semana europeia cntra o cancro organizada todos os anos, a formação contínua dos médicos utilizando todos os meios de comunicação modernos, constituem um terceiro domínio a que uma acção europeia pode dar um acréscimo de eficácia e uma redução dos custos.

Assim, os peritos cancerologistas europeus foram unânimes em propor uma série de medidas precisas que permitiriam trabalhar em comum na investigação, prevenção do cancro, informação do público, educação dos médicos. Todos desejam uma coordenação dos esforços e uma entreajuda das equipas de investigação. Na altura em que os Estados Unidos gastam 1,3 mil milhões de dólares por ano com a investigação sobre o cancro, em que o Japão lança um ambicioso programa de biotecnologia, no qual anuncia que gastará anualmente, nos próximos vinte anos, 500 milhões de dólares, o menos que a Europa pode fazer é, com somas relativamente mínimas (uns dez milhões de dólares por ano), promover a cooperação de equipas muitas vezes notáveis de médicos e investigadores dos nossos diferentes países.

O cancro não é só uma doença que mata todos os anos quase um milhão de europeus, é também um problema de biologia fundamental. Trabalhar para a sua solução contribuirá, bem entendido, para a melhoria do estado sanitário, mas também terá consequências industriais importantes, estimulando a investigação biotecnológica num domínio crucial. Cada um dos nossos países tem dimensões um pouco limitadas para atingir um tal objectivo, a criação de um espaço científico e industrial europeu é indispensável neste domínio. Temos que nos apressar a construi-lo, porque a biotecnologia será para as indústrias do século vinte e um, o que a física e a químvca foram para as do século vinte.

(*) Professor da faculdade de medicina de Paris-Sul, director do Instituto Gustave-Roussy.

Pinto Machado partiu para Macau

O novo governador de Macau, Pinto Machado, afirmou ontem que a sua equipa sabe que terá de «prestar contas, — sem desculpabilizações a pretexto de quaisquer alibis» — das responsabilidades que assumiu.

Pinto Machado falava no aeroporto da Portela, em Lisboa, no momento da partida para aquele território, acompanhado dos secretários adjuntos Nuno Delarue (Assuntos Sociais e Saúde), Carvalho Dias (Equipamento Social) e Mário Cordeiro (Educação e Cultura).

Os secretários adjuntos Carlos Monjardino (Economia, Finanças e Turismo) e António Vitorino (Administração), por razõesmeramente burocráticas, só partem na próxima semana.

O governador daquele território sob administração portuguesa garantiu que «no estrito domínio da sua competência e na medida plena da responsabilidade correspondente», os seus secretários adjuntos «dedicar-se-ão inteiramente à tarefa de conceber, programar e realizar uma política verdadeiramente humanista, que tenha em vista o desenvolvimento integral da população de Macau».

Para esse «desenvolvimento todo de todos», contam «antes de mais, consigo mesmos, sabendo que da responsabilidade que assumiram terão de prestar contas, sem desculpabilização a pretexto de quaisquer álibis», disse.

Pinto Machado disse que conta com «o empenhamento do Presidente da República, mormente em aspectos políticos mais delicados; em relação aos quais a sua experiência política, ímpar entre nós, lhe dará preciosa orientação».

De igual modo, o seu executivo sabe que «lhe será assegurada a indispensável colaboração de serviços dependentes da tutela do Governo, como foi garantido pelo Primeiro-Ministro».

Realçou, também, «o modo de ser, de estar e de agir» da sua equipa que irá merecer «a confiança da população de Macau», de tal modo que será temperada pela «força suprema da autoridade moral», graças a qual, disse, será «bem aceite, desejada e, até, amada».

Pinto Machado afirmou que parte com «serenidade, determinação e entusiasmo», decidido a estar à altura da missão que definiu como «Portugal cumprir-se em Macau».

Proença de Almeida

O coronel Proença de Almeida será brevemente nomeado comandante das forças de segurança de Macau, revelou à Anop fonte militar.

Proença de Almeida, que desempenha actualmente as funções de comandante do Regimento de Artilharia de Lisboa (Ralis), foi designado pelo Estado-Maior do Exército e aceite pelo novo governador de Macau, Pinto Machado.

De acordo com o estatuto de Macau, o comandante das forças de segurança daquele território substitui o governador, na sua ausência, embora seja hierárquicamente equiparado aos secretários adjuntos do governador e a terceira figura, depois do Presidente da Assembleia Legislativa de Macau.

Mário Soares exalta papel do Tribunal Constitucional

Mário Soares formulou esta manhã, ao presidir à sessão comemorativa do 3.º aniversário da criação do Tribunal Constitucional e do 10.º aniversário da Constituição, o desejo de que a revisão constitucional, prevista para o próximo ano, se desenvolva num diálogo «sereno, pragmático e não em excesso ideológico».

O Presidente da República lembrou, a propósito, os «contributos fundamentais» da experiência e prática do TC cuja acção — acrescentou — «tem sido um importante factor de equilíbrio na interpretação e concretização do texto constitucional».

«Homenagear o Tribunal Constitucional — disse o PR ao encerrar a sessão, realizada na Sala de Actos do TC, decorada com um belíssimo óleo seiscentista emprestado pelo Museu de Arte Antiga — é uma forma ainda de evocar a Constituição que institui entre nós um Estado de Direito, aberto ao futuro e com imensas virtualidades de progresso».

O presidente do TC, prof. Marques Guedes, que reuniu por breves minutos no seu bem decorado gabinete, os visitantes ilustres (PR, Primeiro-Ministro, presidente da Assembleia da República e presidentes do Supremo Tribunal de Justiça e ST Militar e procurador-geral da República), usou em primeiro lugar da palavra para assinalar o facto de ter sido Soares o primeiro PR a visitar o TC e evocar, em breve intervenção o percurso constitucional português, desde a monarquia liberal, até à criação do TC «instância autónoma» — frisou — destinada a afirmar a «primazia da Constituição sobre as ordens jurídica e política» e com importância fundamental na «preservação e consolidação do Estado de Direito».

Magalhães Godinho

«O Povo português pode estar certo» de que o Tribunal Constitucional «permanecerá vigilante na defesa da Constituição e firme no cumprimento de todos os deveres daí decorrentes, como o mais importante e sólido garante da estabilidade e funcionamento do Estado de Direito democrático», sublinhou, por sua vez, o juiz conselheiro e vice-presidente do TC, José Magalhães Godinho, numa longa mas significativa intervenção.

O antigo Provedor de Justiça assinalou perante o PR a importância do trabalho já realizado pelo TC nos seus três anos de funcionamsnto, frisando que, apesar das ainda modestas condições de trabalho (salas ainda não completamente apetrechadas, quadro de pessoal escasso...) «tem agido com toda a isenção e independência, num espírito de sã e leal colaboração entre todos os seus membros «não desligando as suas decisões da realidade da vida» e subordinando-as sempre «ao seu empenhamento no respeito pela Constituição e pelo Estado de Direito Democrático».

Os 728 processos já organizados pelo TC (600 dos quais com decisão final) e os 92 acórdãos interlocutórios proferidos, foram igualmente citados na intervenção de José Magalhães Godinho que salientou, por outro lado a «legitimidade democrática de origem» daquele tribunal, com membros eleitos pela Assembleia da República (dez) e cooptados (três) os restantes.

Frisou o vice-presidente do TC que tal escolha não assenta em nomeação ou escolha corporativa (recado para o Supremo?) e que a composição não reflecte uma «exclusividade tecnicista, tecnocrática, procurando que os seus membros estabelecessem o equilibrado contacto entre a técnica jurisdicional e o mundo dos princípios, das éticas e dos sistemas, dos factos e da realidade da vida social...»

Elogio do CR

O elogio do Conselho da Revolução e da Comissão Constitucional (órgãos que antecederam o TC na fiscalização da constitucionalidade das leis) e da própria Lei Fundamental («traduz os anseios e as aspirações do nosso Povo, e serve com sabedoria e eficácia as necessidades sociais, económicas e culturais da sociedade portuguesa no seu estado actual...»), foram pontos salientes também do discurso de Magalhães Godinho.

O vice-presidente do TC lembrou ainda as três datas históricas do mês de Abril «da mais transcendente importância para o presente e futuro de Portugal» 2 de Abril — aprovação da Constituição; 25 de Abril e 6 de Abril — constituição e posee do TC.

Exaltou igualmente o articulado actual da Constituição, nomeadamente o seu carácter promenorizado em muitas matérias impedindo o recurso excessivo ou abusivo às leis ordinárias, designadamente sublinhou, citando Biscaretti — em relação com os diversos direitos públicos reconhecidos aos cidadãos.

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO
Comissão Liquidatária

AVISO

● NOVA FORMA DE PAGAMENTO DE RENDAS ●

1. – Avisam-se **todos** os moradores de habitações do FFH/C.L. de que deverão abrir CONTA em qualquer Agência da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS **até final do corrente mês de MAIO.**

2. – Como foi divulgado, deixarão de ser emitidos os tradicionais recibos de rendas e prestações, passando a utilizar-se uma nova forma de cobrança dos valores respectivos através de meios computarizados, com vantagens para todas as partes.

3. – Facultar-se-á prova complementar do pagamento a quem dela careça.

4. – Para evitarem incómodos e despesas desnecessárias, TODOS OS MORADORES deverão proceder como indicado.

DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE PATRIMÓNIO,
2 de Maio de 1986.

O CHEFE DO DEPARTAMENTO
António Augusto Serralha Ferreira

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
HOJE ÀS 21 30H TEL 726 08 18
3.º MÊS
ÚLTIMAS SEMANAS
CALIGULA DE ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA
MAIORES 12
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN
3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00
PRAÇA DE ESPANHA
BREVEMENTE: ESTREIA "TOURO" DE ABEL NEVES

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUIZO ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no próximo dia 19 de Junho, pelas 11 horas, à porta deste Tribunal, sito no Palácio da Justiça, R. Marquês da Fronteira, Lisboa, nos autos de Execução Sumária n.º 617/83, 3.ª Secção, em que é exequente Somapre Portuguesa de Ar Líquido (ARLÍQUIDO), SARL e executada Somapre-Soc. Mat. Pré-Esforçados, SARL, hão-de ser postos em praça pela 1.ª vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, o direito ao trespasse e arrendamento do estabelecimento da executada Somapre-Soc. Mat.Pré-Esforçados, SARL, sito na Av.ª da República, n.º 83 - 2.º em Lisboa, do qual é senhorio Novopca, Ld.ª.

— Para constar se lavrou o presente edital e outro de igual teor que vão ser legalmente afixados.

Lisboa, 13 de Maio de 1986

O Juiz de Direito
a) VÍTOR MANUEL PINTO FERREIRA MESQUITA
A Escrivã Adjunta
a) MARIA ANTONIETA TAVARES SOUSA GOMES

«DL» 27/5/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 17.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução sumária n.º 3154 1.ª secção.

Exequentes — União Fabril Farmacêutica, SARL.

Executado — Ciofar — Comércio de Especialidades Farmacêuticas, Ld.ª e outros

Lisboa, 21 de Maio de 1986

O Juiz de Direito,

(assinatura ilegível)

P/O Escrivão de Direito,

(assinatura ilegível)

D.L. 27/5/86 — 1.ª Pub.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Golegã em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1129, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Azinhaga, concelho da Golegã, de uma linha aérea a 30 KV com 773 metros, do poste n.º 8, da linha para o P.T. GLG 2 C, da S.I.C. — Sociedade Industrial de Concentrados, ao P.T. GLG n.º 12 C, de Maria Emília Veiga e Vasconcelos Alvaiázere, sito na Quinta do Meirinho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 13 de Maio de 1986

P/O Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

DELEGADOS DE PUBLICIDADE

Precisam-se para empresa gráfica

— Com experiência
— Boa apresentação
— Facilidade de argumentação

Resposta com *curriculum* a este jornal ao n.º 23 502

Durante uma visita oficial a Kyoto

Machel pede ao Japão que pressione Portugal

O presidente Samora Machel pediu ontem ao governo japonês que exerça «pressão política» sobre Portugal e a África do Sul a fim de ambos os países retirarem os apoios à Renamo, revelou a agência japonesa Kyoto. Segundo a AIM (agência moçambicana) Machel, que efectua uma visita oficial de cinco dias ao Japão, explica que o presidente de Moçambique fez aquele apelo durante um encontro realizado ontem à tarde entre delegações oficiais dos dois países.

Samora Machel pediu também ao Japão que utilize a sua influência junto do Governo da RFA para que Bona controle os apoios que os rebeldes moçambicanos recebem a partir deste país.

A uma pergunta das autoridades japonesas sobre a referência à Alemanha Federal, a parte moçambicana esclareceu que o governo do chanceler Helmut Kohl não estava implicado nos apoios à Renamo, mas não procurava pôr cobro às ajudas que no seu país são dadas à organização. A delegação japonesa não perguntou se nos casos de Portugal e África do Sul se tratava de apoios governamentais ou particulares.

Durante o encontro, Samora Machel fez um breve resumo da trajectória da Renamo. Disse ter sido criada na Rodésia do ex-primeiro-ministro Ian Smith, passando depois, com a independência do Zimbabwe, em 1980, para a tutela da África do Sul. Salientou que qualquer conivência com o movimento rebelde em Moçambique é uma forma de apoiar o regime do «apartheid» e o terrorismo internacional. A fonte da delegação presidencial moçambicana afirmou que o encontro foi «muito positivo» e sublinhou que se tem revestido de particular importância para o governo e os empresários japoneses o facto de Moçambique atribuir prioridade à agricultura na sua política de desenvolvimento.

Diplomacia africana pressiona portugal

O decano do Corpo Diplomático africano, Peter Kwalombota, da Zâmbia, pediu ontem a Portugal que compartilhe os problemas africanos, nomeadamente condenando as agressões dos Estados Unidos à Líbia e da África do Sul aos países vizinhos.

Falando na sessão comemorativa do 23.º aniversário da Organização de Unidade Africana, em Lisboa, o diplomata zambiano lembrou a presença de vários portugueses em África, cooperando no seu desenvolvimento e apelou ao governo português para condenar as agressões, sem receios.

«Vocês têm grande experiência dos retornados», disse Peter Kwalombota, acrescentando que o governo português não pode apresentar os retornados como pretexto para não condenar a actividade de guerrilhas antigovernamentais em Angola e Moçambique.

Governante cabo-verdiano visita Madeira

O secretário de Estado do Comércio e Turismo de Cabo Verde, Virgílio Fernandes, iniciou ontem uma visita oficial à Região Autónoma da Madeira, a convite do Governo Regional.

Virgílio Fernandes, que é acompanhado pelo director-geral de Turismo de Cabo-Verde, Olavo Rocha, manterá contactos com as principais entidades regionais e participará em reuniões com técnicos e responsáveis pela Secretaria Regional madeirense do Turismo, com investidores e agentes do sector na região e com todos os membros do governo madeirense.

Eanes e dirigentes do PRD analisaram televisão privada

O general Ramalho Eanes presidiu ontem em Lisboa a uma reunião em que participaram os dirigentes do PRD, José Carlos de Vasconcelos, Magalhães Mota e Hermínio Martinho, e «outras pessoas» exteriores àquele partido. O assunto desta reunião foi a televisão privada e as «outras pessoas» referidas por um porta-voz dos renovadores-democráticos eram elementos ligados aos meios da Televisão, um dos quais João Soares Louro.

Tratou-se, segundo a mesma fonte, de completar a visão geral que o PRD tem sobre esta matéria, e «enriquecê-la com outras contribuições de pessoas ligadas ao sector», bem como de saber também a opinião que o próprio general Ramalho Eanes tem sobre o assunto.

VI Congresso do PS

Primeiros delegados são hoje eleitos

São hoje eleitos os primeiros delegados ao Congresso do Partido Socialista. Vinte militantes em Lisboa e um em Coimbra, todos de núcleos de empresa, vão ser escolhidos para participar na reunião que optará, entre Vítor Constâncio e Jaime Gama para sucessor de Mário Soares à frente do PS.

No entanto, a maioria dos 1352 delegados vai ser eleita apenas no próximo fim-de-semana. Haverá ainda no Congresso, mais 217 delegados por inerência, entre membros da Comissão Nacional, secretários coordenadores das federações, membros da Comissão de Conflitos, da Juventude Socialista e das Mulheres Socialistas.

Hoje e no quadro da campanha eleitoral, Jaime Gama vai dar uma conferência de Imprensa no Largo do Rato, enquanto Vítor Constâncio participa em sessões de esclarecimento, também no Rato com a Juventude Socialista e na secção da Amadora com militantes locais.

Entretanto, o novo Secretariado da FAUL, maioritariamente «gamista», convidou ambos os candidatos a secretário-geral para um debate na FAUL. Gama, que sempre tem sido favorável à realização destes encontros, já aceitou o convite e os seus serviços de apoio aproveitaram para responsabilizar Constâncio pela não realização do debate.

TÍTULOS DE PARTICIPAÇÃO 1986

6 000 000 DE TÍTULOS

valor nominal: 1 000$00

Emitidos ao par, com pagamento integral no acto da subscrição e sem rateio.

SUBSCRIÇÃO

Aos Balcões do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa de 20 de Maio a 27 de Junho, reservando-se os dois primeiros dias para subscrição de montantes não superiores a Esc. 500 000$00.

RENDIMENTO DOS TÍTULOS

Compõe-se de uma parte fixa e de uma parte variável. A parte fixa do rendimento corresponde a 75% do valor nominal dos Títulos. A parte variável de referência do mercado [illegible] no início de cada [illegible] de juros [illegible] taxa base. [illegible] valor nominal [illegible] resultados [illegible]

GARANTIA DE RENDIMENTO MÍNIMO

O Banco garante, à taxa [illegible] mercado de capitais, um [illegible] mínimo, isento de impostos, de 17,39%.

PAGAMENTO DOS RENDIMENTOS

Anualmente, durante o mês de Junho, com início em 1987.

VANTAGENS FISCAIS

Rendimento isento de imposto de capitais, complementar e de sucessões e doações.

OUTROS BENEFÍCIOS

Atribuição aos participantes, a título gratuito, de novos Títulos [illegible] os aumentos de capital [illegible] reservas livres.

[illegible] preferência para subscrição de futuras [illegible] de Participação BESCL.

[illegible] de 2 anos, [illegible] iniciativa do Banco ou [illegible] mediante acordo do Banco.

ADMISSÃO À COTAÇÃO

Nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto após a entrega dos Títulos definitivos.

EMISSÃO TOTALMENTE SUBSCRITA

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA
de 20 de Maio a 27 de Junho

BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

Barreto quer democratizar ensino

O deputado socialista António Barreto entregou na Assembleia da República um projecto de lei cujos objectivos expressos são «a promoção da igualdade de oportunidades perante o sistema escolar e a universalidade da escolaridade obrigatória».

Partindo do princípio de que a educação e a formação principal são «factores prioritários de desenvolvimento económico, social e cultural», o diploma faz uma incursão pela situação do ensino no nosso país recordando a taxa de analfabetismo existente, o insucesso escolar e as percentagens de estudantes que abandonam os primeiros graus de ensino, para concluir que a «falta de instrução e cultura e a insuficiente preparação técnica se manterão nas próximas décadas». Isto se não acontecer uma «excepcional acção dos poderes públicos» que torne efectiva no mais curto espaço de tempo possível «uma autêntica universalidade do ensino».

Mas o que preocupa particularmente o deputado socialista são «as desigualdades perante o sistema escolar, a educação, a cultura e a formação» e que, em seu entender, «traduzem uma inaceitável injustiça e constituem um forte travão ao desenvolvimento económico e ao progresso da sociedade».

Daí as medidas que preconiza e que assentam não só na gratuitidade do ensino básico, secundário e da educação pré-escolar, mas também numa série de apoios de carácter material e financeiro. De entre estes saliente-se: subsídios de encorajamento aos estudos para as famílias sem recursos cujos filhos frequentam qualquer nível da escolaridade obrigatória; empréstimos a «muito baixo juro» aos agregados familiares que tenham filhos que pretendam prosseguir os estudos secundários para além da escolaridade obrigatória; apoio efectivo nos transportes, na alimentação e na saúde, quer através de subsídios, quer da instalação de cantinas e na distribuição de senhas gratuitas de refeição; e fornecimento pelo Estado de manuais e de material didáctico.

«Verdes» fazem perguntas

Entretanto, o partido «Os Verdes» tornou públicas algumas das perguntas que fez ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, e à Secretaria de Estado do Ambiente através de requerimentos entregues na Mesa do Parlamento, todas sobre as centrais nucleares de Sayago e Almaraz, em Espanha.

Invocando os «riscos vários e os perigosos impactos ambientais provocados pela produção de energia nuclear» e recordando as populações durienses que se encontram na zona de influência da central nuclear de Sayago, «Os Verdes» querem saber qual a situação actual desta central, para quando está prevista a sua entrada em funcionamento e quais os acordos previstos entre os governos de Portugal e Espanha no que diz respeito a fiscalização e obrigações. Sobre uma outra central nuclear espanhola, a de Almaraz, o partido ecologista depois de recordar as «diversas informações sobre incidentes» aí registados, inquere não só sobre os acordos entre os dois países, mas também sobre as vezes que a referida central já parou («acusada de estar construída com graves deficiências técnicas»), em que ponto se encontram as conversações dos dois governos sobre a qualidade da água e qual a capacidade dos organismos portugueses para a fiscalização da qualidade da água proveniente de Espanha.

Assembleia Municipal Vila Franca de Xira

MOÇÃO

A Assembleia Municipal de Vila Franca de Xira, reunida em sessão extraordinária, no dia 21 de Maio de 1986, deliberou aprovar a seguinte moção:

Considerando que:

- Os sistemas de segurança da CP são obsoletos, estando desde há muito ultrapassados.
- O acidente ocorrido na Póvoa de Santa Iria onde foram vítimas mortais 19 pessoas, jovens na sua maioria, pôs em causa as condições de segurança do tráfego ferroviário na linha do Norte.
- Os milhares de contos necessários para remodelar o sistema são uma gota de água comparada com as vidas que se perderam, e que se continuam a pôr em risco.

A Assembleia Municipal de Vila Franca Xira reunida no dia 21 de Maio de 1986 decide:

— Manifestar às famílias das vítimas e a todos os sinistrados os mais profundos e sinceros sentimentos de pesar e de solidariedade nesta difícil hora que estão vivendo.
— Exigir que a CP assuma as suas responsabilidades, para com as famílias das vítimas e para com os sinistrados.
— Exigir que sejam tomadas medidas no sentido de não vir a acontecer novo acidente.
— Manifestar o apoio às posições tomadas pela Câmara Municipal nos seus comunicados datados de 6 de Maio e de 7 de Maio.
— Manifestar aos jovens que se organizaram em comissão o nosso apoio e solidariedade à luta que prentendem desenvolver no sentido de que não se repitam novas tragédias.

Vila Franca de Xira, 21 de Maio de 1986

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL

22 anos depois da rádio Caroline

Emissões piratas vão ser regulamentadas

Lei da Caça em votação final

Vinte e dois anos depois da primeira emissão da Rádio Caroline, a famosa estação pirata que na década de 60 fez as delícias da juventude, os deputados portugueses vão votar na generalidade diplomas que permitem a legalização das rádios locais.

Mas hoje nos trabalhos parlamentares será também aprovado o texto definitivo da Lei da Caça e está incluído o debate de um projecto de lei do PRD sobre a transmissão pela Rádio e pela Televisão de produções dramáticas portuguesas. Estão igualmente previstos na ordem do dia os projectos e propostas sobre a Radiodifusão.

Entretanto, representantes da cooperativa de Rádio TSF vão dar durante a tarde uma conferência de Imprensa na Assembleia para denúncia de compromissos anteriores já assumidos pelo poder político e que se sobrepõem aos diplomas em debate sobre licenciamentos de novas estações de Rádio.

Trata-se de «um escândalo» que poderá inclusive tirar parte do sentido aos diplomas que hoje serão votados na generalidade — disse à NP um jornalista da TSF.

Carta de caçador é obrigatória

Quanto à Lei da Caça, único dos diplomas constantes da agenda que vai ser aprovado em votação final, prevê vários regimes de caça e a obrigatoriedade da «carta de caçador».

Aponta para um regime cinegético especial nos terrenos com importância para as aves migradoras, prevê também «zonas de caça nacionais» (propriedade ou exploração do Estado), «zonas de caça sociais» (de preferência em terrenos do sector público ou cooperativo) e «zonas de caça associativas».

Estas últimas serão constituídas de preferência em terrenos privados ou cooperativos, nos quais a área correspondente a cada caçador não poderá exceder 30 hectares e a área global não poderá ultrapassar três mil hectares.

Estes limites poderão, no entanto, ser aumentados em terrenos sem outra aptidão económica desde que tal seja proposto pelas confederações nacionais de caçadores e obtenha parecer favorável do Conselho Nacional da Caça e da conservação da fauna.

Nestes terrenos, o exercício da actividade venatória é reservado aos seus associados e a delimitação destas «zonas de caça» está sujeita ao pagamento de taxas.

A lei prevê ainda um outro regime, para as chamadas «zonas de caça turísticas».

Quanto aos «enclaves» — parcelas de terreno rodeadas pela «zona de caça associativa» — o seu proprietário poderá vir a ser compelido a aderir à Associação, incluindo desta forma a sua terra na referida zona.

Isto poderá acontecer desde que a superfície dos «enclaves» não exceda 10 por cento da área resultante da agregação.

A lei estipula por outro lado que não poderá ser feita a importação ou exportação de exemplares vivos ou mortos de animais caçados sem prévia autorização das autoridades oficiais.

O diploma diz que só podem ser caçadores os maiores de 18 ou de 14 desde que não utilizem armas de fogo.

Todos os caçadores têm de ter uma «Carta de Caçador», sujeita a taxa e de ter licença para utilização de armas de fogo se for esse o caso.

A obtenção da carta de caçador fica dependente de um exame a realizar pelo candidato perante os serviços do Estado e representantes das associações de caçadores, destinado a apurar se possui aptidão e conhecimentos necessários ao exercício das actividades venatórias, designadamente sobre fauna, ordenamento cinegético, legislação, meios e processos de caça, manejo de armas de fogo e meios se segurança.

O diploma dispensa, no entanto, da carta de caçador os membros do corpo diplomático e os estrangeiros não residentes se no seu país tiverem licença de caça.

O diploma contempla ainda a criação de caça, treino de cães, penas para os infractores (prisão até um ano e multa até 300 dias), serviços competentes do Estado e fiscalização, associações de caçadores.

Entretanto, esta lei especifica que o seu conteúdo não se aplica aos Açores e à Madeira.

Televisão para a Igreja

A comissão parlamentar encarregada de apreciar a proposta de lei governamental da Televisão para a Igreja decidiu ontem constituir uma subcomissão destinada a preparar um texto alternativo.

Entretanto, a comissão decidiu ainda, por unanimidade, aprovar uma proposta do PCP no sentido de que as suas reuniões passem a ser abertas à Imprensa (a próxima, já aberta, realiza-se amanhã de manhã).

A comissão decidiu ainda elaborar um programa de audiências.

Os deputados pretendem ouvir sobre esta matéria responsáveis e entidades, tendo em conta seu peso institucional e técnico relativamente à questão.

Esta comissão é constituída por deputados de todos os grupos parlamentares (PSD, PS, PRD, PCP, CDS e MDP), sendo presidida pelo centrista Abel Gomes de Almeida.

Segurança Interna

O Governo vai pedir ao Parlamento que aprecie a proposta de lei de Segurança Interna até ao final desta sessão legislativa, revelou uma fonte oficial.

Recorde-se que os grupos parlamentares do MDP/CDE e do PCP, na semana passada, pediram a impugnação da admissão da proposta de lei na Assembleia da República.

Nos recursos invoca-se a inconstitucionalidade da referida proposta legislativa, nomeadamente quanto à noção de segurança interna, a militarização da PSP, aos «vastos poderes» sem tipificação para adoptar «medidas de Polícia», a privação de liberdade «sem precisa fixação de prazo», ao controlo de comunicações fora de processo criminal, entre outros pontos.

A proposta de lei de Segurança Interna do Governo entrou no Parlamento no passado dia 16.

"Fortalezas navais" reabastecem-se nos Açores

Quatro navios dA Marinha norte-americana, os maiores que até hoje atracaram ao porto de Ponta Delgada, estão a abastecer-se no Cais NATO, sob fortes medidas de segurança e com a protecção do Comando Naval dos Açores.

Os navios, de 40 mil toneladas brutas, são autênticas bases logísticas flutuantes dos Estados Unidos da América, transportam material e equipamentos militares e possuem um sistema de navegação do mais sofisticado que existe.

A segurança que rodeia os quatro navios é interpretada por fontes militares de Ponta Delgada como uma forma de salvaguardar o secretismo dos seus equipamentos.

Os vasos de guerra, que fazem parte de um projecto aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos em 1978, estão permanentemente no mar, sempre em posições estratégicas face aos conflitos que envolvem directa ou indirectamente os Estados Unidos. São considerados como «um dos elementos essenciais» da Força de Intervenção Rápida dos Estados Unidos em todo o Globo, nomeadamente no Sul da Europa.

125 ANOS
1861 · 1986

Existe algum banco que se possa orgulhar de numa **sim**biose de tradição e modernidade, perfazer 125 anos, significando experiência dinamismo e actualização?

sim!

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco sim

simplicidade & simpatia

Quem o afirma é a Embaixada daquele país em Lisboa

"Escalada na perseguição" policial contra cidadãos cabo-verdianos

Manuel Geraldo*

Tomando como exemplo apenas três casos recentes, a Embaixada de Cabo Verde, através do seu porta-voz em contacto com o «DL», considerou haver neste momento uma «escalada na perseguição policial» relativamente a cidadãos daquele país radicados em Portugal. A mesma fonte, que centralizou as suas críticas sobretudo na PSP e na GNR, não hesitou em classificar tal atitude como uma «autêntica caçada» dirigida contra a mais numerosa colónia de estrangeiros, radicada sobretudo na área da Grande Lisboa e no Algarve, aproveitando de certa maneira a oportunidade de fazer esta denúncia, que é também de alerta, no momento em que o 1.º Ministro de Cabo Verde, comandante Pedro Pires, se prepara para encetar uma visita oficial ao nosso país.

O caso mais recente, e simultaneamente mais grave, ocorreu com o jovem pedreiro Fernando Monteiro Mendes, de 21 anos, conhecido por «Nandinho», falecido no passado dia 15, no Hospital de S. José, escassas horas depois de ter sido trazido da esquadra de Algés. A sua detenção ocorreu nesse mesmo dia na sua residência em Algés de Cima, no Bairro da Pedreira dos Húngaros, tendo em seu poder, ao que refere o auto de notícia da PSP, quatro gramas de heroína, cocaína e haxixe, seis seringas de plástico já bastante usadas, dois relógios de pulso em quartzo e vários livretes de veículos automóveis.

Responsáveis da instituição comandada por Almeida Bruno afirmaram que «Nandinho» sucumbiu a «overdose» (ao pressentir a chegada da Polícia terá ingerido uma dose excessiva de droga), mas familiares, vizinhos e compatriotas do jovem defendem que ele era «um rapaz bastante trabalhador» e que a sua morte foi provocada pelos «maus tratos dos agentes que o foram prender».

Posteriormente, a autópsia realizada ao cadáver de «Nandinho», e a que o «DL» teve acesso, concluiria que a sua morte foi motivada por «hemoperitoneu pós-traumático e luxação do baço», ou seja, devido a agressão e não por «overdose». Mas igualmente grave, e preocupante, é o facto de forças policiais terem cercado o Bairro da Pedreira dos Húngaros, procedendo à destruição a «camartelo» da residência (mais barraca do que casa) do jovem falecido, sem que a Câmara de Oeiras houvesse sido oficializada, tal como foi garantido à Embaixada de Cabo Verde por um elemento da edilidade ligado ao sector da Habitação e Obras Públicas.

No «Florbela» em Alfragide

A segunda ocorrência da série aconteceu em Alfragide, no concelho da Amadora, tendo como protagonista Carlos Mendes Tavares, proprietário do café «Florbela», situado no Alto da Cova da Moura, detido pela PSP na madrugada de 11 do corrente, no seu estabelecimento, onde decorria uma festa de aniversário do seu cliente e vizinho Luís Fernandes Mota.

Carlos Mendes Tavares, que acabaria por ser absolvido no dia seguinte no Tribunal de Polícia, das acusações de «resistência, insulto e tentativa de agressão a guardas da PSP», afirma que, cerca da 1 e 30, agentes da instituição entraram no estabelecimento e mandaram baixar a música, tendo a sua ordem sido acatada de imediato. Só que mais tarde os agentes voltaram e após peripécias que seria fastidioso relatar, apontaram, quando já não havia convidados no «Florbela», espingardas e pistolas à cabeça de Carlos Tavares, deram-lhe «murros, bofetadas, chutos no estômago e nos testículos», partiram «prateleiras, garrafas e copos» e conduziram Carlos Tavares à esquadra, algemado e num carro-patrulha. Na esquadra, e tal como o cidadão cabo-verdiano relatou ao juiz do Tribunal de Polícia, um dos agentes começou a «dar-lhe murros na cabeça, no estômago e chutos nos testículos». O mesmo tipo de violência seria depois exercida por um graduado que, para além das agressões, apelidaria Carlos Tavares de «cabrão», «preto de merda» a quem faria «ficar branco» e que os cabo-verdianos eram todos uns «drogados e ladrões».

Cidadão cabo-verdiano espancado pela PSP

Libertado mais tarde, o proprietário do «Florbela» diria no dia seguinte, perante o juiz, que o absolveu, que do seu estabelecimento tinham desaparecido o dinheiro que estava em caixa e duas máquinas fotográficas.

No «Adriano» em Quarteira

Finalmente o último caso, este chegado directamente à Embaixada de Cabo Verde, referente a André Avelino Lopes Leal, pedreiro, residente no Bairro dos Pescadores, 73-A, em Quarteira. Refere André Leal que, no dia 29 de Março deste ano, pelas 23 e 45, quatro elementos da GNR entraram no Bar Adriano, naquela localidade algarvia, onde ele se encontrava e depois de revistarem todas as pessoas presentes, sem nada de anormal terem detectado, acabaram por levá-lo de jipe para uma zona isolada em Vale de Lobo, onde o empurraram para o chão, pontapeando-o e agredindo-o a murro e a bastão. Os elementos da GNR, dos quais apenas conseguiu identificar o guarda Gonçalves, provocaram-lhe «escoriações várias no ombro direito, dois hematomas no couro cabeludo, edema e incapacidade funcional do joelho esquerdo», tal como vem descrito no relatório médico a que tivemos acesso.

Confrontados com a situação relativa a estes três casos, que, afirmam, poderiam ser multiplicados por outras situações similares, algumas de igual ou maior gravidade, os representantes diplomáticos de Cabo Verde em Lisboa denunciam o «abuso de autoridade» cometido pela PSP e pela GNR, exigindo que os autores de tais actos sejam chamados à responsabilidade, de forma a que as relações fraternas entre Portugal e o seu país não se torne «letra morta». Que irá responder desta vez o titular do MAI, eng. Eurico de Melo?

Fogos de origem criminosa alastram na Madeira

Extensas regiões da Madeira estão a arder desde há mais de 24 horas havendo forte suspeitas de se tratar de fogos de origem criminosa. O tempo quente que se fez sentir ontem — o dia mais quente do ano, e as fortes rajadas de vento têm facilitado a evolução das chamas e dificultado a acção dos bombeiros, que desde domingo à noite se encontram bastante activos, havendo sido mobilizados os «soldados da paz» de todas as corporações da ilha.

À hora do fecho do nosso jornal prosseguia um grande incêndio na periferia do Funchal e freguesias do Monte Campanário, esta a 20 quilómetros a oeste da capital madeirense, bem como em Santa Cruz a norte do aeroporto onde há quase dois dias o fogo consome vastas áreas de pinhal e ameaça habitações.

A suspeita de fogo posto é mais fundamentada quanto aos fogos de Santa Cruz e Campanário onde as chamas irrompem em várias frentes, voltando a reativarem-se após serem extintas pelos bombeiros. Em zonas de pouca água e difícil acesso os bombeiros procuram dominar as chamas abrindo valas, enquanto batedores atiram terra para a zona incendiada com resultados pouco satisfatórios.

Na madrugada de hoje foi com muita dificuldade que os bombeiros de Machico salvaram uma habitação no sítio da Vereda da Eira a qual chegou a estar completamente rodeada de chamas. Plantações agrícolas estão destruídas pelo fogo e em situação crítica encontra-se uma estufa de Santa Cruz, além de residências naquela freguesia dois quilómetros a norte do Funchal.

Bombeiros incendiários de Brasfemes condenados em seis anos de cadeia

Cinco dos bombeiros incendiários de Brasfemes foram ontem condenados pelo Tribunal Judicial de Coimbra a 6 anos e 6 meses de prisão, na globalidade. Um dos réus foi absolvido por não se ter provado a sua participação nas acções e os restantes foram condenados a pagar multas no valor de várias dezenas de contos e uma indemnização de 200 contos a um dos proprietários prejudicados pelos fogos que atearam. Todas as penas aplicadas ficaram suspensas, devido aos recursos interpostos pelos advogados de defesa.

O tribunal deu como provado que os réus condenados foram responsáveis pela autoria de dois fogos na região de Brasfemes em Setembro de 1984 e que causaram cerca de 500 contos de prejuízos em vários pinhais pertencentes a particulares. Nos seus depoimentos, os réus, de idades compreendidas entre os 19 e os 24 anos, justificaram os seus actos dizendo que «gostavam muito de combater fogos».

Por sua vez, o presidente dos Bombeiros de Brasfemes, Ernesto Cação, referiu «a coragem e generosidade» dos réus no combate aos fogos e salientou que «a população já os perdoou».

Quanto aos advogados de defesa basearam as suas alegações na juventude dos réus e na sua «fácil reabilitação», visto não se tratar de delinquentes reincidentes e sublinharam unanimemente o seu arrependiomento, considerando que os seus actos foram «uma impertinência de adolescentes» ou «uma brincadeira de garotos».

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

A cabo de ver no **Telejornal** *(e digo uma vez mais que tudo quanto sei a ele o devo) que há muita gente contrariada com os "maus tratos" que muitas crianças sofrem em casa. Devo dizer o seguinte: todos me parecem pessoas simpáticas, embora um tanto ou quanto ingénuas. Engenheiros, doutores, senhoras de muita sensibilidade, alguns até com ares de quem faz seus versos, para entre família.*

A notícia era de um simpósio, de composição muito, como se diz agora, muito diversificada. O que mais impressionou o auditório e a teleaudiência foi a intervenção daquele sociólogo que avançou com números: no universo considerado (a Grande Lisboa e o Grande Porto) há mais de 26 mil famílias onde as crianças sofrem violências! Quando se diz **violência** *não se diz falta de pão, de remédio, de brinquedo ou de livro: é violência mesmo, pontapé, soco, cachação, lamparina. Com tamanha meiguice que a maltinha tem de ir com frequência levar uns pontecos ao hospital, com direito a autópsia.*

Acho que os sensíveis e os simpósios exageram, deturpam, mistificam. A função natural das crianças é mesmo essa. O pai é chateado no emprego, enervam-no. Com quem é que ele há-de "desabafar" a não ser com os seus filhos? A gente tem de compreender as coisas. Já viram o perigo social de um homem sem crianças em casa a quem bater?

Com a mãe, acontece o mesmo. Tudo caro, o dinheiro falta, o contrato a prazo é uma angústia. O que é que queriam? Queriam que ela fosse bater no marido, queriam? Sejamos realistas, meus senhores! Quem diz pai e mãe, diz tio, tia, madastra, padastro, irmão mais velho, vizinho.

Crianças são para isso mesmo. Logo, quando as coisas não correrem bem, digam: **Deixai vir a mim os pequeninos** *— e vá de desapertar a correia.*

Os simpósios? Deixem falar...

Incêndio na Avenida da Liberdade aqueceu reunião da Câmara

Nuno Ribeiro

O incêndio ocorrido na semana passada na Avenida da Liberdade aqueceu a sessão pública da Câmara Municipal de Lisboa que ontem decorreu nos Paços do Concelho. Ainda sob o impacte da tragédia, o tema acabou por ocupar o tempo dos vereadores, relegando para segundo plano os pontos previamente agendados. E, do debate, resultou claro ser necessário parar a degradação que vem atingindo as áreas centrais da capital

«Aquela pensão não tinha qualquer espécie de legalização, e a própria estrutura foi alterada com tabiques de madeira que dividiam os quartos, havendo mesmo uma ordem de despejo». Com estas palavras, o presidente da Câmara respondia a várias intervenções sobre o incêndio dos terceiro e quarto andares do número 69 da Avenida da Liberdade. Peremptório, Nuno Abecasis referiu-se ao relatório verbal que obteve do Batalhão de Sapadores Bombeiros que descrevia a situação vivida naquele edifício como «inqualificável», sublinhando que «a Câmara não legalizou nada».

O tema tinha sido abordado em primeiro lugar pelos vereadores da Aliança Povo Unido, tendo Rego Mendes, daquela força política, interrogada a Câmara acerca do futuro dos realojados, agora instalados em tendas implantadas no Casalinho da Ajuda. Para os vereadores da APU, situações de urgência ou as decorrentes das obras coercivas, susceptíveis de provocar desalojados, por não obterem cabal resposta dos Centros de Realojamento da Câmara, incapazes de corresponderem às necessidades, merecem medidas suplementares.

Por isso, foi apresentada uma proposta recomendando a todas as Juntas de Freguesia o levantamento e inventariação localizada de todas as casas de habitação devolutas, e na qual se propõe, ainda, que seja negociado com esses proprietários o realojamento temporário das famílias transitoriamente deslocadas das suas habitações permanentes.

«Parque habitacional abandonado à especulação»

Para Ribeiro Teles, o incêndio escondia, também, outra realidade: «Não se deve abandonar o parque habitacional existente no centro histórico da cidade à especulação e à degradação para que em vez dele surjam imóveis para o sector terciário».

O vereador do Partido Popular Monárquico referiu-se aos processos que conduzem a esta situação. «Um processo vulgar de degradação dos prédios consiste em permitir a sua ocupação por famílias com grandes dificuldades económicas, ou por pensões de prostituição declarada», considerou, sublinhando que «se estão danificados ou com possibilidade de o serem, abrem-se janelas, tiram-se telhas e prepara-se a derrocada». Como exemplo, Ribeiro Teles avançou com um imóvel na Rua de S. José e com os prédios de arte nova, na Avenida da República, frente ao Campo Pequeno. E, respondendo a uma intervenção do centrista Carlos Robalo, o vereador popular monárquico foi veemente: «A Câmara Municipal de Lisboa tem aberto a cidade aos especuladores; este é um facto vulgaríssimo». E, para além das assimetrias de cérceas e volumétricas, Ribeiro Teles referiu-se também aos problemas sociais destacando «que a população que tem vindo para a Avenida da Liberdade é para a degradar, é para degradar esses edifícios».

Mensagem de teor idêntico era a de Rui Godinho. O vereador da APU, numa frase curta, referiria a situação actual: «Lisboa está a cair, e pelos vistos também a arder, mas alguém está a empurrar»...

Por seu lado, a vereadora socialista Ana Sara de Brito questionou o presidente sobre a existência de um pedido de demolição do edifício vitimado pelas chamas e de um projecto para o local. No entanto, aquela vereadora, depois de sublinhar que a Câmara actuou desde o início, lançou um aviso: «Se a CML assumir completamente o realojamento é possível que ocorram outros incêndios.»

O problema foi, assim, abordado por vários ângulos, embora Abecasis tenha sublinhado que o prédio não tinha qualquer indício de ruína e de este não ser um problema de degradação do edifício. E, mais uma vez, perante as críticas cruzadas da APU e do PPM ao actual estado da Avenida da Liberdade, o presidente da edilidade voltou a referir que o plano existente, e contestado por aquelas forças políticas, está e continuará a ser cumprido.

«Sentados à mesa de uma Câmara sem Orçamento»

Outro ponto alto do debate incidiu sobre o relacionamento entre o presidente da Câmara e a Associação de Arquitectos Portugueses (AAP), cuja recente polémica teve larga repercussão nas páginas dos jornais. A este propósito, um requerimento dos vereadores socialistas propõe-se criar condições para «o estabelecimento de um diálogo profícuo entre a Câmara Municipal de Lisboa e a Associação dos Arquitectos Portugueses».

Depois de enumerarem os pontos de litígio-responsabilidade dos arquitectos nos edifícios de Lisboa, exigência de um parecer positivo da AAP antes da Câmara aprovar os projectos e generalização dos concursos públicos, os vereadores do PS requereram a aplicação de quatro medidas num prazo de seis meses: elaboração de uma lista de todos os projectos que, entre 1965 e 85 foram ou não da responsabilidade dos arquitectos, recolha das normas das capitais europeias que regulam a intervenção das Associações daqueles técnicos, levantamento do número de arquitectos em serviço na Câmara e sua distribuição pelos serviços, e estudo sobre o concurso público como forma de intervenção na cidade.

A este ponto, uma das partes referidas, o presidente da Câmara avançou outros dados. Retomando um despacho de 1982, Nuno Abecasis referiu que, para além da obrigatoriedade da apresentação de uma ficha técnica de todos os projectos a ser colocada nas fachadas do edifício e que nunca foi cumprida a área central da cidade, definida por um perímetro muito amplo, está abrangida por uma norma estabelecendo que todos os projectos devem ser assumidos por arquitectos. Sobre os concursos públicos, o presidente da edilidade precisou que têm sido praticados, manifestando, no entanto, a sua discordância em relação à intervenção da AAP na aprovação de projectos: «Não aceito que um número restrito de arquitectos se possa arvorar em críticos de toda a classe.»

A tardia aprovação do Orçamento e Plano de Actividades da Câmara levou Anselmo Aníbal, da APU, a tecer duras críticas à «maioria homogénea» de vereadores a tempo inteiro e parcial que, a meio do ano, ainda não conseguiu apresentar tal trabalho. «Estamos sentados à mesa de uma Câmara sem Orçamento», salientou aquele vereador, a quem Abecasis apontou a corrente semana como ponto final da elaboração do Orçamento e Plano de Actividades.

Afinal os cravos vermelhos vêm do século XIV!

Ainda com as intervenções sobre o incêndio da Avenida da Liberdade a despertarem a atenção maior da sessão pública da Câmara, o vereador Vítor Costa trouxe um inesperado caso. Numa curta intervenção, aquele membro da bancada da APU perguntou ao presidente se confirmava uma intervenção feita na Assembleia Municipal na qual admitia ter proíbido o cultivo de cravos vermelhos nos canteiros da Câmara. Como o presidente é engenheiro, e dele não esperávamos qualquer revelação para a jardinagem, cedo ficou de fora de questão tratar-se de uma opção técnica, pois a polivalência tem os seus (naturais) limites.

O significado teria que ser, forçosamente, político.

Os cravos vermelhos eram os dos canos das espingardas do 25 de Abril, os que presos recém-libertados e os regressados do exílio ostentavam nas lapelas há 12 anos e que, convém não esquecer, em cada dia 25 de Abril ornamentam a Assembleia da República.

Os cravos que, quer queiram quer não, entraram na História e, como tal, são símbolos da Liberdade, da Democracia. E, não é por acaso que se escolheu uma frágil flor para símbolo do novo Portugal, porque também frágil continua a ser a nossa democracia...

Mas, para o presidente da Câmara, houve um apropriamento da flor-símbolo. «Não sou obrigado a usar os símbolos que os outros querem, e os cravos têm pouco a ver com o que de bom trouxe o 25 de Abril», declaroAbecasis. O presidente referiu, ainda, que esta sua opção não «tem nada a ver com a minha admiração e apreço pslo que o 25 de Abril trouxe para os portugueses».

No entanto, a estupefacção foi rapidamente cortada por uma incisiva intervenção de Ribeiro Teles. O popular monárquico, recordando a História, lembrou ao presidente que a crónica de Fernão Lopes sobre a Revolução de 1383 tem, antes da primeira letra, um cravo vermelho.

A um engenheiro também não se pedia tamanha polivalência, na História...

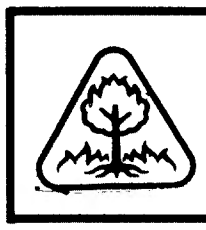
NR

Salvos os dois tripulantes

Explosão no Funchal em iate francês

O iate francês «Trois Liberté» afundou-se ontem à saída do Funchal, tendo os dois tripulantes sido salvos pelo cargueiro «Madeirense» e pela lancha dos pilotos daquele porto. O proprietário do barco, Delion Philippe, teve de receber tratamento no Hospital Regional do Funchal, enquanto o seu companheiro Vichard François nada sofreu.

O naufrágio terá ficado a dever-se a uma garrafa de gás que explodiu e os tripulantes lançaram de imediato um pedido de socorro, enquanto aguardavam numa balsa o seu salvamento. O iate tinha chegado à capital da Madeira no dia 29 de Abril e reiniciava viagem ontem quando naufragou a duas milhas do porto.



As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

Lisboa 86 FIEJ
39º Congresso Anual da FIEJ, 25-28 Maio 1986

Decorre em Lisboa, de 25 a 28 de Maio de 1986, o 39.º Congresso Anual da FIEJ — Federação Internacional dos Editores de Jornais —, organização que agrupa associações de jornais diários de 28 países, representando cerca de 70% da circulação de jornais do mundo livre.
Os seus objectivos são a defesa da liberdade de Imprensa, a protecção dos interesses económicos e morais dos jornais, e o estudo de todas as questões de interesse para os jornais e cuja solução pode ser encontrada ou favorecida no plano internacional.
A Associação da Imprensa Diária, de Portugal, recebeu a honrosa incumbência de organizar, este ano, o Congresso da FIEJ, que pela primeira vez se realiza no nosso país, e mais particularmente em Lisboa, depois de Madrid, Paris, Londres, Oslo e Tóquio, capitais onde tiveram lugar os últimos cinco congressos anuais da FIEJ.
A Associação da Imprensa Diária, para além do apoio e colaboração de todos os jornais diários seus associados, do Continente e das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, recebeu uma inestimável colaboração das seguintes entidades, sem a qual a realização deste Congresso, onde estarão presentes algumas centenas de editores estrangeiros, não teria sido possível:

DIRECÇÃO-GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL / DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA / HOTEL MÉRIDIEN

TAP AIR PORTUGAL · Banco Pinto & Sotto Mayor · mt · SODIPEL · PHILIPS · TLP · Atlantis · abreu · Canon · lisgráfica · GRAFILIS

Ontem foram ouvidos mais três réus no processo FP-25

...E dinheiro para advogado durante dois anos?

Três réus foram ontem chamados a depor no Tribunal de Monsanto, no âmbito do julgamento do chamado Caso FUP/FP-25. Dois negaram com veemência aquilo de que são acusados; o outro negou-se a responder, acusando os juízes de parcialidade e dizendo alto e bom som que não tinha dinheiro para pagar a um advogado durante dois anos...

«Este Tribunal inibiu a defesa» — disse, quando chamado à barra, o réu José Manuel dos Santos Gomes, acusado de pertencer à ECA (Estrutura Civil Armada) do Projecto Global de Otelo. ECA que, como se sabe, a acusação identifica como sendo as FP-25.

«Este Tribunal não me permite defender-me, porque não tenho dinheiro para pagar ao meu advogado para estar aqui dóis anos (...) Não posso responder porque o Tribunal não teve imparcialidade, sobretudo o senhor» — acrescentou José Gomes dirigindo-se ao juiz-presidente Adelino Salvado.

Os outros dois réus — Vítor Manuel de Castro Ribeiro e Joaquim Ferreira dos Santos, respectivamente o 46.º e 48.º a comparecer à barra do Tribunal (Santos Gomes foi o do meio...), não só negaram as acusações de que são alvo mas lançaram também suspeitas sobre os investigadores policiais.

Suspeitas

Vítor Castro Ribeiro, 41 anos, empregado de escritório, natural de Lisboa e residente em Algés, negou ser membro da ECA ou da DPM (Direcção Político-Militar).

Tendo-lhe sido apreendidos em casa, quando detido, em 12 de Junho de 84, dez capuzes brancos, oito dos quais numerados, disse terem-lhe sido confiados para guarda, em 1979, por um militante do PRP, organização a que então pertencia, o qual nunca voltou a recuperá-los.

Suspeito de haver participado no «Conclave» (reunião cimeira do Projecto Global, em Março de 84), no qual, segundo a acusação, capuzes desse tipo foram utilizados pelos participantes para não se identificarem mutuamente, apresentou documentos da empresa em que à data trabalhava para demonstrar ter estado ali de serviço nos dias da reunião.

Por sua vez, Joaaquim Ferreira dos Santos, 43 anos, operário, de Pombal mas residente na Marinha Grande na altura em que foi preso, na mesma data do réu anterior, contestou também a alegada filiação na ECA.

Deu idêntica explicação para a posse, no momento da sua captura, em casa, de um saco com um revólver, dois quilos e meio de explosivos e um detonador.

Militante do PRP na Marinha Grande, Joaquim dos Santos explicou que aquele saco, cujo conteúdo sempre desconheceu, lhe havia sido dado para guardar, em 1976, pelo seu companheiro de partido José Plácido, que três anos depois viria a ser morto a tiro por elementos da organização por «traição» ou alegada colaboração com a Polícia.

«As armas não me fascinam» — disse.

Afirmou ainda que a Polícia, no acto da sua detenção em casa, o algemou e impediu de assistir à busca, cujo auto lhe foi presente na sede da PJ em Lisboa, pelo que o não assinou.

Classificou esse auto de falso («Não sei se eram de facto essa arma e explosivos o que estava no saco»), como antes Castro Ribeiro dissera ser «falsificação da Polícia» um documento que esta afirma ter-lhe apreendido e que o daria como «tesoureiro» das FP-25, com um vencimento de 69 contos mensais...

O julgamento prossegue esta tarde, pelas 14 e 30, com o interrogatório (vamos lá ver se será desta...) de José Alexandre Figueira, o quarto e último «arrependido» do processo FP-25.

Procedimento criminal

A sessão de ontem abriu com um despacho do juiz-presidente a instaurar procedimento criminal contra o réu Júlio Vitorino, por injúrias e ameaças, na sexta-feira última, ao representante do Ministério Público.

«O senhor é um provocador» — dissera, em voz alta, Júlio Vitorino dirigindo-se ao procurador da República, Teodósio Jacinto. Acusou-o ainda de se intrometer na vida privada dos réus, identificando-se, disse «com os da sua laia e do partido a que pertence».

«O facto de teres a batina vestida não te serve de nada» — conclui — «e um dia ainda havemos de nos encontrar lá fora para ajustarmos contas».

O juiz-presidente ordenou o envio do respectivo auto de notícia ao Tribunal da Instrução Criminal de Lisboa, para procedimento criminal. As invectivas de Júlio Vitorino configuram o crime de injúrias e ameaças a membro de órgão de soberania, passível de pena de três ou mais anos de prisão.

Os destroços de um dos aviões que ontem de despenharam

Major da FAP e vidreira morrem em Maceira de Lis

Monte Real perde dois "Corsair" num choque por má visibilidade

A mulher morta ao fim da manhã de ontem na Pocariça, a cerca de dois quilómetros de Maceira do Lis (Leiria), no acidente com dois aviões da Força Aérea Portuguesa da Base n.º 5 (Monte Real), era trabalhadora vidreira na Marinha Grande, assim como o marido, vidreiro na «Ivima».

Dois caças-bombardeiros «Corsair A-7» da FAP chocaram pouco depois do meio dia no regresso de uma missão de treino operacional, em condições de má visibilidade e durante uma aproximação radar à Base Aérea n.º 5, de que resultou também a morte do major Armando Manuel Teixeira Marques, enquanto o piloto do outro conseguiu ejectar-se a tempo, saindo ileso do acidente.

O capitão piloto Fernando Marques Ferreira caiu de páraquedas a cerca de dois quilómetros do local onde os dois aviões A-7 da Base de Monte Real chocaram, ao que parece por o tecto das nuvens estar bastante baixo. Os Voluntários de Maceira do Lis, que apagaram o fogo ateado pelas explosões na queda de ambos os aparelhos, conseguiram evitar a sua propagação à casa que habitava a vítima civil, Belmira Ramos Franco, de 45 anos, a qual foi apanhada pela queda dos «Corsair». O médico dos BV de Maceira-Lis prestou assitência ao marido e filhos da mulher morta no acidente. O marido encontrava-se, na altura, a trabalhar na Marinha Grande.

Um residente local disse que a vítima civil estava a trabalhar numa horta onde um dos aviões caiu, vindo os seus restos mortais a ser encontrados uma hora depois do choque, praticamente irreconhecíveis.

O Estado-Maior da Força Aérea anunciou a abertura de um inquérito para determinar as causas do acidente, ontem ocorrido a cerca de 10 quilómetros de Leiria, perto da Base Aérea de Monte Real. O piloto que saiu ileso do acidente em que os dois «Corsair» ficaram reduzidos a um montão de destroços — esteve bastante tempo em estado de choque na enfermaria da Base n.º 5.

Eleva-se a onze o número de mortos em acidentes aéreos com aviões da FAP, nos últimos oito anos. Já este ano, em Fevereiro, um A7-P «Corsair» caiu ao largo de Vieira de Leiria, provocando a morte do seu único piloto, o tenente-coronel Graça e Melo. As duas mortes de ontem, a de Graça Melo e as duas vítimas dos acidentes ocorridos em 5 e 6 de Março (o primeiro com um bimotor particular na serra do Caramulo e o segundo com um avião Fiat G-91 da Base do Montijo, perto de Alcácer do Sal) elevam a cinco o total de mortos este ano, três dos quais militares.

Nos últimos oito anos, foram onze os mortos em acidentes com aparelhos da FAP. O primeiro foi em Julho de 1978, um «Aviocar» que se despenhou na Serra de Santa Bárbara na Terceira, causando três vítimas da base das Lajes. Depois em Agosto do mesmo ano, morreu um dos pilotos de um Fiat G-91 da Base do Montijo, perto de Torres Novas. A série negra continuaria em Fevereiro e Julho de 1981 e, já em Julho de 1985, com um «Corsair» que se despenhou nos EUA...

Presidente da República na comemoração do 75.º aniversário

IST pode ombrear com faculdades europeias

O Presidente da República, Mário Soares, afirmou que o Instituto Superior Técnico «em muitos domínios e matérias, pode ombrear com as melhores faculdades europeias».

O Chefe de Estado falava ontem na sessão solene comemorativa dos 75 anos do Instituto Superior Técnico, que decorreu nas instalações daquela escola superior, em Lisboa.

Perspectivando o futuro do UST, Mário Soares afirmou que a nova fase «passa por vários desafios», entre os quais incluiu, a «construção de novas instalações, a ampliação dos espaços actuais e um melhor apetrechamento em meios adequados às funções de investigação que vêm sendo desenvolvidas».

Referiu ainda a necessidade de «potenciar o potencial científico disponível, pondo-o ao serviço das populações» e ainda, no quadro da adesão à CEE «tirar o maior aproveitamento das ajudas comunitárias tornadas disponíveis, através de projectos que reflictam, de forma inequívoca, a qualidade científica da faculdade».

A sessão, que decorreu no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, contou com a presença dos ministros da Educação e Cultura, do Plano e Ordenação do Território, e do Trabalho e da Segurança Social, respectivamente, João de Deus Pinheiro, Valente de Oliveira e Mira Amaral, e ainda do secretário de Estado do Ensino Superior, Ferreira Real, do reitor da Universidade Técnica de Lisboa, Arantes de Oliveira, do presidente do Conselho Directivo do IST, Diamantino Durão, e do presidente da associação de estudantes daquele estabelecimento de ensino, Raul Gonçalves, entre outras personalidades.

O presidente do Conselho Directivo do UST, pelo seu lado, defendeu novos investimentos nos laboratórios daquele estabelecimento de ensino superior, assinalando que muito do equipamento utilizado é «obsoleto» e que se encontra «gasto devido à sua utilização intensiva ao longo dos anos».

Noutro ponto da sua intervenção, Diamantino Durão alertou para as «enormes carências em pessoal administrativo, técnico superior, técnico e auxiliar», referindo que tais situações «vão tornando cada vez mais difícil o funcionamento de todas as tarefas administrativas, assim como a eficiente utilização do equipamento existente».

Depois da condenação do "apartheid"

Libelo anti-sandinista no Congresso da FIEJ

A primeira jornada de trabalho do 39.º congresso da Federação Internacional dos Editores de Jornais (FIEJ) oscilou ontem no salão nobre do Ritz, entre dois pólos principais: o discurso de agradecimento de Anthony Heard, galardoado com a «Pena de Ouro da Liberdade» deste ano, e a comunicação, à tarde, de Violeta Chamorro, presidente da Junta Directiva do diário «La Prensa», de Managua.

O chefe de Redacção do «Cape Times» citou uma longa lista de títulos de jornais sul-africanos, que constitui, por si só, um «filme» da repressão de Estado contra a Imprensa, no país do «apartheid». Como ontem dissemos, Heard arrisca, ao regressar à Africa do Sul, uma pena de três anos por ter, nomeadamente, publicado uma entrevista com Oliver Tambo, dirigente do ANC.

À tarde, depois de Raul Rego e Adriano Lucas (director do «Diário de Coimbra») terem evocado os tempos da censura prévia e a questão da Imprensa estatizada em Portugal, a viúva de Pedro Joaquin Chamorro, assassinado por somozistas num acto de vingança contra a sua direcção liberal de um jornal incómodo, contaria, num tom de epopeia, a história de «La Prensa»:

O jornal, cuja sede veio a ser bombardeada e destruída pela ditadura meses depois do assassínio do seu director, é apresentado por Violeta Chamorro como tendo constituído, antes da queda de Somoza, o «último refúgio dos homens livres da Nicarágua», a tal ponto que o povo o alcunhou de «República de papel»: nele subsistiam a mesa-redonda, o diálogo, a troca de opiniões, a liberdade de crítica que apontavam para um futuro republicano, pluralista e liberal. Somoza levou a sua hostilidade pelo jornal ao assassínio e à destruição da sede. «La Prensa» terá sido, assim, o jornal de resistência que levava à prisão quem nele escrevia, e que mais falava das prisões.

Violeta Chamorro diz que seu marido se transformou no símbolo da Nicarágua que o povo desejava, «justiceira, pluralista, democrática e republicana».

Mas diz também que os sandinistas, ao tomarem o poder, «impuseram como ideário o marxismo-leninismo, do qual nunca ninguém falou enquanto se lutava contra o ditador». Ao contrário do qu se passou em Cuba — diz Violeta Chamorro — onde a queda de Baptista criou um vazio de poder, «na Nicarágua não havia vazio, na Nicarágua havia um ideário defendido por heróis e pelo sangue de milhares de mortos». No entanto —continua a directora de «La Prensa» — com os sandinistas «renasceu o militarismo, o absolutismo de um partido, agora com novo sinal, e uma nova ideologia, mas sempre a mesma ditadura». Ela considera que a censura instalada pelos sandinistas é «a pior sofrida pelo jornalismo nicaraguense em toda a sua história».

Assim, segundo disse Violeta Chamorro no Congresso da FIEJ, desde Abril de 1980 que os sandinistas tentaram destruir «La Prensa», e primeiro por dentro, «instigando os trabalhadores a ocuparem as instalações e exigindo a nomeação de um director que propunha converter o jornal em totalmente pró-sandinista». A seguir, os sandinistas, falhado o primeiro intento, criaram «El Nuevo Diario», formado com parte do pessoal de «La Prensa», e pensando que esta ia desaparecer por falta de leitores. Mas «La Prensa» quase duplicou as suas tiragens. Depois disto, segundo Violeta, a táctica sandinista tem-se desdobrado em múltiplas atitudes de condicionamento:

Ela cita sobretudo a censura prévia, desde 16 de Março de 1982, que chegou a inutilizar 80 por cento da edição, cortando inclusive notícias publicadas em outros jornais, ou inviabiliza edições por reter provas durante 5 horas por dia para análise; e os encerramentos temporários, como entre Julho e Outubro de 81, em que «La Prensa» foi mandada fechar em cinco ocasiões por ordem da «Dirección de Medios». Em 6 de Agosto e 22 de Outubro de 1984 «La Prensa» não circulou porque foram censuradas todas as fotos, crónicas e discursos dos candidatos da Coordenadora Democrática em Matagalpa e Chinandega (Arturo Cruz e Adán Fletes).

Violeta Chamorro garante que todas as instituições de Estado estão proibidas de publicar anúncios em «La Prensa», que o governo não concedeu durante anos as divisas necessárias à compra de matéria-prima para a fabricação do jornal (bloqueio parcialmente levantado por Tomas Borga em fins de 83). Devido à falta de divisas para pagar o papel, «La Prensa» passou a só 6 páginas. Violeta Chamorro diz também que o Ministério da Cultura, através da Associação Sandinista de Trabalhadores da Cultura, proibiu aos sues associados que publiquem, no «La Prensa Literaria», poemas ou qualquer outra produção literária. Além disso, cita confiscações de edição (em 29 de Agosto de 1984), apesar da censura prévia, e numerosos casos da intimidação e detenção de jornalistas, agentes e empregados da empresa.

Um verdadeiro libelo acusatório que fica a pedir uma série de respostas pontuais das autoridades nicaraguenses.

A segunda jornada de trabalho do Congresso da FIEJ iniciou-se esta manhã, de novo no salão nobre do Ritz, e ainda subordinada ao tema «A luta pela liberdade de Imprensa». Da jornada de hoje, de que daremos conta amanhã, constam comunicações sobre a nova lei sueca sobre liberdade de expressão, a revisão do artigo constitucional suíço sobre liberdade de Imprensa, sobre o voluntariado ou a legalização dos Conselhos de Imprensa, a experiência francesa de liberdade económica da Imprensa. De tarde, temas para os quais se volta a atenção da maioria dos profissionais que seguem este congresso: A Imprensa e os Militares, a Imprensa e o Terrorismo, Informação e terrorismo no País Basco francês. O Congresso termina amanhã, com uma jornada dedicada ao tema «Imprensa no ano 2 000».

Contra regulamento de ingressos

Institutos Superiores de Engenharia em greve

Os alunos do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa barricaram hoje a entrada das instalações da escola, impedindo a entrada de professores. Hoje também cumprem um dia de greve.

A acção integra-se nas formas de luta desencadeadas pelos alunos do ISEL contra a Portaria do Ministério da Educação e Cultura que regulamenta o ingresso dos alunos do Ensino Secundário no Ensino Superior.

A Portaria impõe condições limitativas ao acesso aos Institutos Superiores de Engenharia (ISE's). De acordo com as condições: 50 por cento das vagas são reservadas a alunos da via de ensino, 40 por cento das vagas destinam-se a alunos da via profissionalizante e 10 por cento a alunos da via técnico-profissional

«Em contraposição, as vagas a preencher pelas Universidades destinam-se a 100 por cento de alunos do ensino secundário da via de ensino — sublinha a associação de estudantes do Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), que também ontem cumpriram um dia de greve e se preparam para cumprir outro amanhã.

Em moção aprovada em RGA, os alunos do ISEP, consideram «extemporânea a implementação de alterações profundas no sistema de acesso e no funcionamento dos objectivos das diferentes escolas superiores que ministram engenharia, enquanto não estiver definida a Lei de Bases do Sistema Educativo».

No documento afirma-se que «a actuação do ministro da Educação é prepotente por não auscultar ambas as partes interessadas na elaboração da Portaria, ou seja, os alunos do décimo segundo ano profissionalizante e técnico-profissional e os ISE's».

Ainda segundo a moção, «a nova Portaria é lesiva da classe dos engenheiros técnicos porque impossibilitará a sua correcta inserção nas classificações profissionais definidas pela Federação Europeia das Associações Nacionais de Engenharia, pois esta determina que as condições de admissão sejam iguais às exigidas nas Universidades».

É possível que os três institutos superiores de engenharia, de Lisboa, Porto e Coimbra, entrem em greve na próxima semana por tempo indeterminado, segundo admitiu à Anop o presidente da Associação de Estudantes do ISEL.

A telenovela de que todos falam

VEREDA TROPICAL

Êxito espectacular das emissões da hora do almoço

AGORA TAMBÉM À NOITE!

2.º Canal, 22.30
A partir de 2 de Junho

Superaudiência em duplicado

Para reserva de espaço nos blocos comerciais consulte as Agências de Publicidade

RTC | Radiotelevisão Comercial Lda

Lisboa, Av. Fontes Pereira de Melo, 17-2.º, 1000, telef. 548335/40, Telex 64630 RTC P
Porto, Rua de Sá da Bandeira, 651-4.º, 4000, telef. 316639
Funchal (Madeira), Av. das Comunidades Madeirenses, 15-2.º, telef. 28259, Telex 72230 AMICOS
Ponta Delgada (Açores), Total Publicidade, Apartado 37, 9501 Codex, telef. 26336, Telex 82563 RTP

IVA é mina orçamental

Pela primeira vez desde há muitos anos, o Estado vai receber as receitas de impostos sobre o consumo previstas no Orçamento do Estado, disse o director dos Serviços do IVA, Campos Laires.

«Normalmente as receitas do Imposto de Transacções ficavam, todos os anos, cerca de 10 milhões de contos aquém das previsões do Orçamento do Estado», explicou. Agora, segundo este director de serviços, «a partir das receitas do IVA cobradas no primeiro trimestre deste ano temos a percepção de que se vão atingir as previsões orçamentais», mesmo deduzidas as verbas destinadas às regiões autónomas e as deduções do Imposto de Transacções já pago sobre mercadorias em «stock» desde 1985.

Interrogado sobre se este aumento das receitas de impostos sobre o consumo representa uma diminuição da «economia paralela» Campos Laires afirmou que «o próprio sistema do imposto e a forma como tributa os produtos nas várias fases por que passa durante as transacções permite alargar o âmbito da tributação».

«O sistema do Imposto de Transacções permitia muitas baldas», diz o director do IVA que considera que se tratava de um imposto «concebido para pessoas acima de qualquer suspeita».

Regulamento da CEE já aprovado

Atuneiros espanhóis autorizados a "invadir" águas portuguesas

● *Portugal protesta porque não dispõe de barcos para exercer o direito de reciprocidade*

Setenta navios espanhóis de pesca ao atum vão regressar às águas portuguesas, de acordo com o regulamento da Comissão Europeia cuja publicação «está iminente», informou a Anop de fonte diplomática em Bruxelas.

A mesma fonte acrescentou que a publicação do novo regulamento autoriza 70 atuneiros espanhóis e outros tantos portugueses a pescar nas águas territoriais, dos dois países, em regime de reciprocidade. Simplesmente Portugal não tem barcos para aproveitar essa reciprocidade.

Os barcos previstos no regulamento têm uma tonelagem de 150 a 200 toneladas e, sempre que sejam mais pequenos, o número aumentará até preencher a tonelagem prevista.

A proposta teve origem na Comissão das Comunidades Europeias — órgão executivo da CEE — e foi aprovada no Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros «com a forte oposição do secretário de Estado português da Integração Europeia que, na reunião, apresentou uma declaração bastante violenta».

O grande problema do Regulamento consiste no facto de, acordo com a fonte de «por um lado Portugal não dispor de um número tão grande de navios deste tipo e, por isso, não poder exercer as contrapartidas a que tem direito; por outro, mesmo que o pudesse fazer, as águas espanholas não serem ricas em atum».

Os acordos entre Portugal e a Espanha para o número de atuneiros espanhóis a pescar em águas portuguesas estabeleciam um número máximo de 30 mas, dizem fontes diplomáticas contactadas em Bruxelas, «o regulamento agora aprovado decorre das relações normais entre os dois Estados enquanto membros da Comunidade Europeia».

Meios diplomáticos em Bruxelas mostram-se «estupefactos pela extrema facilidade com que o regulamento foi aprovado e passou despercebido dos órgãos de Comunicação Social».

Portugal admite recorrer ao tribunal

Em consequência disso, o Estado português admite a hipótese de recorrer ao Tribunal Europeu contra o regulamento comunitário que prevê a autorização de pesca para os 70 atuneiros espanhóis em águas portuguesas, segundo a Secretaria de Estado da Integração Europeia.

O novo regulamento mereceu da delegação portuguesa, chefiada pelo secretário de Estado da Integração Europeia, «uma declaração de protesto que explica a nossa posição de discordância».

A declaração do secretário de Estado Vítor Martins, divulgada pela Anop, manifesta-se contra o número autorizado de barcos de pavilhão espanhol a pescar atum voador em águas sob soberania ou jurisdição portuguesa e contra os esquemas técnicos em que assenta essa autorização.

Entre os esquemas técnicos de que discorda, a declaração de Vítor Martins chama a atenção para a possibilidade de conversão de tonelagem em aumento do número de barcos.

Isto é, «contrariamente ao previsto no tratado de adesão», o regulamento prevê que em vez de ser dada autorização a um determinado número de navios esse número pode aumentar até preencher a tonelagem prevista (70 navios de entre 150 a 200 toneladas de porte). «Portugal não dispõe de meios para fiscalizar as actividades de barcos de pesca de outros Estados membros e, sobretudo, de Espanha que operem nas águas sob sua soberania ou jurisdição», reconhece o secretário de Estado da Integração Europeia na declaração de protesto que leu no Conselho de Ministros da CEE. Portugal, segundo essa declaração formal, «reserva-se o direito de tomar medidas para minimizar os efeitos do novo regulamento».

Na declaração, Vítor Martins lembra que, no tratado de adesão, a Comunidade se comprometeu a prestar auxílio a Portugal na obtenção de meios para poder fiscalizar as águas territoriais e a Zona Económica Exclusiva. O novo regulamento autoriza que 70 atuneiros espanhóis pesquem «atum voador» em águas portuguesas e concede autorização para outras tantas embarcações portuguesas do mesmo tipo actuarem em águas espanholas.

Os navios autorizados deverão ser da ordem das 150 a 200 toneladas de capacidade e, quando não atingirem esse número, serão «convertidos» em maior número de navios, até satisfazer a tonelagem prevista.

Portugal não tem, actualmente, nem o número de barcos nem a tonelagem suficiente para beneficiar das contrapartidas que o regulamento prevê.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$50	50$50
ALEMANHA FED. (marco)	66$05	67$25
ÁUSTRIA (xelim)	9$35	9$55
BÉLGICA (franco)	3$073	3$273
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	109$80	112$30
(notas de 5 a 1000)	110$30	113$80
DINAMARCA (coroa)	17$85	18$25
ESPANHA (peseta)	1$011	1$131
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	150$80	154$30
(notas de 5 a 1000)	151$30	154$80
FINLÂNDIA (marka)	28$70	29$30
FRANÇA (franco)	20$70	21$40
HOLANDA (florim)	58$70	59$80
IRLANDA (libra)	201$80	205$80
ITÁLIA (lira)	$088	$098
JAPÃO (iene)	$864	$899
NORUEGA (coroa)	20$70	21$20
REINO UNIDO (libra)	226$35	230$85
SUÉCIA (coroa)	20$75	21$25
SUÍÇA (franco)	79$65	81$15
VENEZUELA (bolívar)	6$50	7$50

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Acusa plenário nacional da empresa

Governo quer reprivatizar partes mais rentáveis da EDP

Cerca de 300 representantes dos trabalhadores da EDP a nível nacional, reunidos ontem em Coimbra, acusaram o Governo de pretender «desmembrar» a empresa e abrir «ao capital privado as suas partes mais rentáveis».

Delegados sindicais e membros da comissão de trabalhadores aprovaram uma resolução contra as medidas legislativas recentemente aprovadas em Conselho de Ministros e referentes à estruturação da EDP.

Para os trabalhdores, «nenhum dos graves problemas com que se debate a EDP, nem aqueles que se repercutem nos comsumidores em geral, se centram na existência da empresa única de produção, transporte e distribuição de energia eléctrica, conforme o Governo pretende fazer crer».

«Pelo contrário — sublinharam — constata-se que o tipo de modelo empresarial seguido na EDP é perfeitamente moderado e actual para as necessidades do País, mesmo comparado com os modelos seguidos no resto da Europa».

EnteNdem os trabalhadores da EDP que o Governo pretende, «nas resoluções já publicadas e no despacho, bem como na intenção de venda de títulos de participação», criar «condições para o desmembramento da EDP e abertura ao capital privado das suas partes mais rentáveis».

De acordo cm uma moção aprovada em plenário, afirmam que a aplicação das decisões governamentais fará com que a EDP «deixe de existir como tal, dando lugar a outras entidades jurídicas e patronais, com outras funções e com outras responsabilidades legais».

Assim, observam, «a unidade e coesão dos trabalhadores da EDP sofreria um rude golpe, dado que passariam a estar divididos por diversas entidades, perdendo grande parte da sua força reivindicativa e estaria aberto o caminho para os interesses de grupo e político-partidários».

Defendendo a manutenção da actual estrutura da empresa, os trabalhadores referem que «após a sua constituição em 1976, a EDP electrificou cerca de 5 000 localidades, servindo mais de 400 000 portugueses que, até à nacionalização, não tinham acesso à electricidade».

Raul Guedes, da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas, disse que os trabalhadores, contudo, não são contrários à regionalização da EDP.

«A empresa deve ser o mais descentralizada possível, de forma a estar mais perto das populações e dos seus anseios. Isso de certa forma já acontece com a subdivisão em centros regionais, delegações e agências» — salientou.

«O Governo fala em regionalização, não no sentido de descentralizar a EDP, mas com a intenção de a desmembrar em diversas empresas regionais» — concluiu Raul Guedes.

Custo de vida português é o mais baixo da CEE

O índice do custo de vida em Portugal é o mais baixo das 12 nações da Comunidade Europeia e o da Dinamarca o mais alto, revelou ontem a CEE.

Entretanto, a agência europeia de estatísticas informou que a taxa média anual de inflação na Comunidade Europeia caiu de 4,1 por cento em Abril para 3,7 por cento em Março.

A Eurostat afirma que os preços aos consumidores nas 12 nações da CEE subiu 0,4 por cento no mês passado, acrescentando que a maior subida ocorreu na Dinamarca. Grã-Bretanha, Grécia e Portugal (1,3 por cento).

O índice de preços ao consumidor baixou 0,1 por cento em Abril na RFA o que produziu, pela primeira vez nos últimos 25 anos, uma inflação negativa de 0,2 por cento no País.

A taxa anual de inflação mais baixa ocorreu na RFA (-0,2 por cento) e a mais alta na Grécia com 24,7 por cento. Portugal com 12,3 por cento situa-se imediatamente a seguir à Grécia.

A Espanha com 7,8 por cento é o país com a terceira taxa de inflação mais elevada.

Gorbachev propõe a Londres acordo separado sobre armas

O líder soviético Mikhail Gorbachev afirmou a políticos britânicos de visita a Moscovo estar pronto a negociar com Londres um acordo separado para redução de armas nucleares.
Em reunião de 150 minutos no Kremlin com o vice-primeiro-ministro britânico William Whitelaw e uma delegação de 14 parlamentares, Gorbachev insistiu ainda em que só se encontraria com o presidente norte-americano, Ronald Reagan, quando existisse uma perspectiva para um novo acordo sobre armamento.

Dennis Healey, porta-voz para os Negócios Estrangeiros do Partido Trabalhista, na oposição, citou Gorbachev como tendo afirmado que faria a sua proposta à Grã-Bretanha em resposta a uma carta da primeiro-ministro Margaret Thatcher que lhe foi entregue por Whitelaw.

Lorde Whitelaw afirmou não poder revelar o conteúdo da missiva.

«A União Soviética reduziria o seu potencial nuclear se o Reino Unido decidisse eliminar o seu potencial nuclear e faria reduções equivalentes àquelas a que procedessemos», disse Healey.

Gorbachev também renovou a proposta para que a Grã-Bretanha e a França congelassem as suas forças nucleares no âmbito de um acordo com os Estados Unidos para eliminação dos euromísseis.

Quer Londres, quer Paris, têm rejeitado tal proposta.

Whitelaw encontrou-se a sós com Gorbachev durante trinta minutos afirmando depois que o líder soviético, embora desejando nitidamente uma nova cimeira com Ronald Reagan, deixou claro que pretendia «acordos específicos».

EUA bloqueiam acordo

Entretanto, os Estados Unidos bloquearam no último momento um acordo sobre medidas para facilitar os contactos entre o Leste e o Oeste numa conferência internacional em Berna, depois de o considerarem demasiado fraco.

A decisão partiu de Washington e já depois de a delegação norte-americano, liderada por Michael Novak, ter assentido ao acordo e indicado que fora atingido um consenso entre os delegados dos 35 países.

A reunião é a última sobre uma série de aspectos das relações Leste-Oeste antes de um encontro para apreciação global dos progressos feitos à luz dos acordos de Helsínquia sobre segurança e cooperação na Europa de 1975.

Direitos humanos

Parlamentares de todo mundo, reunidos em Londres, afirmaram que quaisquer progressos significativos nas relações Leste-Oeste estão condicionados ao respeito dos direitos humanos na URSS, afirmaram parlamentares de todo o mundo.

Após uma conferência subordinada ao tema «os Direitos Humanos na URSS» os legisladores do Grupo Parlamentar Internacional (IPG) apelaram a Moscovo para respeitar os direitos humanos ao abrigo de legislação internacional.

24 HORAS

Bispos moçambicanos

A paz será um dos temas principais a abordar pela conferência extraordinária dos bispos de Moçambique que hoje começa no Maputo, disse um dos participantes. Em Abril último, durante a conferência ordinária, os bispos prometeram debruçar-se, em breve, sobre o tema da paz.

Ameaça da Líbia

O «alcaide» de Lampedusa, Giovanni Fragapane, pediu ao Governo italiano uma «resposta urgente» às ameaças líbias de atacar novamente a ilha italiana. O governo de Tripoli ameaçou, no domingo, atacar novamente Lampedusa, território italiano a 300 quilómetros da costa líbia «porque continua a ser uma base da Aliança Atlântica». A recíproca expulsão de numerosos diplomatas, quer líbios da Itália, quer italianos da Líbia, na sequência do ataque norte-americano a Tripoli e Benghasi, estaria na raiz da última ameaça líbia à ilha mediterrânica.

ETA sabota turismo

A organização ETA Militar ameaçou com uma campanha de sabotagens durante este Verão, no Mediterrâneo e noutras zonas turísticas espanholas, de acordo com comunicado distribuído aos meios de comunicação bascos. No seu comunicado, a ETA Militar assinala como objectivo os interesses económicos espanhóis. Na Primavera do ano passado, a ETA Militar também levou a cabo uma campanha contra o turismo e colocou diversas bombas em centros turísticos do Mediterrâneo.

Acordo de Contadora

Nicarágua quer assinar mas exige "clarificação"

O Presidente Nicaraguano Daniel Ortega, afirmou que o seu país pretende assinar o acordo de Contadora, no dia 6 de Junho, desde que explicados alguns dos seus aspectos, nomeadamente as manobras militares e a redução de armamentos.

«A Nicarágua não exige que se introduzam alterações ao acordo, mas sim que sejam precisados alguns dos seus aspectos», sublinhou Ortega numa entrevista para a revista norte-americana «U.S. News and World Report».

«Desejávamos ver explicitado nesse acordo, entre outras coisas, que as manobras militares na região seriam proibidas, enquanto os Estados Unidos, por intermédio das Honduras, pretendem dizer-nos que essas manobras seriam simplesmente regulamentadas», prosseguiu o Presidente da Nicarágua.

No que concerne à redução de armamentos, Ortega é da opinião que «a América Central deve decidir sobre que tipo de armas estamos a falar», argumentando que «é inegociável a limitação e a redução do armamento ofensivo, ao mesmo tempo que não é o defensivo».

Considera ainda que, para a Nicarágua «não é fundamental» o Congresso aprovar ou não qualquer tipo de ajuda aos rebeldes (contras), pois estamos cientes que, «mesmo que ele o congresso (norte-americano) não aprove tal auxílio, a administração de Ronald Reagan encontrará sempre maneira de conseguir dinheiro e equipamento, incluindo helicópteros, para os entregar aos «contras», opinou o Presidente nicaraguano.

Auxílio italiano a Moçambique

A Itália vai conceder a Moçambique uma ajuda de emergência no valor de 67 000 milhões de liras (cerca de 6700 contos) — informa uma nota do Ministério moçambicano das Finanças.

Aquele montante destina-se a auxílio alimentar, financiar programas de agricultura e de pescas, bem como projectos no âmbito de organismos governamentais — acrescenta a informação, divulgada depois do regresso do ministro moçambicano das Finanças, Abdul Magid Osman, da sua visita à Itália.

Do auxílio italiano 13 600 milhões de liras (1360 contos) destinam-se à ajuda alimentar e 46 500 milhões (4650 contos) aos programas de agricultura e pescas, informa a nota do Ministério.

Eleições na Áustria

Waldheim parece ser o favorito

A menos de duas semanas da segunda volta eleitoral para a presidência austríaca, o candidato conservador Kurt Waldheim parece ser o favorito, apesar das acusações do Congresso Mundial Judaico sobre o seu alegado passado nazi.

Waldheim, que obteve 49,7 por cento dos votos totais nas eleições presidenciais de 4 de Maio, faltando-lhe apenas 16 000 votos para a maioria absoluta, com uma vantagem de mais de 5 por cento sobre o candidato socialista Kurt Steyer, único rival na segunda volta.

Segundo a maioria dos observadores políticos austríacos, a publicidade negativa contra o candidato conservador beneficou-o desde que se conheceram as primeiras notícias sobre as suas actividades militares como oficial e intérprete.

A polémica pública acerca do silêncio sobre o seu passado na biografia oficial despertou o interesse da Imprensa internacional pelo político que esteve 10 anos à frente das Nações Unidas e uniu as fileiras do Partido Popular Austríaco (OEVP), que o apoia como «candidato independente».

A polícia e os funcionários políticos austríacos receiam um aumento das manifestações dirigidas contra Waldheim nos dias que vão anteceder a segunda volta eleitoral — escreve o diário austríaco «Die Presse».

BOA SORTE PARA PORTUGAL

no 13º Campeonato do Mundo de Futebol México/86

Concurso n.º 81/86
Bulgária — Itália (31.5.)
Canadá — França (1.6.)
Espanha — Brasil (1.6.)
Argentina — Coreia do Sul (2.6.)
Rússia — Hungria (2.6.)
Marrocos — Polónia (2.6.)
Bélgica — México (3.6.)
Argélia — Irlanda do Norte (3.6.)
Portugal — Inglaterra (3.6.)
Paraguai — Iraque (4.6.)
Uruguai — RFA (4.6.)
Escócia — Dinamarca (4.6.)
Varzim — Aves (1.6.)
(bilhetes entregues com os do Concurso 22 do Totoloto)

Concurso n.º 82/86
México — Paraguai (7.6.)
Irlanda do Norte — Espanha (7.6.)
Polónia — Portugal (7.6.)
RFA — Escócia (8.6.)
Dinamarca — Uruguai (8.6.)
Hungria — França (9.6.)
Rússia — Canadá (9.6.)
Coreia do Sul — Itália (10.6.)
Argentina — Bulgária (10.6.)
Iraque — México (11.6.)
Paraguai — Bélgica (11.6.)
Portugal — Marrocos (11.6.)
Inglaterra — Polónia (11.6.)
(bilhetes entregues com os do Concurso 23 do Totoloto)

Fortuna com o totobola

JOGUE FORTE NO SEU FUTURO, JOGUE FORTE NO TOTOBOLA

Satisfeita com a organização

Petrogal quer ajudar a projectar a Volta GALP a Portugal

A Petrogal, o principal patrocinador da Volta Galp a Portugal, quer contribuir para que esta prova venha a ter a projecção internacional que merece. É uma afirmação do arquitecto Jorge Araújo, um responsável da companhia petrolífera nacional que desde há muitos anos vem apoiando o desporto automóvel, podendo mesmo dizer-se que este não alcançaria o nível que atingiu sem esse apoio.

«O objectivo da Petrogal, salientou-nos o arquitecto Jorge Araújo, é ajudar a projectar a Volta a Portugal para o lugar a que ela tem direito, pensamos nós. Encontámos uma equipa extraordinária, que é o 'Clube 100 à Hora' e julgo que a prova está no bom caminho e vai efectivamente subir de coeficiente para o Europeu, mas isso depende de factores aos quais somos alheios».

Disputada num momento em que os ralis atravessam um período de certa confusão em consequência de uma serie de acidentes que não deixaram de afectar as organizações respectivas, a edição deste ano da Volta Galp a Portugal trouxe diversas inovações, especialmente no capítulo de segurança, e demonstrou que é sempre possível fazer melhor quando se trabalha com inteligência, esforço e imaginação. Este factor foi particularmente sensível à Petrogal que viu o seu apoio compensado em termos de prestigio. Jorge Aruújo referiu-se a este aspecto afirmando-nos estar «extraordinariamente satisfeito com a maneira como esta Volta decorreu pois, quer do ponto de vista organizativo, quer sob o ponto de vista desportivo, sob todos os aspectos no sentido amplo do termo, esta prova foi um êxito».

As razões de um apoio

O interesse da Petrogal pela Volta a Portugal, foi-nos explicado pelo arquitecto Jorge Araújo como resultante de os responsáveis da companhia pensarem que a Volta teve uma projecção enorme mas estava, a certa altura, a perder o lugar a que tinha direito.

«Como disse já, aproveitando a circunstância de nos surgirem uns colaboradores tão aptos e extraordinários, pensamos e queremos que a Volta a Portugal, que é a prova desportiva mais antiga, tenha o lugar que merece. Penso que deve ser uma prova de nível internacional de coeficiente 3 ou eventualmente 4».

Jorge Araújo disse-nos ainda que a Petrogal continuará a apostar na Volta Galp a Portugal enquanto puder.

Pedro de Almeida satisfeito

Satisfeito também com o balanço geral desta prova ficou o seu director e responsável desportivo, Pedro de Almeida.

«É um bocado cedo para fazer um balanço, disse-nos. Normalmente quando chegamos a esta fase da prova eu estou cheio de ideias para a edição do ano seguinte e nesta altura não tenho nenhuma ideia. Isto significa, para mim, que as coisas nos correram este ano a nível bastante aceitável».

Interrogado sobre se tinham funcionado todas as inovações anunciadas a quando da apresentação da prova, há cerca de dois meses, Pedro de Almeida respondeu afirmativamente salientando que efectivamente tudo decorreu conforme o programado.

«E curiosamente, sublinhou, quando nós falámos em inovaçoes, não sabíamos quais iam ser as decisoes da FISA e elas acabaram por vir ao encontro daquilo que nos proprios já tinhamos em agenda. Daí que, apesar dessas inovaçoes entrarem em vigor apenas no mês de Maio, já estávamos antecipadamente preparados pra as pôr em vigor. Felizmente não foram necessárias porque não houve nenhum acidente grave, mas todos estes esquemas estiveram sempre presentes, com a garantia de um acréscimo de segurança. Devo dizer também que notei da parte de todo o público, ao longo destes quilómetros, um comportamento muito mais participante e responsável, do que tinha visto anteriormente mesmo em ralis sem ser o Rali de Portugal.

Significa que o Clube 100 à Hora teve a percepção do que era necessário fazer e antecipou-se às decisões da FISA?

Tudo aquilo que nós tínhamos previsto — carros a abrirem os trocos com altifalantes a avisarem o publico da chegada dos concorrentes, distribuição de panfletos com recomendaçoes, com conselhos ao público, colocaçao de fiscais da organizaçao, ou se quisermos, comissários da organização com a missao de sensibilizarem o publico nos sítios onde a sua afluência era mais significativa — tudo isso nós fizemos. Felizmente não houve nenhum acidente que viesse ensombrar a prova mas mesmo nos acidentes, por exemplo, que houve em Sintra, e que não envolveram espectadores, estavam lá os comissários para regularizarem a situação e evitarem que eles tomassem proporções mais graves. Inclusivamente no acidente em se que se cehgou a recear que os pilotos tivessem ficado gravemente feridos, imediatamente a prova foi suspensa e entrou uma ambulância no troço. Tudo aquilo que estava ao nosso alcance foi feito».

Esperançado num aumento de coeficiente?

«O campeonato da Europa é um contrato. Nós cumprimos a nossa parte do contrato, penso eu. Agora, daqui para a frente, há que conhecer qual é a avaliação da qualidade da organização feita pelos observadores da FISA — e a primeira parte — e depois saber o que é que as outras provas fizeram, o que é que a FISA entende. Há toda uma serie de outros pormenores que nos escapam completamente. Não dependem da qualidade da organização, dependem sim da avaliação de pessoas que nos são estranhas.»

MUDANÇA DE TELEFONES

Serviço de Informação ao Público

Informa-se que a partir do dia **19 MAIO 86 o SIP** passa a funcionar na Av. Casal Ribeiro, 18 — 4.º Piso e será servido pelos telefones:

545826 — 545775 — 545439

G-03/84

IRN RODOVIARIA NACIONAL

«JOSÉ ANTÓNIO SERÔDIO, LIMITADA»

CERTIFICO

Para efeitos de publicação que por escritura de 13 de Maio corrente, lavrada de folhas 61, a folhas 64 do livro de notas para escrituras diversas número 17-L, do Quinto Cartório Notarial de Lisboa a cargo da Notária Licenciada Maria Adília Borges Tristão, os senhores Dr. José Manuel Braga Madeira Serôdio, solteiro maior, D. Helena Maria Simões de Paiva Madeira Serôdio, solteira maior e o senhor Manuel José Simões de Paiva Madeira Serôdio, solteiro maior, como únicos sócios que ficaram sendo da sociedade comercial por quotas de responsalidade limitada, com a firma «José António Serôdio, Limitada», resolveram mudar a sede social que era em Lisboa na Avenida João XXI, número 58, rés-do-chão esquerdo, para a Avenida João XXI, número 58, terceiro andar direito, em Lisboa e ainda alterar parcialmente o pacto social, substituindo a redacção do artigo primeiro e quinto, que passaram a ser os seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade continua a adoptar a firma «José António Serôdio, Limitada», tem a sua sede em Lisboa na Avenida João XXI, número cinquenta e oito, terceiro andar direito, em Lisboa, e a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início na data da sua constituição em cartoze de Março de mil novecentos e quarenta e um.

QUINTO

A gerência e a administração da sociedade fica a cargo de todos os sócios, que ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: A sociedade fica validamente obrigada em todos os seus actos e contratos com a assinatura de um só gerente.

PARÁGRAFO SEGUNDO: Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, mas neste último caso com o consentimento dado em Assembleia Geral.

Vai conforme.

Lisboa, vinte e um de Maio de mil novecentos e oitenta e seis.

A Esc. Superior

(Assinatura ilegível)

D.L. 27/5/1986

"Volta ao Alentejo" já hoje na estrada

Inicia-se hoje uma das mais importantes provas do nosso calendário velocipédico. Com cerca de 1100 quilómetros (repartidos por sete etapas) principia a 4.ª edição da Volta ao Alentejo, que vai reunir em pelotão, todas as equipas profissionais.

O percurso escolhido para este ano alargou a quilometragem em relação aos outros anos, mas nem por isso o traçado se pode considerar mais duro, pois trata-se de uma corrida quase toda desenvolvida em teremos planos.

Hoje: prólogo, em Vendas Novas, em contra-relógio por equipas. 1.ª etapa: Vendas Novas - Grândola, 205km, partida às 14 horas. Amanhã, 2.ª etapa: Santiago do Cacém -Beja, 204km, partida às 14 horas. 5.ª-feira, 3.ª etapa: Beja -Serpa, 163km, partida às 9 horas. 4.ª etapa: Barragem do Alqueva - Portel, 26km, em contra-relógio individual, partida do 1.º corredor, às 17 horas. 6.ª-feira, 5.ª etapa: Moura - Elvas, 135km, partida às 15.30 horas. Sábado, 6.ª etapa: Campo Maior - Ponte de Sor, 172km, partida às 14 e 30 horas. Domingo, 7.ª etapa: Ponte de Sor - Évora, 189km, partida às 13 horas.

Acácio mantém-se

Acácio da Silva manteve o 7.º lugar no «Giro» de Itália, a quatro minutos e nove segundos do «líder» (Giuseppe Saronni), apesar de terminar a 15.ª etapa no 20.º lugar a 56 segundos do vencedor, Erik Pedersen.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Golegã em todos os dias úteis, durante às horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1131, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho da Golegã, de uma linha a 30 KV com 854 metros, do poste n.º 11, da linha P.T. GLG n.º 6 C, ao P.T. GLC n.º 15 C, de Isabel Juliana Holstein Campilho, sito no Barracão do Duque.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 13 de Maio de 1986

Pel'O Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

«Contra o Tempo» é uma corrida universal que se destina a sensibilizar as populações para o flagelo da fome em África. Em Lisboa participaram dois mil «atletas»

Dois mil portugueses correram contra o tempo

Cerca de 20 milhões de pessoas de 78 países, entre os quais Portugal, participaram domingo na «Corrida Contra o Tempo», iniciativa integrada na campanha «Sport Aid», destinada a obter fundos para a luta contra a fome em África.

Entre os cerca de 2000 participantes na corrida lisboeta estiveram John Mortimore, técnico de futebol benfiquista, Nené (acompanhado do filho) e Delgado, futebolista do mesmo clube, Amândio Sá, treinador da selecção moçambicana de atletismo, e 70 marinheiros ingleses da esquadra da NATO fundeada no Tejo.

Além das contribuições monetárias dos participantes e assistentes, foram vendidos durante a campanha milhares de objectos, desde camisolas e autocolantes, de forma a conseguir fundos para lutar contra a subnutrição no continente africano, a que se juntarão as verbas conseguidas com publicidade.

Em Portugal, a prova foi apadrinhada pelo secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, que atrasou o regresso a Nova York depois de alguns dias de visita privada a Portugal para dar a partida aos cerca de dois mil atletas que participaram na corrida. «**Esperamos que esta seja das últimas corridas contra o tempo, porque o tempo urge**» — disse Cuellar, acrescentando que espera o apoio dos governantes «para terminar o flagelo da fome no continente africano».

Rosa Mota: vitória

Rosa Mota (cap) venceu uma prova de 10 000 metros realizada em Bolder, (Colorado). Rosa Mota, que já em 1985 tinha ganho a prova Bolder Boulder (com o tempo de 33 minutos e 59 segundos) venceu este ano com o tempo de 33.54. O 2.º lugar foi para Nancy Rooks (Canadá) com 34.18 e a 3.ª foi a norte-americana Maureen Costy (34.48).

Jordão: de Alvalade para Faro?

Rui Jordão poderá representar o Farense na próxima época. Além de Jordão, o Sporting Farense pretende ainda assegurar a contratação de Joel e Ademar (Belenenses) e ainda dos sportinguistas Lima e Vítor Chow. O presidente Fernando Barata admite que os benfiquistas Delgado, Carlos Pereira e Padinha estão também nos planos do Farense, equipa que na próxima época regressa à 1.ª divisão do futebol português.

Académica: aquisições

A Académica de Coimbra assinou contrato por uma época com Russiano (avançado que representou o Vitória de Guimarães na última temporada). Anteriormente, a Académica tinha conseguido o concurso, por um ano, dos futebolistas Quinito (ex-Boavista), Tozé (ex-Marítimo), Pedro (ex-Torriense) e Rogério (ex-Vila Real). Todavia, a Académica procura um ponta-de-lança para completar o «plantel» à disposição do técnico Vítor Manuel, na próxima época.

No capítulo das renovações, «está tudo definido», incluindo os casos de Pedro Xavier, Rolão, Flávio, Barry e Francisco Silva, que já subscreveram novos compromissos com o clube. A lista de dispensas será elaborada esta semana pelo técnico.

Trocas e baldrocas

Vital, guarda-redes do Portimonense, vai ser jogador do Sporting durante a próxima época, em troca com o internacional «esperança» Sérgio. Entretanto, o Sporting continua interessado no belga Serge Cadorin, não obstante o Nice ter oferecido uma verba «muito tentadora» para a transferência do jogador.

Pacheco e Rui Manuel, que na última época actuaram no Torralta, são algumas das aquisições já anunciadas pelo departamento de futebol do Portimonense.

Rui Silva deixa Marvila

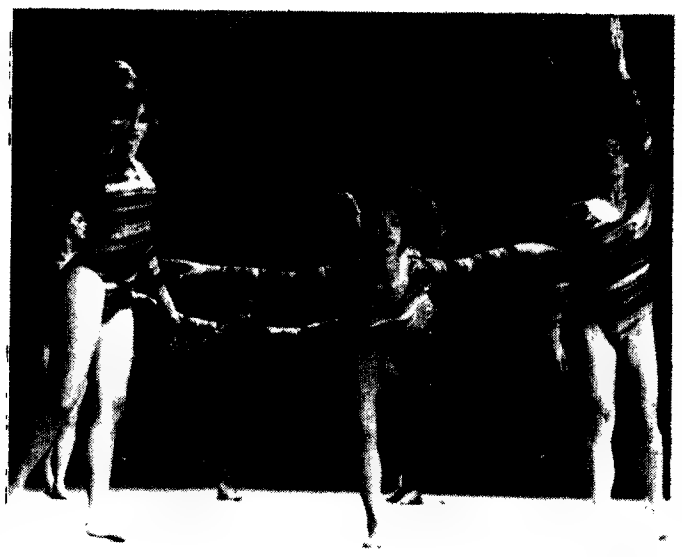
O técnico Rui Silva deixou o Oriental. Razão: uma semana em que (com autorização de parte da direcção orientalista...) esteve afastado do trabalho, para promover o seu livro «Viagem ao mundo louco do futebol», valeu-lhe o despedimento.

Allison quase em Setúbal

Malcolm Allison (sempre muito bem acompanhado) será hoje o ponto alto da reunião da nova direcção do Vitória de Setúbal: convidado pelo presidente Fernando Oliveira, o técnico britânico está a um passo de assumir o comando da turma do Bonfim, podendo imediatamente a seguir proceder a uma avaliação geral dos valores que tem à disposição. Duas notas já saltam de bastidores normalmente bem informados: o antigo «internacional» Ferando Mendes poderá ser o seu adjunto e é também provável que o húngaro Meszáros regresse (por uma época) a Portugal para defender as redes vitorianas.

Belenenses vai reunir para eleger

Nos termos conjugados da alínea a) do Artigo 77.º e da alínea a) do n.º 1, do Artigo 83.º dos estatutos do clube é convocada a assembleia geral ordinária do Belenenses, a reunir no dia 21 de Junho de 1986 (sábado), pelas 9 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo do Estádio do Restelo, com a seguinte ordem de trabalhos: eleição de membros dos corpos sociais do clube para o biénio de 1986-1988 (presidente e vice-presidente da assembleia geral; presidente do conselho fiscal e presidente e presidente substituto da direcção). De harmonia com o Artigo 78.º dos estatutos, se a assembleia não poder reunir a hora marcada por falta de número legal de associados, realizar-se-á 30 minutos depois com qualquer número de sócios. O acto eleitoral decorrerá até às 18 horas do mesmo dia, momento em que se dará por finda a votação. Estabelece-se o dia 11 de Junho de 1986 (4.ª-feira) como prazo-limite para recepção de candidaturas, que serão dirigidas ao presidente da Assembleia Geral do Clube de Futebol «Os Belenenses» (Estádio do Restelo).



Beleza e agilidade combinaram-se no festival «Luz, som, movimento» que se realizou no Teatro Maria Matos, integrado no calendário de acção gímnica do Sporting. Na parada que enquadrou um detalhe do trabalho levado a cabo na «oficina» de Alvalade, foram distinguidos (com prémios Ernestina Lopes Soares) o professor Mirandela da Costa (director-geral dos Desportos), Pedro Feist (vereador da Câmara Municipal de Lisboa), o seccionista leonino Jorge Santos Vieira e a professora Olga Maria Anjos Alves

Máximos

Halterofilia: Recorde mundial

O chinês He Zhuo Quiang estabeleceu um novo recorde mundial de halterofilia na modalidade de arranco, categoria de mais de 52 quilos, ao levantar 116 quilos no «Europeu» de juniores, a decorrer em Donaueschingen (RFA). He Zhuo Quiang melhorou em meio quilo o anterior máximo mundial que pertencia ao búlgaro Neno Terziiskino.

Microscópio

Golfe: circuito profissional

Rogério Valente, da Quinta do Lago, passou para o comando do circuito profissional de golfe ao terminar em 2.º lugar a prova disputada em Miramar e ganha pelo madeirense João Sousa.

João Sousa venceu a 4.ª prova do circuito profissional da ordem de mérito da Federação Portuguesa de Golfe, totalizando após quatro voltas 288 pancadas, contra 291 de Rogério Valente, segundo classificado. António Paula da Quinta da Marinha, terminou em 3.º lugar com 293, seguido de Fernando Folha, Miramar, com 295 pancadas.

Rogério Valente comanda o circuito profissional com 186 pontos.

A quinta e última prova do circuito profissional de golfe decorre de 10 a 14 de Junho na Quinta do Lago.

COOMAPOR, C. R. L.

COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo dos Estatutos e da Legislação cooperativa convoco todos os associados da COOMAPOR — COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO, CRL, para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 4 de Junho de 1986 (4.ª feira), pelas 17.00 horas, nas instalações do Centro Coordenador do Trabalho Portuário de Lisboa (CCTPL), sitas na Av. Infante D. Henrique, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1— ADMISSÃO DE COOPERADORES;
2 — INFORMAÇÕES.

Se à hora indicada não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia reunirá em segunda convocação uma hora depois com qualquer número de cooperadores presentes.

O PRESIDENTE DA MESA DA A. GERAL

(CARLOS ALBERTO DE SOUSA GUERREIRO)

Com o decorrer das horas e a posição firme da Federação de não aumentar os dinheiros que os «infantes» têm em jogo no México, também com a firme recusa a qualquer diálogo complementar por parte dos dirigentes do organismo da Praça da Alegria, com muita gente entendendo que os atletas (profissionais de um espectáculo em que são a única razão para estar num palco) devem ser contemplados mais largamente pelo seu esforço e outra boa parte de público achando que já estão muito bem pagos e que qualquer reivindicação deveria ter sido feita atempadamente (e não depois de já ter entrado na FIFA a lista dos 22 nomes que podem actuar por Portugal na fase final deste Mundial) o impasse mantém-se: só logo à noite é que Bento e seus companheiros vão divulgar a derradeira tomada de posição e (provavelmente) sossegar quantos os aplaudiram em delírio na hora da abalada com a nossa melhor esperança. E toda a confiança nas suas atitudes: e nos sonhos de bem defenderem as quinas que vão levar no peito. Orgulhosamente, claro.

Mensagem aos "infantes"

Soares: "Está em causa o prestígio de Portugal"

Os jogadores da selecção portuguesa anunciaram para hoje à noite em Saltillo, uma nova tomada de posição sobre o conflito que os opõe radicalmente à Federação. Fontes dignas de crédito, asseguram que o litígio poderá ser torneado a partir de amanhã regressando assim a calma a La Torre.

Às 21 e 30 locais (4 e 30 de 4.ª feira em Lisboa) os 'infantes' darão a conhecer a sua posição, independentemente de Silva Resende (que ao fim da tarde de ontem chegou à Cidade do México) se deslocar ou não a Saltillo.

Os jogadores ameaçaram paralisar os treinos se o presidente da Federação se não deslocar hoje a Saltillo para fazer o que (afirmam) nunca quis: dialogar sobre as condições monetárias da selecção.

José Torres tem-se mostrado muito calmo e reservado sobre a situação, embora tenha estado quase decidido a regressar a Lisboa, quando a 'bomba' explodiu, em Saltillo. Ainda assim, admite-se que o técnico da selecção possa voltar a essa sua atitude caso os trabalhos da selecção não regressem à normalidade. Mas os futebolistas, que neste aspecto continuam a agir em conjunto, não irão pôr em risco a participação portuguesa no campeonato do Mundo.

«A partir de amanhã, queremos treinar em paz para o campeonato: porque é para isso que aqui estamos», afirmam todos os 'infantes'.

Mensagem de Mário Soares

Admitido pelos jogadores o regresso à normalidade pode acontecer que eles decidam que em circunstâncias como as verificadas não voltem, na situação mais extrema, à selecção.

O dr. Mário Soares, o Presidente da República, apelou para a **«serenidade, o bom-senso e o espírito de diálogo»** dos jogadores e dirigentes da selecção portuguesa de futebol, para que seja ultrapassada **«uma situação que os portugueses não compreendem»**.

Em mensagem dirigida ao presidente da Federação Portuguesa de Futebol e aos «infantes», Mário Soares refere que, tal como a opinião pública, segue **«com apreensão o agravamento das divergências entre a FPF e os membros da selecção portuguesa que se encontra no México para participar no campeonato mundial de futebol. Estando em causa, neste momento, o prestígio de Portugal e a representação condigna do nosso país numa das maiores manifestações desportivas a nível mundial»** — acrescenta Mário Soares no telegrama enviado para Saltillo. **«Permito-me dirigir-vos o apelo para que a serenidade, o bom-senso e o espírito de diálogo se sobreponham à intransigência, pondo fim a uma situação que os portugueses não compreendem.»**

A concluir, o Presidente da República deseja aos «infantes» o **«maior êxito nos jogos que se avizinham»**.

Sporting avisa

O prof. Mirandela da Costa, director-geral dos Desportos, manteve também contactos telefónicos com Amândio de Carvalho. O coordenador da selecção disse que Mirandela da Costa lhe deu conta da preocupação do ministro da Educação com o que se está a passar em Saltillo e lhe disse que o Governo se manterá à margem do conflito, por este ser da jurisdição da Federação Portuguesa de Futebol.

Por seu lado, o Sporting mostrou-se apreensivo face às posições assumidas pelos seus jogadores na selecção e advertiu esses futebolistas, concentrados em Saltillo para as atitudes que venham a tomar.

José Torres: visado por críticas de Amândio de Carvalho, esteve quase de mala feita para o regresso

Num texto de quatro pontos, já transmitido aos futebolistas do clube, a direcção do Sporting manifesta a sua **«apreensão e surpresa»** pela **«adesão dos jogadores do Sporting Clube de Portugal ao comunicado difundido»**. O Sporting lembra aos seus futebolistas que **«toda a atitude»** tomada para com a Federação **«deve ter em conta a relação»** que têm com o clube que (diz o texto) **«cedeu a vossa colaboração»**.

A direcção «leonina» lembra aos seus futebolistas que **«integrados na selecção nacional de futebol não perdem a qualidade de jogadores vinculados por contrato ao clube»** e lembra que sempre **«foi considerada honra e máxima distinção»** que os seus atletas **«integrem equipas de Portugal»**.

O comunicado termina dizendo que a direcção «leonina» **«continua atenta à evolução dos acontecimentos»**.

Jogadores querem tratamento correcto pelos federativos

Os jogadores, que ontem treinaram de manhã e à tarde com o esforço e a aplicação habituais, insistem em que a sua «rebelião» não tem por objectivo «ganhar mais 100 ou 200 contos». O que está em causa, repetem «é o modo como a Federação lida com os jogadores, o que queremos que não volte mais a acontecer».

A direcção federativa confirma que, tanto em Lisboa como em Saltillo, sempre se recusou a discutir com os jogadores os aspectos financeiros da campanha do México.

Os «infantes» foram implicitamente obrigados a aceitá-los e esse é o fundamento (independentemente dos quantitativos em causa e sem dúvida muito inferiores ao conjunto das selecções «mundialistas») da revolta, que vinha latente de Lisboa e estalou no México.

Também a ideia existente em alguns portugueses de que os jogadores estão numa espécie de férias em Saltillo não corresponde, de facto, à realidade e está a provocar alguma indignação entre os «infantes». A responsabilidade do tipo de estágio que realizam e das suas falhas não lhes pertence: e a participação no «Mundial» (afirmam) não está em causa.

«Ninguém nos pode acusrr seja do que for dentro das quatro linhas», sublinha um dos jogadores da selecção.

Prevê-se, assim, que hoje à noite em Saltillo os jogadores concedam uma trégua nesta «guerra» que, centrada no dinheiro, afirmam representar para eles a defesa do direito de negociação das condições de trabalho: «Denunciar a forma como nos tratam, a ausência de diálogo e o tipo de actuação da direcção federativa já é para nós uma vitória», afirma um «infante». Quanto ao campeonato que se vai iniciar dentro de dias acrescentou: «Quando as coisas corre mel é que acabam por sair bem». Oxalá!

Que podia acontecer?

Se a selecção não comparecesse no campeonato do mundo, a Federação Portuguesa de Futebol teria de pagar mais de 400 mil contos — garante Amândio de Carvalho. O coordenador da selecção, com o qual os jogadores romperam domingo à noite, é o homem contestado pelos «Infantes». Sereno, diz ter já enviado para o hotel do dr. Silva Resende na capital mexicana a informação necessária sobre **a rebelião de La Torre**.

Os jogadores, que exigem maiores prémios nos jogos do «Mundial», queriam a presença de Silva Resende em Saltillo durante o dia de hoje: se isso não acontecesse paralisariam os treinos.

Os jogadores pretendem negociar com Silva Resende os prémios que foram fixados em Lisboa pela direcção da Federação em 300 contos pelos três encontros da 1.ª fase do grupo «F», pagos independentemente do resultado. A passagem à segunda fase aumentaria de 700 contos esse prémio, passando os jogadores a receber 1.000 contos. Por outro lado, os futebolistas (cuja hospedagem em La Torre é custeada pela Federação) receberam, ainda, em Lisboa, as diárias de 4000 escudos até ao dia 13 de Junho.

Pontos de vista colidentes

Amândio de Carvalho recebeu (entretanto) um comunicado distribuído em Lisboa pela direcção da FPF apoiando a sua decisão. A direcção federativa dá **total apoio** à decisão tomada pelo coordenador da selecção, no diferendo com os jogadores.

A direcção federativa distribuiu um comunicado com cinco pontos, onde em cerca de 100 palavras, diz que o estabelecido em Lisboa não é susceptível de alteração.

A deliberação sobre os valores para prémios, ou outras compensações monetárias, foi estabelecida por esta direcção depois de uma análise ponderada dos diversos factores que sobre eles inpendem, diz o texto, salientando que **deste modo não são susceptíveis de alteração.** A deliberação foi assumida por um órgão colegial e, portanto, sem possibilidades de ser modificado por um ou mais directores que não estabeleçam maioria, salienta o terceiro ponto.

Deste modo, o coordenador da selecção limitou-se (no caso) a dar conhecimento dos referidos valores aos jogadores que deles se inteiraram ainda em Portugal, após constituído o grupo seleccionado, concluindo o texto federativo dizendo que **assim dá esta direcção total apoio para a decisão tomada pelo coordenador Amândio de Carvalho, dado que outra não podia ter.**

Diálogo reata-se?

As decisões sobre os prémios e outras questões monetárias da selecção são tomadas pela direcção federativa, pelo que a admitir-se alguma alteração após conversações com Silva Resende isso deveria implicar contactos entre dirigentes presentes em Saltillo e os que se encontram em Lisboa.

Os dirigentes federativos chamaram ainda a atenção dos atletas para as sanções disciplinares a que os jogadores ficarão sujeitos por parte da FPF e ainda para a possibilidade de, no âmbito do campeonato do Mundo, a FIFA poder intervir disciplinarmente. Porém, ainda nada quiseram acrescentar sobre a possibilidade de procedimento disciplinar.

A «Rebelião de La Torre» (que tem grande relevo na Imprensa mexicana) pode dirigir-se para um beco sem saída, dadas as posições extremadas entre federativos e jogadores. O diálogo sobre o dinheiro foi fechado desde 21 de Abril pela Federação e pensa-se (em Saltillo) que uma plataforma de entendimento apenas seria possível através de uma mediação exterior aos «infantes» e aos dirigentes.

Reacções díspares

Começaram a chegar a La Torre reacções de Lisboa, divididas entre telefonemas de apoio aos jogadores e telexes condenando-os e exigindo o seu regresso. Estes ecos dão conta, em Saltillo, de um ambiente também quente que se vive em Portugal, relativamente à «revolta dos infantes».

Pequenas lesões

A selecção continua a treinar de manhã e à tarde em Saltillo,

César Grácio: «como ficamos de hino?»

atingida por uma onda de pequenas lesões. O único que não treinou ontem de manhã foi André (em tratamento a uma entorse), Carlos Manuel voltou a ser tocado (domingo) desta vez na coxa direita, mas o dr. Camacho Vieira considera a lesão recuperável em 24 ou 48 horas. Inácio sofreu uma luxação num dedo e treina com a mão ligada, enquanto Gomes recupera de uma contusão traumática na perna direita.

Ribeiro e Diamantino, ligeiramente tocados no treino de domingo, estão recuperados.

Enquanto em La Torre, agora centro de atracção da Informação mexicana e inglesa, tudo continua suspenso de mais comunicados nesta guerra de consequências imprevisíveis, as selecções adversárias de Portugal preparam-se para o campeonato que se inicia no sábado.

A Inglaterra chegou a Saltillo no domingo à noite no meio de um fantástico aparato militar e policial, e o técnico Bob Robson insistiu em que a equipa veio para chegar à final. A partir de hoje, os ingleses passaram a treinar diariamente num campo em Monterrey. Também em Monterrey, jogou a selecção marroquina, que venceu por 6-0 uma equipa junior dos Tigres, no seu quarto jogo-treino realizado no México. A partida esteve ameaçada de batalha campal no fim da 1.ª parte e registou ainda outro pormenor curioso: a segurança descobriu três «espiões» polacos, atrás de um muro, u observarem a equipa norte-africana. Os marroquinos têm proibido assistência aos seus jogos-treino e os «espiões» polocacos, mal foram descobertos, abandonaram de imediato o local.

Silva Resende não vai a Saltillo

Sabe-se já que o presidente federativo, não se deslocará ao

Seja o leitor o juiz: "Infantes" ou Federação?

motel onde está instalada a selecção, não obstante se encontrar no México a participar em reunião da FIFA. A informação é revelada por Amândio de Carvalho, que recebeu um telex de Silva Resende sobre o assunto. Nesse telex, Silva Resende concede a Amândio de Carvalho **plenos poderes** para resolver o diferendo. Os jogadores tinham dado um prazo a Silva Resende para dialogar com eles, prazo que termina hoje.

Torres quase abdicou

Cheguei a pensar em colocar o meu lugar de seleccionador nacional à disposição — diz José Torres, a propósito do diferendo criado entre os jogadores e a FPF.

Torres revelou que desistiu da ideia de se demitir depois de uma conversa com Amândio de Carvalho:

Fui contratado para orientar a equipa e não parA resolver os problemas existentes entre os jogadores e a Federação, frisa Torres que acrescentou: **vou até ao fim.**

Depois de acentuar que o diferendo deveria ter sido resolvido antes da viagem para o México, José Torres confessou: **gastei o meu latim a tentar resolver o problema, mas de agora em diante isso é um assunto que não me diz respeito.**

E mostrou-se confiante na evolução «positiva» do conflito e esperando que **o bom senso impere.**

CDS também entra na onda

O CDS fez também um **apelo ao patriotismo** dos «Infantes» e dos dirigentes federativos, no sentido de **garantir a dignificação do nome de Portugal, de que o futebol português tem sido um exemplo marcante.** Os centristas referem (em comunicado) estar preocupados com o conflito, sublinhando que não pretendem **interferir na lógica associativa do futebol português**. Mas que o CDS não pode deixar de solidarizar-se com a **ansiedade da população portuguesa**, para quem a atitude dos jogadores não passa de **uma defesa de regalias profissionais quando está em causa, perante a opinião pública mundial, a imagem de Portugal.**

Silva Resende pronuncia-se

O presidente da Federação de Futebol considerou hoje «absurda» a situação criada pelos jogadores da selecção, e classificou de «inaceitáveis» as suas exigências. Silva Resende (que está na Cidade do México) enviou para Saltillo um telex, através da Embaixada de Portugal no México, onde afirma recusar deslocar-se ao Motel La Torre, conforme exigiam os jogadores.

«Gorilas» protegem a turma dos «infantes»

Nesta guerra de comunicados, Silva Resende afirma no seu que os jogadores aceitaram os prémios de presença (agora contestados) antes de partirem de Lisboa. **Prémios muito acima do nível de vida dos portugueses e mesmo da grande maioria dos jogadores de futebol**, argumenta o presidente da FPF. A mensagem foi dirigida a Amândio de Carvalho (coordenador da selecção) com quem os jogadores romperam relações. Silva Resende reafirma o seu apoio pessoal e o da direcção da FPF a Amândio de Carvalho, e diz não haver razão para alterar os seus planos de assistir esta semana ao congresso da FIFA, na capital do México. Conhecedor da posição do presidente da Federação, os jogadores confirmaram para a noite de hoje, em Saltillo, a divulgação de novo comunicado.

Mantém-se (porém) a ideia de que os «infantes» decretarão a trégua sem desarmarem nas suas críticas à direcção federativa. No entanto, apenas pensarão a partir de amanhã nos jogos do «mundial» que se aproximam.

Entretanto, novo telex foi afixado nas colunas (já quase cobertas de papel) do átrio do Motel la Torre. Trata-se de uma posição do Governo (através do ministro da Educação, dr. João de Deus Pinheiro) que classifica de antidesportiva e desprestigiante para o País a atitude dos jogadores portugueses. O Governo apelou para que os jogadores **«assumam a sua condição de desportistas, de profissionais e de portugueses».**

Discussão

Por outro lado, José Torres e Amândio de Carvalho travaram-se cordialmente de razões, em La Torre, após as afirmações do coordenador da selecção à RTP, ontem à noite. Amândio de Carvalho criticou José Torres, entendendo que este deveria ter sabido agir de modo a evitar a situação criada pelos jogadores, contra os quais Torres nunca tomou abertamente posição contrária.

Comentando a longa conversa travada pelo dirigente federativo e o técnico, Bento («capitão» da equipa) afirmou que **«não está certo o ataque a Torres, uma vez que o conflito se passa entre os jogadores e a Federação»**.

A selecção treina hoje à tarde (noite em Lisboa) em Saltillo, e ontem recebeu a visita do argentino Perrichon (radicado no México) que durante aos jogou em Portugal, onde, ao serviço do Sporting de Braga, marcou o golo que há 20 anos deu uma «Taça de Portugal» ao clube bracarense.

Treinos diferentes

No meio de toda esta turbulência, os «infantes» efectuaram um treino ligeiro no campo relvado da «Secção 38», perto de La Torre, tendo o técnico José Torres ensaiado remates de fora da área e colocado os jogadores a marcar grandes penalidades a Bento, Damas e Jorge Martins. Diamantino esteve ausente do treino em virtude de se queixar de um problema nos dentes, tendo ido a Saltillo para pôr massa num dente. Quanto a Morato foi assistido várias vezes pelo dr. Camacho Vieira, por se queixar de uma pequena dor no joelho direito.

O nosso árbitro «mexicano» já está incluído no grande bloco, na Cidade do México: entregue aos comandos de Tadeuz Kempka (preparador físico dos fundistas mexicanos). Carlos Valente todos os dias tem de correr 7,6 quilómetros e submeter-se a diversos exercícios atléticos: neste aspecto, está na primeira linha entre os demais parceiros de apito, todos concentrados no Hotel Presidente Galerias

Entretanto, a selecção da Hungria venceu a equipa do Leon (1.ª divisão mexicana) por 6-1, em jogo-treino dos «magiares». Os golos foram apontados por Detari (2), Kippich (2) e Dajka (2). Martinez marcou o tento de honra da equipa mexicana. A Hungria integra o Grupo C, com França, Canadá e União Soviética.

Também a Bulgária derrotou o Uruguai (por 4-1) num treino disputado à porta fechada em Toluca, perto da Cidade do México. Os treinadores Omar Borras (do Uruguai) e Ivan Vutzov (da Bulgária), utilizaram todos os seus jogadores no treino, disputado em três períodos de 30 minutos. A Bulgária joga com a Itália (sábado, no encontro inaugural do «MundiaL»), enquanto o Uruguai disputa o seu 1.º jogo com a Alemenha Federal, no dia 4 de Junho.

César Grácio: Hino em questão

César Grácio (secretário-geral da FPF), afirmou em Saltillo, em conversa informal com os jornalistas que irá apresentar dois protestos aquando da realização do Congresso da FIFA, na Cidade do México. Segundo diz César Grácio, o nosso país vai protestar pelo facto de o hino nacional de cada país só poder tocar-se durante dois minutos, o que implica naturalmente um «corte» na música do hino.

O hino nacional nunca deve ser cortado a meio — defende César Grácio, que revela ter havido problemas com a gravação trazida de Lisboa do hino português. Desta forma, uma nova gravação virá de Lisboa com urgência, nos próximos dias, para que Portugal possa ouvir a canção dos «heróis do mar» antes dos jogos dos «infantes». César Grácio adianta que também será feito um protesto contra o método de escolha dos jogadores que serão submetidos ao rigoroso controlo «antidoping» no final dos jogos do «Mundial»;

A FIFA prevê que um dos delegados da equipa tire à sorte o nome dos dois jogadores para o controlo «antidoping» no intervalo, mas os nomes só serão revelados no final da partida ao delegado e aos próprios jogadores. Seria muito melhor tirar à sorte o nome dos jogadores no final do desafio e na presença do médico— ponto de vista de César Grácio.

Ponto de vista

Pedrada no coração

Foi na realidade uma pedrada no coração o que senti, ao ouvir ontem a comunicação vinda do México, através de Ribeiro Cristóvão. Custou-me a acreditar que os 22 jogadores seleccionados para o Campeonato do Mundo pudessem tomar tal decisão, decisão que poderia ter sido apresentada antes do embarque, mas aqui em Lisboa, **cartas na mesa** e jogo limpo, frente a frente.

Mas agora, já quando à Federação não existia hipótese, vem a estocada dada à traição — uma chantagem que nunca pensei pudesse a «fina flor» dos futebolistas arquitectar. Deixaram que tudo fosse preparado em Portugal: equipamentos, comida com fartura, só de bacalhau creio que foram 200 quilos; águas minerais, medicamentos, enfim todos os cuidados, mimos e atenções. Aceitaram os almoços honrosos do Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministro da Educação. Estiveram instalados num dos melhores hoteis de Cascais — e nos todos portugueses felizes com a felicidade deles, daqueles que Torres entendeu levar ao México. Tratava-se da «equipa de todos nós» em jogo. Penso que qualquer português como eu, amante do futebol, julgará assim; a selecção, portou-se muito mal, esqueceu-se de que é Portugal que está em jogo neste momento, são as suas cores que têm que ser defendidas e não os interesses monetários. Dinheiros em causa era aqui que se dizia — sim ou não. Se tivesse que haver roupa suja a lavar era em casa que se tratava deste insólito assunto.

Morre cá gente de fome, em Portugal e os jogadores (priveligiados que eles são) não se sentem felizes com o que foi estabelecido antes da partida. Os futebolistas portugueses, como profissionais, ganham já tão bem... Mas não, tudo é pouco. Esquecem-se de tanta juventude desempregada e de tantos médicos sem emprego, tantos reformados a viverem mal.

Sei que há muita coisa errada no que diz respeito à organização portuguesa no México. Primeiro soubemos do caso do maior rematador desta época — Manuel Fernandes que não alinhou. Mistério por esclarecer pois só ficou em meias-palavras balbuciadas por Torres. Depois Veloso, atingido em cheio no seu prestígio, outro mistério, também o meu conterrâneo Eusébio, esse monstro sagrado do futebol português e mundial. Por que não foi convidado o «pantera negra» para acompanhar os jogadores e técnicos? Não, Eusébio limita-se a aparecer na TV a anunciar vídeos para o Mundial!

Proponho que se contrate um Sherlock Holmes britânico para desvendar tanto mistério e que ninguém quer revelar...

Como eu, hoje há milhões de portugueses indignados. E fui eu comprar um vídeo a prestações, com grande dificuldade, para gravar os melhores momentos do Mundial e na esperança sempre de que nesses melhores momentos pudesse estar Portugal, mas, de repente, à queima-roupa, atiram-nos com a pedrada em pleno coração. Não, não posso perdoar se a selecção não mudar de ideias e decidir ir dignamente jogar como estava estabelecido. E o prestígio de Portugal que está em jogo; não é Futre, Sousa, Diamantino ou Gomes ou, qualquer outro nome, sonante, rapazes! É Portugal sempre ali, nas cores que vocês vão defender.

Mas também acho que a não aceitarem as condições da Federação, esta devia mandar todos os seleccionados de imediato de volta a Portugal.

E espero que nenhum português digno os vá esperar ao aeroporto, que cheguem no maior silêncio e vão para suas casas olhar na TV o espectáculo maravilhoso que é um «stadium» a abarrotar de gente e os hinos de todas as nações representadas serem entoadas pelas respectivas selecções.

Eu juro que vou secar as lágrimas de raiva por não ouvir a «Portuguesa» entoada pela **selecção de todos nós.**

E prometo e juro que tão cedo não quero ouvir falar em nenhum dos seleccionados do México — até me esquecer de tal vilania.

Os Infantes! Qual Infantes! Os Infantis para lhes não chamar outro nome mais apropriado, o que até mereciam.

Mas como há sempre um amanhã, pode ser que a selecção ainda pondere na grande falta de dignidade e respeito que tiveram para com o povo português — este povo que os incensa (culpa também me cabe, povo também sou) e com tão pouco se contenta. Dêem-lhe futebol, bacalhau, fado (e que a Virgem me perdoe citá-la em último lugar) Fátima, e é vê-los resignados e até felizes.

A propósito, assim como por milagre, sinto uma vontade enorme de rezar a N. S. de Fátima para que a selecção caia em si e saiba dignificar-se, dignificando Portugal. Assim seja!

France de Vasconcelos

A turma de futebol de salão que participa na Taça de Portugal

Tradição que se mantém: vestir crianças no aniversário do clube

A turma de «bola ao cesto» que chegou a militar no escalão máximo

Sport Lisboa e Oriental: a meta é vestir crianças

Sport Lisboa e Oriental: colectividade da Penha de França, que há alguns anos, conseguiu proezas no basquetebol nacional, surge actualmente disposta a conquistar êxitos em outra modalidade desportiva. Exacto: futebol de salão. A exemplo de outros pequenos clubes, o dinheiro não abunda no Lisboa e Oriental, que foi fundado a 24 de Maio de 1939 e (segundo reza a história) o acontecimento ficou a dever-se a alguns rapazes que gostavam de desporto e se reuniam assiduamente. Luís Mendes, que não fez parte do grupo pioneiro do clube, mas assume hoje a sua direcção, conta como aconteceu:

Os jovens reuniam-se nas escadinhas da Rua Frei Manuel Cenáculo para trocarem ideias. Um dia, notaram que era necessário um espaço próprio para o convívio e, então, ocuparam esta casa, nada parecida com o que é hoje: tratava-se de uma simples barraca. Com o rodar dos anos, foram-se fazendo obras até conseguirmos uma sede decente. Sei que no início o clube (como quase todos) dispunha do jogo da laranjinha, muito em voga na altura. Mais tarde passou a contar com uma equipa de futebol de onze (federadas), que disputava os campeonatos regionais. Alguns anos depois (e devido aos elevados custos que esta modalidade acarreta) fomos forçados a suspender a sua prática e a darmos um pouco mais de atenção ao boxe e ao basquetebol. No que respeita ao pugilismo, aconteceu um episódio curioso: um nosso atleta foi campeão sem ter jogado, dado que não havia na altura adversário com o seu peso. Na bola ao cesto, fomos campeões da 3.ª e da 2.ª divisões e ainda chegámos a disputar o nacional do escalão superior: porém, devido a problemas de diversa ordem (entre eles o de origem monetária) fomos forçados a parar com a prática da modalidade. E certo que tínhamos um patrocinador (a «Grundig»): só que a verba que esta empresa nos concedia era muito reduzida para os gastos que importava fazer.

No tempo em que a colectividade disfrutava de fama no basquetebol, tentou a todo o custo fazer um pequeno pavilhão, num terreno de que dispõe junto da sede. Recorda-se:

A própria Junta de Freguesia da Penha de França colocou à nossa disposição um tractor para darmos início às obras. Todavia, a falta de subsídios (de apoios, de ajudas) impediram-nos de concretizar esse sonho. E, neste momento, parte desse terreno já está ocupado com barracas, enquanto a outra é utilizada pelos nossos jogadores da equipa de futebol de salão, que treinam num campo baldio porque apenas uma vez por semana (2.ª-feira) utilizam (pagando) o velho rinque do Clube Oriental de Lisboa, em Marvila.

O futebol de salão é, actualmente, a modalidade que, num futuro breve, poderá colocar o clube em melhor situação no panorama desportivo português:

Classificámo-nos em 3.º lugar no Campeonato da Associação de Futebol de Salão de Lisboa e, assim, garantimos a nossa presença no próximo campeonato nacional da 2.ª divisão. Estamos a participar na Taça de Portugal, que apura quatro equipas para a 2.ª fase: dispomos de um bom conjunto e tudo iremos fazer para passar à fase seguinte, mas (como é óbvio) o factor sorte é determinante, isso foi o que nos faltou no torneio organizado pela Liga dos Clubes de Futebol de Salão, que o Sporting venceu ao derrotar na final a turma do Sassoeiros.

A equipa do Sport Lisboa e Oriental está, neste momento, a ser patrocinada por «Móveis Lafayette». Mas para disputar o campeonato da Associação de Futebol de Salão, o clube ficou numa encruzilhada.

De facto, a nossa participação ainda nos saiu um pouco dispendiosa, porque não recebemos subsídios da parte da Junta de Freguesia, da Câmara Municipal ou de qualquer outro organismo. Quero salientar (diz o presidente orientalista Luís Mendes) que o conflito existente entre a Associação de Futebol de Lisboa e a Associação de Futebol de Salão de Lisboa, em nada beneficiará a modalidade: muito pelo contrário, só irá prejudicar essa disciplina desportiva. Temos uma dívida antiga (de 80 contos) para com a Associação de Futebol de Lisboa; tínhamos de alugar o campo e ainda pagar ao policiamento, o que nos ficava em quatro ou cinco mil escudos por desafio. Presentemente, estamos inscritos na Associação de Futebol de Salão de Lisboa e consideramos que a outra não tem nada que se intrometer na modalidade, porque nunca se interessou pela sua prática, a não ser a partir do momento em que se deu a «explosão». A nova Associação dá um pequeno subsídio às equipas, para ajuda do custo das deslocações, o que não deixa de ser benéfico, uma vez que viajamos para variadíssimas zonas do país. Era bom que esses dois organismos chegassem a um acordo, para bem do futebol de salão. Será difícil?

Actualmente, o Sport Lisboa e Oriental vive da quota mensal de 25 escudos (que é paga por alguns dos seus 300 e poucos associados) e da afluência ao bar da sede. Existe certa falta de motivação por parte da massa associativa e os problemas a nível de direcção são uma constante:

«Durante algum tempo, organizámos bailes que, normalmente, tinham lugar ao sábado: e o clube vivia um pouco disso, bem como do loto. Porém foi chão que já deu uvas e, mais recentemente, começámos com o jogo do «rebelde», que tem senhas de apenas 20 escudos. Nos primeiros tempos, rendeu alguma coisa, mas agora as pessoas já não se interessam. Os sócios não frequentam o clube assiduamente, como o fazem jovens que, recentemente, nos pediram a sala para organizarem a festa de aniversário de uma irmã do vice-presidente... Dadas as nossas dificuldades, as regalias que damos aos sócios não são muitas, mas a sede dispõe de um televisor a cores, mesas para ténis de mesa, jogos de matraquilhos e os chamados desportos de mesa (dominó, damas e «sueca»). De salientar que o aparelho de televisão a cores é o 3.º que compramos: o clube foi assaltado por duas vezes e nelas levaram-nos os aparelhos. Da última, não ficou só por aí: carregaram ainda um moinho de café, ventoínha, tabaco e algum dinheiro. Tudo isto ficou num prejuízo de 200 contos. Fizemos queixa à Polícia, mas o processo foi arquivado e ninguém se mexeu.

A direcção, que terminará o seu mandato no próximo mês de Julho, começou com muito boas intenções: contudo, com o rodar dos meses (e perante as dificuldades), o ânimo e o entusiasmo foram-se perdendo e hoje existe uma grande falta de organização, ao contrário de outros clubes aqui do bairro, entre eles o Estrelas da Avenida (considerado um grupo de élite) que dispõe de uma excelente organização e onde todos os meses os seus sócios pagam a devida quota.

O bairro da Pena de França é muito pobre: são muitas as famílias que vivem com grandes dificuldades económicas. Nós gostaríamos de as poder auxiliar, mas a única coisa que podemos fazer é vestir alguns dos seus filhos no dia de grande alegria para o clube. Se tivéssemos meios outras coisas faríamos. Assim, temos que ficar por aqui. E ninguém sabe como nos suplantamos...

MODALIDADES

Hipismo: Concurso da Penina custará 15 mil contos

O 18.º concurso de salto internacional da Penina, uma das provas mais importantes do calendário europeu de hipismo, terá um valor total de prémios de 6 mil contos, estando prevista a participação de 35 cavalos estrangeiros, provenientes da Bélgica, Alemanha, França, Espanha e Suíça.

A prova, que decorrerá de 3 a 7 de Setembro, está integrada no âmbito das comemorações do 80.º aniversário da primeira prova de salto de obstáculos realizada em Portugal, organizada pela Federação Equestre Portuguesa.

A organização revelou que este ano o concurso irá custar no total cerca de quinze mil contos, dos quais um quinto será suportado por entidades regionais, nomeadamente a Câmara Municipal de Portimão.

Caminhos de Ferro Portugueses | Informação

RENOVAÇÃO INTEGRAL DE VIA

PRÉ-QUALIFICAÇÃO DE CONCORRENTES PARA OS TRABALHOS DE RENOVAÇÃO INTEGRAL DE VIA

1 — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P., aceita candidaturas de Empresas ou Consórcios de Empresas que desejem ser pré-qualificadas para o Concurso para a renovação e construção de novas linhas num total de 660 km e respectivos trabalhos complementares.

2 — O documento especificando as condições a observar na apresentação do processo de candidatura bem como as características gerais da empreitada, estará patente no local abaixo indicado, onde poderá ser consultado a partir do dia 19 de Maio de 1986 entre as 15.00 h e as 18.00 h.

CP - CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P.
Departamento de Instalações Fixas - Divisão de Via
Largo de Santa Apolónia
Estação de Caminhos de Ferro
2.º Andar, Porta 245
LISBOA.

3 — A CP reserva-se o direito de escolher livremente de entre as candidaturas apresentadas ou não aceitar qualquer delas, se assim julgar conveniente aos seus interesses.

4 — As candidaturas à pré-qualificação deverao ser entregues até às 17.00 h de 3 de Junho de 1986 na direcção referida no ponto 2.

P'CONSELHO DE GERÊNCIA

(Eng.º Carvalho Carreira)

Instalação/envolvimento das escadas monumentais

SITU/BUC em Coimbra

Casos do Festival

No 2.º número do jornal «Bienal» lançado durante esta V SITU/I BUC, a propósito de um dos espectáculos produzidos pelo festival podia ler-se o seguinte: **e era ver os imbecis que sensivelmente a meio quiseram prejudicar aquilo que ninguém os obrigara a ir ver...**

Mesmo que o jornal não fosse um órgão oficial do festival universitário (o director era um jornalista profissional), a linguagem utilizada não me pareceu compatível com as preocupações pedagógicas manifestadas pelos seus organizadores. Foi-me explicado que os espectadores referidos tinham querido abandonar a sala a meio do espectáculo o qu implicaria a destruição do trabalho que estava a ser feito. Embora essa intenção, a existir, fosse reprovável a verdade é que deveria ter sido previsto um mecanismo que viabilizasse a necessidade de um ou mais espectadores abandonarem a sala.

O equívoco, porém, situava-se algures. O caso referido teve a ver com a «performance» «Memória de um Espectáculo de Poesia» com o fotógrafo Guilherme Silva, o actor João d'Avila e um executante de viola. O acto consistia no seguinte: durante cerca de 45 minutos, o fotógrafo procedia à ampliação de um negativo de uma foto de João d'Avila, um conjunto de gestos repetidos oito vezes, incomunicativos, sem criatividade, u trabalho moroso, talvez tecnicamente interessante para os especialistas mas que para um espectador se ia tornando insuportável, ali incomodamente sentado olhando sem poder fazer perguntas, sem poder sair (ao contrário do que acontece nas obras em que ao passantes olham mas podem ir embora a todo o momento)... vendo o fotógrafo a repetir os mesmos gesteos, a beber ginger ale, sem conseguir criar qualquer espécie de empatia, para esse espcetador tratava-se de uma prova penosa que justificava um grito — basta! — mas no nosso teatro não se sabe protestar. É claro que nem por isso deixo de admitir que haja quem tenha gostado que haja até quem tenha achado aquilo a última palavra da vanguarda (!).

A segunda parte do espectáculo tinha a qualidade habitual dos trabalhos de João d'Ávila que disse fragmentos de poemas de recitais anteiores. No entanto, a apresentação do actor foi prejudicada pelo que se passara anteriormente, e em que se provara uma vez mais que há um tempo e uma pulsação teatrais que têm muito pouco a ver com as vivências de cada um.

Este espectáculo pareceu-me um equívoco óbvio até pelos desencontros que provocou. Outro caso desta SITU/BUC foi provocado pela apresentação do espectáculo do Teatro da Universidade Técnica, «Doce Inimigo», sobre textos de Chaucer com encenação de Jorge Listopad. O encenador demonstrou uma vez mais a sua capacidade de adaptar os espaços ao seu discurso, neste caso aproveitando da melhor maneira ao amplo espaço do palco do Teatro Gil Vicente, no qual estavam também as cadeiras para o público. O achado, neste caso, consistia em ter mantido aberto o pano de boca o que permitiu dar ao espcetáculo uma dimensão que não tinha em Lisboa.

Na abertura, com a sala às escuras e acesas as pequenas luzes que a sinalizam, o efeito era muito belo, com as lâmpadas lilazes que tinham tudo a ver com o percurso fantástico do texto de Chaucer. Tratou-se, a meu ver, de um dos melhores espcectáculos da SITU. Daí o meu espanto quando li no «Diário Popular», com assinatura de Júlio Pinto, que «a maioria dos que em Coimbra fazem e vêem teatro» não gostaram do espectáculo, ao contrário dos críticos. E o jornalista acrescenta: «Alguns (daqueles) compararam mesmo o espectáculo a uma récita de finalistas», o que me deixa preocupado com a capacidade critíca e com as qualidades criativas da «maioria» (?) dos que em Coimbra fazem e vêem teatro.

Terceiro caso, talvez o mais grave, foi o de uma outra produção do festival, aliás, co-produção do TEUC e da Cena Plástica, grupo polaco, de acordo com um projecto de Leszec Madzik e por ele encenado. Trata-se da Instalação/Envolvimento das Escadas Monumentais, espectáculo de encerramento do festival e uma das mais originais propostas da SITU/BUC. Nestas escadas, que dão acesso à zona universitária, decorreram algumas cenas certamente chocantes com a polícia de choque, a G.N.R., a polícia mais conhecida por PIDE que fez o teatro trágico do salazarcaetanismo. Durante as lutas académicas, sobretudo em 1969, as Escadas Monumentais tornaram-se por isso ainda mais famosas. Não se estranhou por isso que entre as centenas ou milhares de pessoas que se juntaram junto das escadas e que obrigaram à interrupção do trânsito houvesse muitas caras conhecidas desse tempo (e se calhar algumas que estiveram do lado da violência), de antigos estudantes que enquanto o espectáculo não começava recordavam esses tempos que hoje se pretende fazer esquecer. Ora, o equívoco do espectáculo da SITU/BUC consistiu precisamente em contribuir para essa desmemorização do fascismo, embora talvez não o fizesse intencionalmente.

Ao longo da imensa escadaria estavam colocadas algumas bolas cujo aspecto ameaçador lembrava figuras semelhantes de Magritte. Quando o espectáculo começou, foram lançadas de cima pequenas bolas apanhadas por personagens colocados na parte inferior e as bolas grandes começaram a movimentar-se. Personagens com capas de plástico negro, figuras larvares, começaram a arrastar-se penosamente pelas escadas. De uma bola colocada no patamar inferior saiu um jovem que tinha apenas a cobri-lo uma faixa branca colocada junto aos rins. O jovem iniciou a subida das escadas, como um Cristo sem cruz a subir o Calvário, enquanto a música enchia o espaço. O jovem era obrigado a lutar com as bolas, que conseguia ultrapassar até chegar ao alto onde caiu para não mais se levantar. Essa «morte» provocou o incêndio das bolas, que arderam com um belo efeito (era outra vez o fim do mundo!) E óbvio que o misticismo que marcava esta «performance» e onde havia evidentes ressonâncias polacas não podia deixar de eliminar a forte carga histórico-política que o local contém e por isso não podia deixar de constituir uma grande decepção por parte de muitos espectadores.

Dir-se-á que vivemos num País livre e que se deve conceder a todos os criadores a liberdade de assimirem os seus próprios valores, a liberdade de se despolitizarem, por exemplo. Podemos concordar com isso, embora pessoalmente pense que será de exigir também algum respeito pelos valores que os outros defendem, e neste caso a própria História. Mas o problema não é esse. O problema é o seguinte: o que foi proposto neste espectáculo não foi precisamente um acto político, uma mensagem ideológica fortemente conotativa? É a interrogação que aqui deixo.

Carlos Porto

Mensagem ao IX FITEI

Mensagem (o que for)

Nas zonas tropicais, ao chegar a época das grandes chuvas, aparecem uns cogumelos na bosta das vacas. São os silocibes, espécie de milagre vegetal que coloca ao que se atreve a comungar com eles num estado de graça transitório. O trânsito manifesta-se numa série de sintomas primaveris: o riso escapa-se em borbotões, sentes a necessidade imperiosa de romperes a dançar, de ir ao campo, rebolares entre as flores e sentires o sol na pele, de desatares a abraçar a malta, de cantares até ficar rouco, de te despires e mergulhares em todos os prazeres da carne. O funcionário domesticado, em que todos nós fomos transformados, adquire assim os contornos do sátiro, e a festa iniciática explode, deixando atrás cadeias e mordaças, psiquiatras, bispos e outros feiticeiros.

Algo parecido, muito parecido, tem acontecido com os cómicos neste «Ruedo Ibérico» dos nossos pecados. Desde sempre, desde os tempos de Viriato até este século de terceiro-mundismo e miséria moral, nós os cómicos, temos sido merda e temos crescido na merda. Há alguns séculos atrás, não muitos, nem sequer podíamos mostrar as nossas habilidades a menos de uma légua do lugar habitado. Tão pouco a morte nos igualava ao resto dos mortais, e até os cemitérios nos eram proibidos: éramos os oficiantes do Inferno. Logo, quando o Inferno foi para o caraças com a crise energética da ilustração, passámos a ser alinhados noutro exército marginal: o das putas e paneleiros — «sic transit gloria mundi!» E hoje em dia com a reconversão democrático-industrial, parece que tentam incluir-nos nas vitrinas esterilizadas do mundo da Kultura, écrã eleitoralista dos azeiteiros da política. Resultado: merda perfumada, mas merda ao fim e ao cabo.

Felizmente para nós, na merda, e só na merda, cresce o silocibes. E o FITEI mudou-se para a Primavera! Não, não foi Nossa Senhora de Fátima que apareceu aos organizadores — simples coincidência de datas —, foi o velho Dióniso! Senhores tripeiros todos: esta é a nossa festa a festa, dos saltimbancos, a festa dos loucos e dos pestilentos. Aproximem-se se quiserem, observem, mas não tentem misturar-se connosco, ou sofrerão as consequências de um contágio irremediável. Durante 15 dias vamos invadir a cidade, abraçar-nos, ser mau exemplo para os vossos filhos, rir e cantar, abolir a moral e os bons costumes — os vossos, está claro! Durante 15 dias o Porto vai cheirar a merda, mas crescerão os silocibes. Năm fiquem tristes por isso, por favor: o resto do ano é dos senhores.

Porto, 13 de Maio de 1986

Angel Fácio

Manuel Geraldo lança "O Sangue da Guerra"

O nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo acaba de lançar o seu último livro «O Sangue da Guerra», baseado na sua experiência de dois anos na guerra colonial em Angola.

Em nota introdutória, e sob o título «Os Porquês deste Livro», escreve Manuel Geraldo: «As razões que presidiram à publicação de «O Sangue da Guerra», autêntica memória da minha passagem pelas picadas e matas de Angola, filiam-se na circunstânica de entnder que às novas gerações não tem chegado até agora, como deveria, o eco da guerra colonial (14 mil soldados portugueses mortos e 36 mil feridos) vivida pelos seus pais. Tenho filhos e falo por experiência. Neste capítulo, franceses e americanos — é claro que não me refiro a obras como «Rambos» e quejandas — têm sido bem mais actuantes com filmes e livros, que reflectem criticamente, e sem complexos farisaicos, sobre a sua intervenção nos «palcos» sangrentos da Indochina, Coreia e Vietname.

O livro, publicado por «Edições Caso», tem prefácio do prof. António Borges Coelho e capa do pintor moçambicano Inácio Matsinhe.

Manuel Geraldo em 1966 nos Dembos, Angola

"O Alvo" de Arthur Penn

Jorge Leitão Ramos

Nunca houve filme de Arthur Penn que me deixasse indiferente: por esta ou aquela razão, este realizador sempre ergueu ficções onde os sentimentos, o espaço e as pessoas se agitavam.
Depois dessa jóia que se chamou Four Friends**, o que terá acontecido para que agora nos quedemos ante a vulgaridade de** O Alvo**?**

História de família se diria, de afastamento, descoberta, reencontro, passada a prova do sofrimento e da angústia. Podia ser por aqui que **O Alvo** encontraria âncora (sobretudo na relação entre pai e filho que se revelam mutuamente) mas cedo constatamos que Penn não se agarra a esse lugar.

Suspeitamos então que o ponto forte da ficção se encaminha para o reencontro do protagonista (Gene Hackman), ex-agente da CIA, com o passado de que se abrigara, uma espécie de regresso de toda uma face da vida que havia recalcado. Logo perdemos as ilusões, nenhum «fantasma» vem ao seu encontro.

Teria Penn decidido filmar apenas uma (descosida) intriga de acção, recorrendo à eficácia estricta e não querendo saber de outros enredos? Também não: **O Alvo** é uma fita que até se pode considerar bastante mole, o movimento quando surge parece excrescência (lembro as perseguições automóveis), os assassinatos são, as mais das vezes, ficcionalmente frouxos e não-credíveis...

Ao menos, os actores funcionam? Quem sabe o portentoso actor que Gene Hackman é, quem conhece a turbulência de Matt Dillon das duas fitas que fez com Coppola, depressa se dará conta que nem um nem outro estão sequer na vizinhança da sua mediania. Há como que um peso de rotina que os inteiriça, que os faz nem carne nem peixe, que os deixa assim...

O Alvo: estará Penn fatigado, entrou na curva descendente ou é só uma **bronca** na sua obra notável? A ver vamos, o futuro responderá.

FICHA:

Título original: Target.
Realização: Arthur Penn (EUA - 1985).
Argumento: Howard Berk, Don Petersen, segundo história de Leonard Stern.
Fotografia: Jean Tournier.
Cenários: Willy Holt («production designer»).
Música: Michael Small.
Montagem: Steve Rotter.
Produção: Richard D. Zanuck e David Brown.
Interpretação: Gene Hackman («Walter Lloyd»), Matt Dillon («Chris Lloyd»), Gayle Hunnicutt («Donna Lloyd»), Victoria Fyodorova («Lise»), Llona Grubel («Carla»), Herbert Berghof («Schroeder»), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes.
Cinemas: Londres e Las Vegas-2.
Classificação: Para maiores de 12 anos.

Teatro Ibérico recebe prémios

O Teatro Ibérico recebeu já dez galardões conseguidos pela companhia no «X Siglo de Oro Drama Festival», que se celebrou na cidade americana de El Paso, no Texas.

A produção apresentada pelo Teatro Ibérico naquel e certame, foi «A Celestina» de Fernando de Rojas, o mais importante texto da dramaturgia clássica espanhola e um dos mais significativos da dramaturgia universal.

O espectáculo com tradução portuguesa do professor David Mourão Ferreira e encenação de José Blanco Gil, foi estreado no Festival Internacional de Teatro Clássico de Almagro (Espanha) em Setembro de 1984, apresentado na Mostra de Teatro Espanhol, a convite do Ministério da Cultura de Espanha, em Outubro do mesmo ano, seguindo depois carreira no espaço do Teatro IBérico, em Xabregas, e participando finalmente no mencionado Festival de El Paso, onde todos os anos se reúnem importantes companhias de Espanha, latino-américa e Estados Unidos, assim como os hispanistas mais importantes das universidades americanas.

António Filipe e Manuela Cassola em «A Celestina»

O Teatro Ibérico, que já na edição anterior do festival tinha conseguido os cinco primeiros prémios, obteve desta vez os seguintes:

Primeiro prémio para o melhor espectáculo, primeiro prémio para a melhor direcção, primeiro prémio para a melhor cenografia, primeiro prémio para a melhor música, primeiro prémio para o melhor guarda-roupa, primeiro prémio para a melhor luminotecnia, primeiro prémio para a melhor interpretação feminina principal, primeiro prémio para a melhor actriz secundária, primeiro prémio para a melhor actriz de suporte e primeiro prémio para o melhor actor secundário.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
SERVIÇO DE MÚSICA
MAIO 1986

GRANDE AUDITÓRIO
29 DE MAIO (21H00)
30 DE MAIO (18H00)

WOLFGANG AMADEUS MOZART
IL RE PASTORE
ÓPERA EM DOIS ACTOS. LIBRETO DE METASTASIO
DIRECÇÃO MUSICAL: ALAN CURTIS
ENCENAÇÃO, CENÁRIOS E FIGURINOS: PIERLUIGI PIZZI
BRIGITTE POSCHNER, SILVANA MANGA, JENNIFER SMITH, JOHN ELWES, IORIO ZENNARO
ORQUESTRA GULBENKIAN
GUARDA-ROUPA: TIRELLI COSTUMI ROMA
CENÁRIOS: TEATRO OLIMPICO DI VICENZA

APOIO NA DIVULGAÇÃO Rádio Comercial

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO
TEATRO
VASCO SANTANA
ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR
CESÁRIO QUÊ?
TEXTO E ENCENAÇO DE: LUZIA MARIA MARTINS
CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR•CARLOS SANTOS•CLARA JOANA• HELENA FÉLIX•LUÍSA ORTIGOSO•FERNANDA COIMBRA•JOÉ BRÁS•VÍTOR HUGO• MANUEL MENDONÇA•PEDRO PAIVA
Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

Teatro da Comuna
CICLO STRINDBERG
A ILHA DOS MORTOS
A SONATA DOS ESPECTROS
De 3.ª a sábado às 21.30h
Domingo às 16h
2.ª feira -Descanso
De terça a quinta - preços reduzidos
no
TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 66 15 15/66 92 05
ÚLTIMAS SEMANAS

Uma obra de Américo Ferreira da Silva patente a partir de hoje na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Exposições

• Vai abrir ao público na Sociedade Nacional de Belas-Artes, esta tarde, pelas 19 horas, uma exposição de fotografia (des)construções 85/86 do «designer» **Américo Silva,** que é constituída por 26 fotografias e objectos gravados em «offset». Foi elaborado um catálogo que insere textos do pintor Fernando de Azevedo, do poeta Alberto Pimenta e do crítico de arte Michele Greco, sobre a personalidade e a obra daquele artista português, já conhecido do público através das numerosas exposições individuais e colectivas que tem realizado quer em Portugal, quer no estrangeiro. A Exposição, que é subsidiada pela Fundação Gulbenkian, será também apresentada no Porto, na Cooperativa Árvore e no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, no decorrer dos próximos meses.

• Na galeria Novo Século inaugura-se também hoje, pelas 22 horas, a exposição de pintura de **Catarina Baleiras** e **Filipe Meireles. A mostra ficará patente ao público diariamente das 14 às 20 horas.**

• Na ALTAMIRA — Galeria de Arte, está patente nas suas instalações (Rua Filipe Folque 48-A, das 19h30 às 24h00) uma Exposição Colectiva de pintura, escultura, serigrafia e «computer art». Sob o nome de **Dezassete Graus Oeste** esta exposição é uma mostra do trabalho que vem sendo realizado na Madeira, por um grupo de artistas que o continente não conhece. Todos estão ligados ao Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira, sendo oito deles professores e três alunos.

Teatro

• A Companhia de Teatro de Almada / Grupo de Campolide apresenta novamente às 15 horas, numa sessão especial para a infância, a peça de Carlos Pinhão, **Bom Dia Palhaço.**

• No Porto continua o festival de teatro FITEI, hoje com a apresentação de **Ahl Kharallo Light,** pelo grupo «Mascara 17», da Galiza, no auditório do Teatro, pelas 18.15 e 22.15 horas. Pelas 21.45 horas é a vez do grupo brasileiro de S. Paulo, «Grupo Boi Voador» levar à cena a peça de Jorge Amado **Velhos Marinheiros.** A representação tem lugar no Auditório Nacional Carlos Alberto.

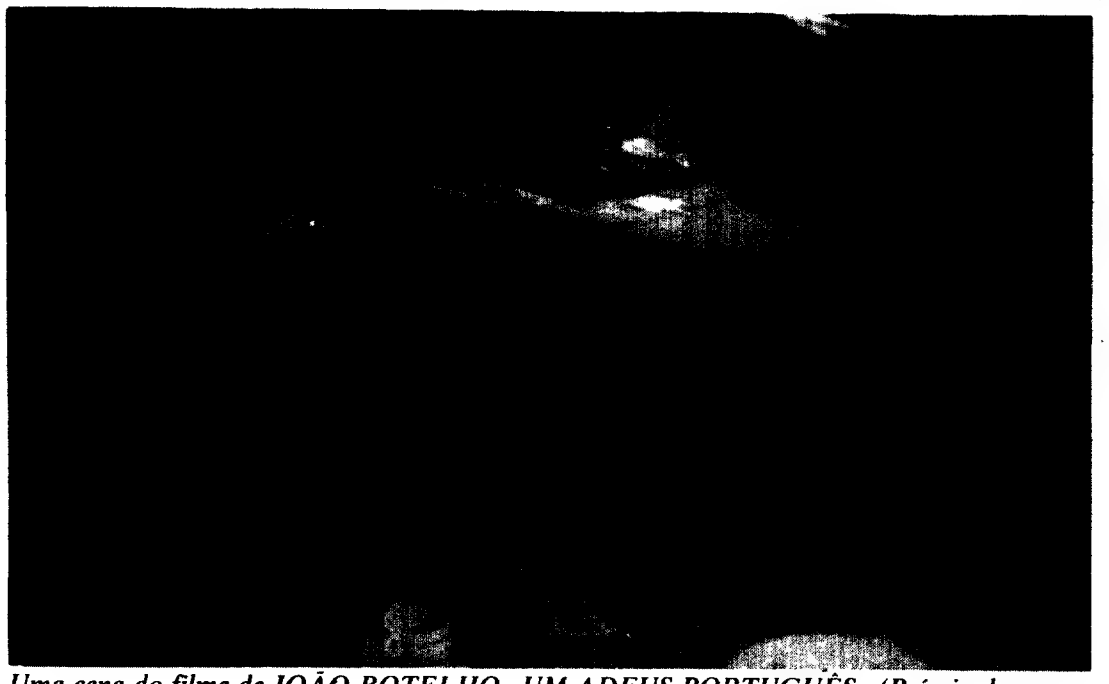
Música

• Mais uma terça-feira dedicada à vida e obra do compositor **Beethoven** tem lugar esta tarde, a partir das 18.30 horas, no Teatro Municipal de São Luiz. Sob direcção do maestro José Atalaya Alexandra Mendes (violino), Jorge Lé (viola) e Clélia Vital (violoncelo) interpretam «Trio para cordas, op. 9 em dó menor» e «Elementos do quarteto em Si».

Debates

•**Um dia com... Os Anos Sessenta** é a proposta de debate que hoje tem lugar no **Instituto** Superior de Ciências Sociais e Políticas, na R. da Junqueira, 86. Da parte da tarde pode ainda assistir, pelas 15 horas às intervenções de Jorge Lima Barreto e Baptista Bastos, intituladas, respectivamente «Música: Arte e Tecnologia» e «A Literatura em Portugal». Pelas 16.30 horas é exibido um vídeo/concerto. Às 18 horas o dr. Carlos Ramos de Oliveira falará sobre «Alan W. Watts e o Budismo Zen»; Vítor Almeida e Cândida Pinto intervêm sobre «Coisas da boleia e histórias do Interrail» e Pedro Ayres Magalhães falará sobre «A música popular e as pessoas». Seguir-se-á um debate. A finalizar o dia, um concerto pelo grupo «Lagutrop», pelas 20.30 horas.

CINEMAS



Uma cena do filme de JOÃO BOTELHO «UM ADEUS PORTUGUÊS» (Prémio do melhor realizador do festival do Rio de Janeiro, Prémio OCCIC de Berlim e Grande Prémio de Salsomaggiore em Itália).
Em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 2
UM AMERICANO EM BERLIM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Alfa 3
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3
LOBIJOVEM
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Apolo 70
O CASO DE BERLIM
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
A NOITE DE ESPANTO
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
NA PONTA DO SEXO
(int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
LUXURIA
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
ENCONTRO COM O AMOR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
RUMBLE FISH
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O GRANDE DESAFIO
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Caniços
T. 324194
ATALHOS
(menores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
O NOSSO AMOR DE ONTEM
(não acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AS GRADES DO INFERNO
(não acons. a men. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
O SOL DA MEIA-NOITE
14.45, 17 e 21.45 h

Estúdio Sheza
JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O CONSUL HONORÁRIO
(int. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
AMOR E SANGUE
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
ÁGUIA DE FERRO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
UM ADEUS PORTUGUÊS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
PELA NOITE DENTRO
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
MISTÉRIO DE UM RAPTO
(m. 16 anos)
14.30, 16.50, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
A VINGANÇA JURADA
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Fórum Picoas
— T. 541037
O PRÍNCIPE DAS CIDADES
(Não acons. men. 18 anos)
16.00, 19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734089
O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
AMOR E SANGUE
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Império
— T. 555134
SÍNDROMA DA CHINA
(m/ acons. 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
AMOR E SANGUE
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
O ALVO
(m. 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
O ALVO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
O JUSTICEIRO DE NOVA IORQUE
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19, e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
PATEO DAS CANTIGAS
Com Laura Alves
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
O TRIUNFO DO HOMEM CHAMADO CAVALO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olympia
T. 325309
O DESEJO PROIBIDO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
CÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326385
MEGAFORCE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
UM ADEUS PORTUGUÊS
(maiores 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
O SHERIFF
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
O PRINCÍPIO DA ARCA DE NOÉ
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
QUERELLE
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
VENTOS DE VIOLÊNCIA
(m. 16 anos)
24.00 h

Sala 4
O CASO DE BERLIM
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O DIA EM QUE O MUNDO ACABOU
(m. 16 anos)
23.30 h

N'Cola
— T. 573407
HALLOWEEN II — O GRANDE MASSACRE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Restelo
T. 610375
AGARRA QUE É POLÍCIA
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756
A MADRAGOA
(men. 10 anos)
14.30, 16.30 e 18.30 h

Roma
T. 889192
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
IMPACTO MORTAL
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ÁFRICA MINHA
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2
UM AMERICANO EM BERLIM
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.15 h

Sala Arte
— T. 730715
O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
BAD BOYS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
OLHOS INDISCRETOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
SOFRIMENTO DE AMOR
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cinestúdio — «O Ano do Dragão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «O Alvo», às 15.30 e 21.15 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «A Grande Aventura — Sky Pirates», às 14, 16.30, 19 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Testemunha», (m. 12 anos).
CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — Encerrado.
ESTÚDIO DOIS EME — «O Ano do Dragão», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Linha de Cascais
CASINO ESTORIL — «O Enigma da Pirâmide», às 17 e 21.15 (m. 12 anos)
ALGÉS — CINEMA 2000 — «Comandos em Fúria», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «A Grande Aventura», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «Três Homens e um Berço», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CASCAIS – MIRAMAR/ SALA 1 — «O Alvo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
SALA 2 — «O Enigma da Pirâmide», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
OXFORD — «Fuga do Inferno», às 16.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Arredores
ALMADA — Academia — «As Minas de Salomão», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)
ALMADA — Incrível — «Pressa de Viver», às 15.30 e 21.30 (não acons. men. 13 anos)
CINE ESTÚDIO ALMADA — «Remo - Desarmado e Perigoso», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «O regresso alucinante», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos).
CRUZ DE PAU – LORD – «Comando», às 16.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)
BARREIRO – CINE-ESTUDIO BARREIRENSE – «Máscara», às 21.15 h (maiores 12 anos)
FORTE DA CASA – FOCA CINE – «Uma Família na Floresta», às 15.30 e 21.30 h (int. m. 12 anos)
LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL — «O Sol aos quadradinhos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
MOSCAVIDE – STOP – «O segredo da caverna fantasma», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «Rambo — A Vingança do Herói», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CINE-OCEANO – «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
TRAFARIA – PAVILHÃO JARDIM — «Os executores», às 16 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 6370070); **ALVALADE: Brasília**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS - SALDANHA: Império**, R. António Enes, 10 (T. 548002); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 124-126 (T. 873875); **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Ch[illegible] (T. 853720); **LUMIAR -Q[illegible] DAS MOURAS: Mat[illegible]gas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MARVILA: Freitas** [illegible] **MERCADO DO CHILE: Corvo**, R. Ângela Pinto, 32-B-C (T. 549756); **RADIODIFUSÃO - EX-EMISSORA NACIONAL: S. Nunes Simõ[illegible]**, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661[illegible]); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **CODIVEL - ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Geny**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **RATO - MARQUÊS DE POMBAL: Vieira Borges**, R. Alexandre Herculano, 28-30 (T. 520536); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 22 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Permanente: **Leão Soromenho**, P. Machado Santos, 24 (T. 22691). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 17-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2 71204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Até às 22 horas; **Carlos**. Até às 22 horas; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T 9830027). Até às 22 horas.

TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro da Cornucópia

Ciclo Strindberg. «**A ILHA DOS MORTOS**» e «**A SONATA DOE ESPECTROS**».

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

5.ª, 6.ª e domingo às 18.30; sábados às 21.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE», de Franz Xaver Kroepv. Encenação de Rogerio de Carvalho. Interpretado por Lucinda Loureiro.

Rex

R. da Palma, 253 — Tel. 86 47 56

«SEVERA», de Júlio Dantas. Pelo 1.º Acto. Encenação de Herlânder Peyroteo. Intérpretes: Cândida Vieira, Arminda Taveira, António Machado, Ana de Sá, Henrique José, Rui Filipe, Reis Jorge e Virgílio Castelo.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«**BEM-VINDO SR. SLOANE**», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Mana, Jorge Nery e Henrique Santos.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

A RUA DOS FANTASMAS, de Javier Villafane. Pelo Marzum. Encenação de Adolfo Gulkvn. Interpretes Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenerite Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Sala Manuela Porto

Sábados às 15.00; domingos às 21.30

«A MULHER QUE MATOU OS PEIXES», de Clarice Lispector. Adaptação/encenação de José Caldas. Intérpretes: António Fonseca, Manuel Lourenço e Margarida Carpinteiro.

Cooperativa da Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10

5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00

«O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«VOLPONE», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amilcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estudio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CESARIO QUÊ?**». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Interpretes Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Bras, Vitor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 7260818

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

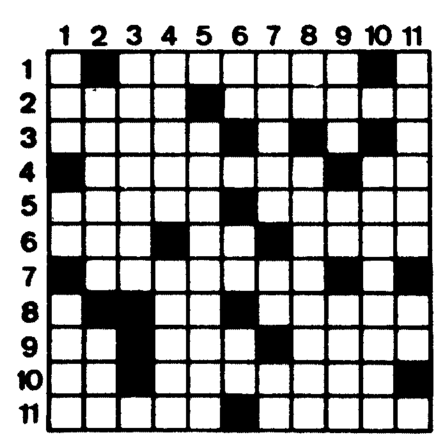
«CALÍGULA», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa. Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 740

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Opulência.
2 Ninhos. Dares mios.
3 Infestar.
4 Atravessaram. Sufixo que designa estaDo.
5 Tempo do verbo ser. Nome de peixe.
6 Freguesia do concelho de Penafiel. Nome de letra. Ratas.
7 Caluniam.
8 Viração. Mágoa.
9 Rubídio (s.q). Liga. Cabeça (pop).
10 Seguia. Rei da Lídia.
11 Equipa. Peixe do género siluro.



VERTICAIS:

1 Antiga Agência Telegráfica de Imprensa. Pronome reflexo. Educa.
2 Cobiça. Botequim.
3 Tocaras de leve.
4 Rio de França. Pula.
5 Apagarias.
6 Artigo indefinido. Era cristã. Prefixo de privação.
7 Freguesia do concelho de Coimbra. Preposição latina que designa movimento. Basta!
8 Letra do alfabeto árabe. Pescadas jovens.
9 Anel. Letra grega. Rebolo.
10 Conjunção. Antipatia. Rio de França.
11 Guarneceras de asas. Aqui.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 739

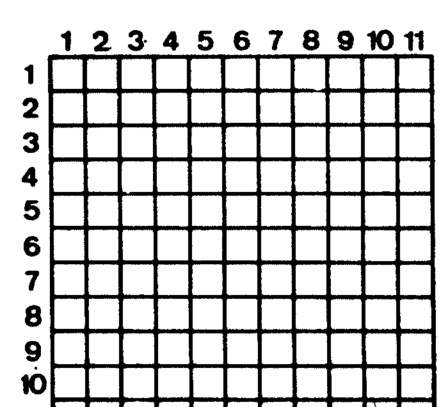
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 TEM. POUCOS.	1 Toma. AMIGOS.
2 Óleo, Açor.	2 Elam. Irosa.
3 Mas. Anatava.	3 Mesada. Osas.
4 Amancebara.	4 NENHUM.
5 Dei. Anari.	5 Ácida. Aba.
6 Anda. An.	6 Orne.
7 Mi. Há. Ps. Si.	7 Aba. Porás.
8 Irou. No.	8 Catanas. Ova.
9 Gosma. Rolai.	9 Ocara. Alar.
10 Osa. Brava.	10 Sovaras.
11 Sassa. Sargo.	11 Rã. INIMIGO.

PROVÉRBIO: Tem poucos amigos e nenhum inimigo.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 579

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Paços de Ferreira.
2 Despachara. Invulgar.
3 Traçaram. Zomba.
4 Reis. Indivíduo de uma tribo da Cafraria, na África Meridional, altos e com os traços mais puros da raça etiópica.
5 Medida de superfície. Esquadrão.
6 Mouro convertido (ant). Cloro (s.q). Freguesia do concelho de Montalegre.
7 Enrubesço (inv). Aureolar.
8 Forma antiga de Sara (deserto). Terceiro. Doutor.
9 Acrescentando uma vogal é rio de França. Calculou.
10 Pronome demonstrativo. Fêmea do urso.
11 Aparelharei.



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Seia.
2 Vila e concelho do distrito de Portalegre. O mesmo que airo.
3 Zombas. Acudir.
4 Freguesia do concelho da Mealhada. Pronome reflexo.
5 Da Arábia. Fruto da ateira.
6 Apelido. Passar por crivo.
7 Serra de Portugal.
8 Ilha do golfo Pérsico. Desfaz ou dissolve uma substância num líquido.
9 Sadia. Cento e um em romano. Irídio (s.q).
10 Feridos ligeiramente com as unhas.
11 Suspiros. Divides em ruas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 578

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Tabuadelo.	1 Terrugem. Au.
2 Eva. Noras.	2 Avia. Atra.
3 Risada.SSS.	3 Bassein. La.
4 Rascas. Cais.	4 AC. Op. Na.
5 Madre.	5 Andaluzia.
6 Gui. Unira.	6 Doas. Nestor.
7 Nozes. Sr.	7 Er. Míscaro.
8 Má. Piscaria.	8 Lascar. Acém.
9 Tl. Atacado.	9 Ossada. Rã.
10 Aran. Ore.	10 Sir. Sidra.
11 Úa. Arrombar.	11 Pã. Serrão.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Três trechos da ópera «O Navio Fantasma», de Wagner; **17.00**: Integrais; **17.25**: Suite, n.º 2, em si menor, BWV 1067, de Bach; **18.00**: «Corona», de Toru Takemitsu; **18.40**: Sinfonia, n.º 6, em lá menor, de Mahler; **20.05**: Sonata, n.º 13, em si bemol maior, L. 333, de Mozart; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música de câmara; **22.00**: Solos instrumentais; **22.30**: Música portuguesa; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.25**: Poema sinfónico, de Richard Strauss; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira magica; **19.15** Musical; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos. **22.30** Tempo de desporto; **23.00**: Vigesima quarta hora. **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00** Rock em stock. **18.00**: Circulo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazz; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Quiosque; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Diversos.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «O Jovem Ramsay» e «O Urso Teddy».

18.45 — País, País

19.20 — Trânsito

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(56.º Episódio): Osmar e Eloá combinam passar férias na Europa, juntos, quando puderem. Alfredo manda retirar as bancas de frente da fábrica dele, justamente no local onde Guiomar vendia as suas «muambas». Eloá é eleita a «Mulher do Ano» pelos diários populares. Zeca e Amauri convidam Rafael para trabalhar com eles na sociedade de vídeo. Alfredo fica sabendo, através de Olavo, que Bia e Rafael estão namorando. Alfredo volta-se contra Teresa achando que ela influenciou. Os dois discutem e Teresa chora. Alfredo vai sozinho ao jantar que Cristina ofereceu para homenagear a chegada de um amigo. Nádia vai a casa de Teresa procurar por ela. Teresa fica nervosa.

21.25 — Programa da Direcção de Informação

22.30 — Estranhos Poderes por Arthur C. Clark

(9.º episodio): Os faquires que caminham sobre fogo não são uma fraude. Como também o não são milhares de outras pessoas que praticam o culto do fogo na Grécia, em Espanha, no Sri Lanka ou no sul do Pacífico. Tratar-se-á então de uma faculdade divina ou haverá uma explicação fisiológica para que os pés não fiquem queimados? Tem sido elaboradas varias tentativas de explicaçao para este fenómeno. Mas Arthur C Clarke mostra-se céptico quanto à existência de poderes sobrenaturais.

22.55 — 24 Horas

23.15 — México /86

RTP 2

16.30 — Europa TV

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos

«Tic-Tac»; «Emília» e «Plasticinas»

17.00 — Count Down — Contagem Rock

17.40 — O Tempo

17.45 — Série Juvenil

«Pierre Fabien»

18.20 — O Mundo Amanhã

«O Tempo» e «Eurorepórter»

18.35 — A Ciência dos Nossos Dias

18.55 — O Retrato do pianista Rudolf Firkusny

20.00 — Notícias

20.05 — Videopolis

20.40 — Falar de Macau

«A Imprensa Chinesa»

«Estranhos Poderes por Arthur C. Clark» na RTP-1

21.10 — Cinema Português em Retrospectiva

«O Comissário da Polícia»: Peripécias caricaturais e situações equívocas vividas pela média burguesia urbana do sec. XIX, são o tema do filme que a RTP/2 exibe esta noite.

O argumento do filme é baseado na obra do mesmo título da autoria de Gervásio Lobato.

Constantino Esteves responsavel pela película foi um realizador prolixo, tendo iniciado a sua carreira cinematográfica como assistente de montagem, passando depois a assistente geral. Frequentara anteriormente a Faculdade de Letras e dirigiu, também, diversos documentários culturais. A primeira longa-metragem foi «Eram 200 irmãos», sobre os cadetes da Marinha. O filme fora iniciado por Fernando Garcia, tendo sido ele a terminar a rodagem. «O Comissário da Polícia», foi, portanto, a primeira obra de fundo totalmente dirigida por Constantino Esteves. O autêntico filão humorístico do Cinema Português perdeu-se, no entanto, na década de 50. As comédias então produzidas não se aproximavam dos êxitos anteriores, «pobres de invenção, de graça e de desenvoltura ténica: o cinema nacional já não tinha dinheiro para garantir a qualidade da produção», como refere Luís de Pina. Assim, e tal como os outros directores, Constantino Esteves viu-se incapacitado de escapar aos condicionalismos vários que afectaram o seu trabalho.

Constantino Esteves dirigiu ainda os filmes «O Miúdo da Bica», «Nove Rapazes e um cão», «A última pega», «Rapazes de táxis», «Sarilhos de Fraldas», «O amor desceu em para-quedas», «O Diabo era outro», «Derrapagem» e «Dois tiros ao Sol».

Realizador: Constantino Esteves. Intérpretes: António Silva, Cremilda de Oliveira, Vasco Santana, Elvira Velez, Eugénio Salvador. Duração: 118 minutos. Ano de estreia: 1953. Género: Comédia. Fotografia: Preto e branco.

21.45 — Notícias

No intervalo do filme

23.20— Último Notícias

AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Onda Fica Isto?
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical

(35 Episodio): Luca vê Veronica na cantina, impede Silvana de entrar e recomenda a Marco que demore a servir a mesa da jovem pois quando voltar de casa da namorada ainda a quer encontrar. Catarina da uma boleia a Alfredo que finge que a sua bicicleta não tem ar nos pneus. Antes de sair de casa de Jamil, Oliva interroga Theda. Cesco leva Leo a casa e beija-a com paixão. Gabi oferece-se para salvar a fábrica de Oliva descobrindo a formula de «Vereda Tropical». Bepe surpreende Bina e Bertazzo beijando-se em sua casa.

13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Noos
18.45 — País, País
19.10 — Telemundo
19.35 — Prémio RTC
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Vamos Jogar no Totobola
20.50 — Corpo a Corpo
21.40 — Noite de Cinema — «Férias Violentas»
23.20 — 24 Horas
23.40 — México/86.

RTP 2

16.30 — Europa TV
16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
17.00 — Count Down
17.40 — Meteo
17.45 — Spectrum: as Notícias em Revista
18.20 — O Mundo Amanhã
18.30 — Série Juvenil
19.28 — Documentário
20.00 — Notícias
20.05 — Pare, Escute e Olhe
20.40 — A Aventura da Arte Moderna
21.30 — Notícias
21.35 — Foi Êxito na TV
22.30 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B e R. de Macau, 8-1.º LISBOA

MELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
AMSTRAD — ATARI
TIMEX — SINCLAIR — O.L.
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG seleccionou para si...
RTP/1
22.30 — Estranhos Poderes por Arthur C. Clark
RTP 2
21.10 — Cinema Português em Retrospectiva —«O Comissário da Polícia»
GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
05.38 **3,80 m**	11.07 **1,10 m**
17.56 **4,00 m**	23.49 **1,00 m**
Dia 28	
06.32 **3,60 m**	
18.51 **3,80 m**	12.02 **1.30 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	15º
VIANA DO CASTELO	12º
VILA REAL	14º
PORTO	11º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	15º
CASTELO BRANCO	—
PORTALEGRE	19º
LISBOA	—
ÉVORA	12º
BEJA	11º
FARO	19º
SAGRES	15º
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	22º

Acidente lançou ácido sulfúrico ao Sado

A conjunção de diversos factores positivos, entre os quais o facto de se estar na maré baixa, a localização das instalações fabris e a intervenção atempada propiciou um «fim feliz» para o derrame ontem de àcido sulfúrico no rio Sado. Ao fim de três horas de combate a uma fuga detectada num depósito daquele composto a situação era dada como controlada mas, por aquela área ser de vaivém de marés poderá vir eventualmente a atingir a reserva do estuário.

«Foi sorte, evidentemente, pois a construção deste depósito não terá sido a mais feliz, já que a válvula devia estar mais junto ao fundo do depósito», afirmou esta manhã ao «DL» Maria Teresa Esteves, da empresa PROPAM. Aquela técnica declarou que a fuga ontem verificada ocorreu num pequeno tubo de saída do depósito, entre o fundo do mesmo e a válvula de fecho. «O depósito foi instalado em 1972 e iniciou o seu trabalho um ano depois, não se podendo dizer que estava velho», sublinhou.

De acordo com a mesma fonte, mal foi detectada a fuga «começámos a bombear o ácido sulfúrico para um depósito intermédio». Para neutralizar o liquido que caíu para o chão e escorria através da parede do cais para o rio, aproveitando a maré baixa foi utilizada a areia para a construção de um dique.

Este processo, segundo adiantou ao «DL» o comandante do porto de Setúbal, foi acompanhado pelo lançamento de soda cáustica e «aparentemente não houve consequências». O comandante Bessa Pacheco sublinhou, no entanto, que «se a maré estivesse cheia não havia hipóteses de fazer nada, pois o ácido teria estado em contacto com a água durante muito tempo».

Uma das primeiras diligências empreendidas foi a informação da situação ao proprietário de uns viveiros de peixe e marisco situados próximo que de imediato suspendeu a bombagem da água do rio para as suas instalações. A técnica da PROPAM-empresa de panificação que utiliza o ácido sulfúrico em pequenas quantidades para assegurar a reprodução da levedura-adiantou que numa área de 30 metros em redor da zona atingida a acidez da água se alterou, variando para 6,5, mas sublinhando que o teor de hidrogéneo nunca esteve abaixo dos valores mínimos.

Sobre a quantidade do ácido derramado, Maria Teresa Esteves revelou que foram bombeados para o depósito intermédio cerca de 6.900 litros, pelo que terão sido perdidos três mil litros de ácido sulfúrico.. No entanto, e embora haja um certo optimismo sobre a «limitação dos estragos», o comandante Bessa Pacheco adiantou que as fábricas que se abastecem de água do rio podem ir buscar uma e «encontrar outra». O comandante do porto considerou este acidente «como um caso isolado, mais susceptível de se verificar nas indústrias antigas».

A este respeito, a técnica da PROPAM, depois de sublinhar que em treze anos de laboração este foi o primeiro acidente ocorrido naquelas instalações, revelou que «vamos substituir todo o troço de tubagem, mesmo a que não está afectada, e modificar o posicionamento da válvula, de forma a que esta fique junto ao depósito».

Para Antunes Dias, director da reserva do estuário do Sado, «aquilo aconteceu fora da reserva, e parece que houve a neutralização». No entanto, aquele responsável sublinhou que «estes derrames, em estuários de vaivem de marés, podem eventualmente atingir a reserva».

E, depois de anos de trabalho, a fauna da reserva do estuário do Sado conheceu um revigoramento apreciável, com a existência de uma população de cerca de 40 golfinhos, «que mesmo a nível europeu tem algum significado», o reaparecimento da lontra e outras espécies mais comuns e ainda uma grande riqueza em pesca. No entanto, as últimas semanas têm sido preocupantes. «Há 15 dias foi a limpeza da fábrica da Portucel que matou peixe em estuário aberto, ontem a fuga da PROPAM» constata o director da reserva do estuário.

/D/E/C/A/R/A/S/

MÁRIO SOARES recebe hoje em audiência, no Palácio de Belém, uma delegação da União Democrática Popular, que vai protestar contra uma alegada agressão na Assembleia Regional da Madeira ao seu deputado padre Martins. Segundo uma nota da UDP, a delegação do partido pretende ainda falar ao Presidente da República sobre o processo relativo ao atentado bombista que matou, há 10 anos, o padre Max.

PIRES DE MIRANDA, ministro dos Negócios Estrangeiros, encontra-se em Nova Iorque a fim de participar na sessão extraordinária sobre a situação económica crítica em África, devendo intervir hoje nos debates. Amanhã, Pires de Miranda parte para Halifax, Canadá, onde representará Portugal na sessão da Primavera do Conselho do Atlântico Norte.

BASÍLIO COTTONE, general chefe do Estado-Maior da Força Aérea de Itália, encontra-se desde ontem em Portugal para uma visita oficial até sexta-feira. Este general italiano esteve ontem no Estado-Maior da Força Aérea, em Alfragide, onde apresentou os cumprimentos protocolares ao seu homólogo português general Brochado de Miranda, assistindo a seguir, em Monsanto, a um «briefing» no Comando Operacional da FA.

PINTO BALSEMÃO vai impor as insígnias da Ordem de Cristo ao conde de Barcelona, em Madrid, no decurso das cerimónias do Dia de Portugal. Segundo um porta-voz da Presidência da República, Pinto Balsemão representará Mário Soares nas cerimónias do 10 de Junho em Madrid, na Embaixada de Portugal. O reu Juan Carlos, pai do conde de Barcelona e amigo pessoal de Balsemão, estará presente.

LINDA EVANS, uma das personagens principais da série televisiva «Dinastia», irá aparecer nua na edição de Junho da revista «Playboy», que publicará uma série de fotos tiradas em 1971 pelo fotógrafo e realizador e então seu marido, John Derek. Informada da publicação de «toda a sua nudez», Linda fez saber que «não faria qualquer comentário».

ALBERTO JOÃO JARDIM assina uma nota oficiosa divulgada pelo Governo Regional da Madeira, em que se acusam os socialistas «de ataques despropositados à governação social-democrata». O comunicado refere que «devido à acção de governos socialistas ou de maioria socialista a situação do país nada tem de desafogada».

Homem de dois corações era cantoneiro da CML

Era cantoneiro da CML, chamava-se Francisco Pires, e nascera há 36 anos em Trancoso, o paciente que durante nove dias viveu com dois corações, após lhe ter sido transplantado um desses órgãos no Serviço Cirúrgico Cardiológico do Hospital de Santa Marta.

Falecido no domingo, Francisco Pires será sepultado esta tarde no cemitério de Benfica.

Dois nudistas presos em praias do Algarve

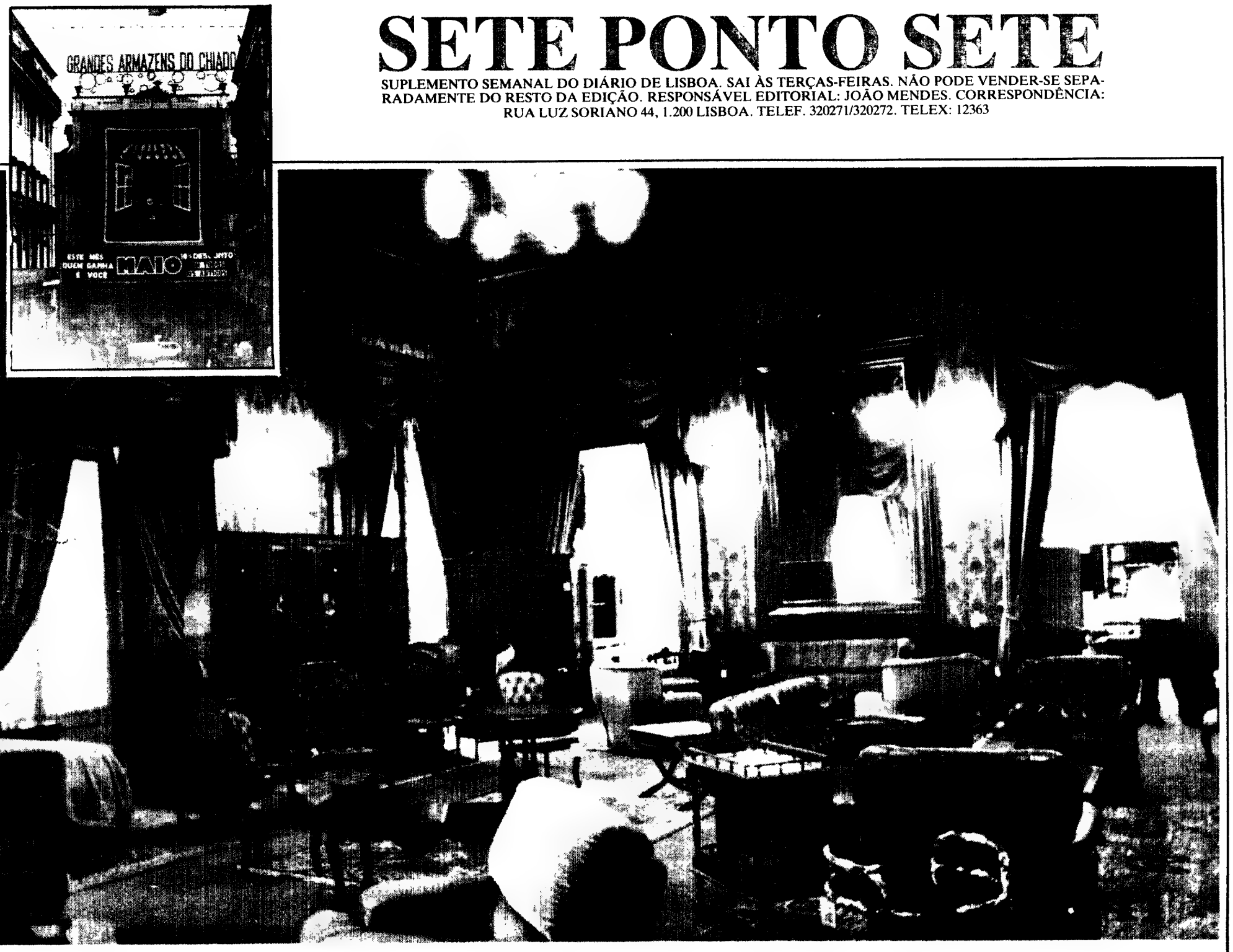
Um indivíduo de apelido Dias, de 35 anos, natural da Baixa da Banheira, foi detido na praia de Armação de Pêra e presente no Tribunal de Silves, sob a acusação de ter tomado banho e passeado completamente desnundado nas principais artérias daquela localidade algarvia. Entretanto do Hospital Distrital de Faro evadiu-se o cidadão suíço Leemann Max Rolf, de 23 anos, que ali se encontrava sob prisão acusado da prática de nudismo e consumo de droga.

Afogados nos Açores dois pescadores de lapas

O iate «Esmeralda» naufragou ao largo da praia da Vitória (Angra do Heroísmo), tendo desaparecido dois dos seus quatro tripulantes, Franscisco Lopes Vieira, de 48 anos, e António Silveira Andrade, de 36, cujas esperanças de salvamento foram consideradas «remotas» pelo Comando Naval dos Açores. O relato dos dois sobreviventes (Francisco Carvalho e Manuel Linhares) refere que o barco navegava numa zona de bonança, no apoio à apanha de lapas, quando foi surpreendido por um «golpe de mar» que o atirou contra as rochas.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363



As grandezas e as misérias de um empório fugaz

Fotos Rui Pacheco

Armazéns da Baixa

Como se fazem e desfazem fortunas em Portugal

A sala de audiências é dominada por uma divisa inscrita na parede, por cima da mesa do juiz: «A justiça protege o homem íntegro.» Para que a ignorância do preceito não aproveite a niguém, ele vai escrito em português corrente e não no latim habitual.

No tribunal realiza-se a hasta pública do edifício dos Grandes Armazéns do Chiado, cuja empresa proprietária deixou de honrar as suas dívidas. A executante - entidade que requere a ida do imóvel à praça para recuperação dos 150 mil contos emprestados - é a Caixa Económica do Funchal, ela própria em maus lençóis e, dizem algumas fontes, já sob controlo de um banco inglês estabelecido em Portugal.

Num outro juizo do Palácio da Justiça de Lisboa - estamos na tarde da quinta feira passada - decorre à mesma hora uma penhora de bens dos Armazens do Grandela, que já viram acontecer o mesmo ao contrato de arrendamento do edifício e a diversos equipamentos.

Desta última acção judicial os trabalhadores do Grandela só tomam conhecimento por alguns deles se dirigirem por engano ao juizo em que ela estava a ser apreciada. Na realidade vinham com os seus colegas do Chiado assistir à hasta pública do velho edifício da Rua do Carmo.

Tal como eles, sentem os seus postos de trabalho em perigo e têm em comum o facto de terem um mesmo ´patrão´. Juntamente com os empregados das lojas Paga Pouco eles são cerca de 1000 a recear o futuro e a interrogarem-se quanto à maneira como se fazem fortunas neste país.

Estes são alguns dos sinais do evidente desmoronamento daquilo que há três ou quatro anos parecia estar a tornar-se num império comercial. Um homem praticamente desconhecido - Manuel Martins Dias -, que até aí tinha subido por mérito próprio, aparece de repente a movimentar milhões de contos e a comprar os maiores estabelecimentos da baixa lisboeta.

Alguns deles há muito que pertencem à hitória da cidade. Ninguém sabe, nem ninguém procura saber, de onde vem o dinheiro, se o homem age por conta própria ou em nome de outrém. Fala-se - como é uso e alibi nestas circunstâncias - em capitais àrabes e do extremo oriente, mas o segredo é a alma do negócio.

A verdade é que Manuel Martins Dias assume em pouco tempo o controlo de casas como o Chiado, o Grandela e a Dinfer. Os estabelecimentos Abel Pereira da Fonseca ficam também sob a sua mira, sem que, no entanto, a transacção se concretize. Entretanto cria a rede de lojas «Paga Pouco» e envolve-se em numerosos negócios em Macau e arredores.

Quanto ao Chiado e ao Grandela, as penhoras e hastas públicas mostram o estado a que ali se chegou.

A Dinfer fechou pura e simplesmente e em seu lugar surgiram o desemprego e as dívidas.

Na Abel Pereira da Fonseca, dizem-nos fontes dessa sociedade, ficaram bem visíveis as marcas da sua passagem: «faltou a tudo quanto se comprometeu, deixou mais de 200 mil contos de prejuizo e pôs em perigo os 600 postos de trabalho da empresa.»

No caso do Paga Pouco os salários estão a ser pagos com atraso e a actividade das lojas já é extremamente reduzida.

Em Macau, as coisas estão complicadas e os litígios multiplicam-se com os seus sócios. Os diferendos com os bancos locais ascendem a mais de 400 mil contos...

Numa primeira fase aliado a José Pereira Dias, dos centros comerciais Barão, e a João Florival Claro, Manuel Martins Dias vai ficando isolado e acumulando contenciosos com os seus ex-sócios. Na sua passagem pela Sociedade Abel Pereira da Fonseca apresenta-se como representante de 11 sócios que, em Cabo Ruivo, nunca ninguém soube quem eram.

Os negócios vão nessa altura de vento em popa e é o tempo das campanhas publicitárias espectaculares, dos saldos sem concorrência, dos temores do comércio tradicional.

É também o tempo áureo da D. Branca, sem que entre as duas situações haja provavelmente qualquer coisa em comum, a não ser a fé no Pai Natal que os portugueses cultivam com orgulho.

Em Elvas, já a caminho da fronteira e das pesetas, aparece um enorme supermercado onde se vende de tudo e em condições imbatíveis. Imbatíveis no preço e na cotação da peseta. Comerciantes da vizinhança diziam-nos há dias que ali se chegava a vender «abaixo do preço de custo e com a peseta a valer mais que no banco e na candonga.»

Os espanhois compravam lá tudo e as «perras» enchiam as caixas. Os fornecedores, esses, ficavam a arder. «Pergunte ao Nabeiro que acusam para aí de tanta coisa quanto é que recebeu do café que lhe vendeu?», desafiava um deles.

O supermercado em questão era (e é) do grupo Paga Pouco e o seu proprietário é Manuel Martins Dias.

Na Abel Pereira da Fonseca, a acusação é idêntica: «vendia abaixo do preço de custo e muitas vezes não pagava aos fornecedores.»

No Grandela e no Chiado, os trabalhadores admitem que «a técnica fosse a mesma.»

Entretanto, na retaguarda, houve que consolidar certas coisas.

Mudanças na estrutura do grupo de Manuel Martins Dias, com a criação de sucessivas empresas, terão posto a salvo o património acumulado.

Na Quinta dos Cedros, ali junto ao Autódromo do Estoril, ainda não se ouvem os ecos do desmoronar de um império construido num ápice e desfeito quase à mesma velocidade.

Aí vive Manuel Martins Dias.

José António Cerejo

Sinais dos Tempos

Greimas em Lisboa

«Caminhos e Aberturas da Semiótica» é o nome de um colóquio que reúne, desde ontem e até amanhã, na Fundação Gulbenkian, especialistas de um saber que não tem ainda vinte anos, apesar de algumas das suas componentes terem a idade da filosofia: aquele que estuda como o sentido é produzido por meio dos signos. A abrir o colóquio, Greimas (na foto). Entre os portugueses que apresentam comunicações, Luís Filipe Barreto, José Guilherme Merquior e Vítor Manuel Aguiar e Silva.

Ask discretly

Esplêndida revista a que a Associação da Imprensa Diária imprimiu na Lisgráfica a propósito do Congresso da FIEJ. Explicando o que comprar numa visita às Caldas da Rainha, uma nota curiosa: «procurar visitar as lojas que vendem cerâmicas 'regionais', quer dizer, cerâmica 'porno' ou 'fálica'. Essa cerâmica não está à venda à vista do cliente...» A versão inglesa do texto aconselha: «...one has to ask discretly».

Tolerância

Na mesma revista, cada jornal diário nacional apresenta aos leitores uma curta autobiografia; cada um diz de si o que acha mais apropriado. «O diário» recorda o seu estatuto editorial. Eis o seu artigo 7, que descreve um dos objectivos em que o jornal está empenhado: «Combater o sectarismo e a intolerância dentro e fora de 'O diário', motivando e apoiando o dinamismo e a inteligência das massas populares e suas formas concretas de criação revolucionária».

Frágil e íntegro

...E eis como «O Dia», citando o seu primeiro director, Vitorino Nemésio, se invoca a si próprio: «Há qualquer coisa de aurora, como que nascer, frágil mas íntegro, para a vida da comunicação de um povo e nação como a nossa, que, de tão duramente abalada, esperamos ainda traga no ventre a verdadeira Revolução».

Tendências

Comentário de um dos congressistas da FIEJ, depois de ler as «auto-biografias» de «O diário» e de «O Dia»: «No vosso país os jornais diários ainda são muito revolucionários, não são?»

MUDANÇA

Deferre: os homens também se abatem

A OS 76 anos, quando os médicos o declararam clinicamente morto, Gaston Deferre correu um sério risco. O de não conseguir o repouso dos justos, onde quer que os socialistas o gozem depois da morte.

A sua vida política, longa de mais de cinquenta anos, tinha ainda suspenso um último ajuste de contas, uma derradeira vingança num percurso onde a violência de atitudes foi sempre de par com a frontalidade das opções.

O filho pródigo, o primeiro dos herdeiros escolhidos pelo incontestado líder de Marselha que se voltara contra o «pai» e o traíra, ameaçando a sua liderança e deixando a nu os pés de barro do poder pessoal cimentado desde a Resistência, ainda era forte, ainda era um dos chefes, ainda enfrentava Gaston Deferre.

Mas a 17 de Maio, exactamente dez dias depois do corpo morrer, o espírito de Deferre podia enfim partir descansado. Michel Pizet, a quem Gaston chamava «um pequeno, pequeníssimo problema», estava politicamente derrotado, era responsabilizado nas ruas pela morte do presidente da Câmara de Marselha, via o lugar de «maire» que ambicionava ocupado por um homem apagado, o médico Robert Vigouroux, que nunca fora mais do que o médico de Deferre, o amigo fiel, a sombra que mantém viva a imagem do chefe passado.

Já nada prendia então ao Mundo o líder socialista. Se o funeral, uma semana antes, com a participação do presidente François Mitterrand, com ritos religiosos celebrados na catedral de Marselha por todas as confissões religiosas, encerrara uma vida, a derrota de Pizet fecha uma obra.

Obra que começara cinquenta e seis anos antes quando Gaston Deferre se inscreveu na SFIO. Mas que ganhou — e isso aconteceu com os mais corajosos em França — que ganhou impulso e dimensão nacional quando Gaston Deferre se tornou o chefe da rede da Resistência à ocupação alemã conhecida como Brutus.

Em 1944, à frente da suas tropas, Deferre liberta Marselha e estabelece com a cidade uma relação que só terminou com a morte. De arma na mão ocupa um jornal porque queria um veículo de propagação das seus ideais.

Uns anos depois, em 1953, é eleito «maire» de Marselha. Insubstituível, dizem todos.

«Um monstro», comenta emocionado um marselhês ao saber da sua morte. A cidade, dominada pelo porto de mar e marcada pelo tráfego de mercadorias, renasce à sombra de Gaston.

Ao contrário do que acontece com outras cidades, a presença de «gangs», da Mafia, o facto de ser regularmente uma escala no tráfico de drogas, não faz de Marselha uma cidade maldita. É o «maire» que não deixa.

Com o seu chapéu preto e redondo ele torna-se um emblema de Marselha e, ao mesmo tempo, uma figura nacional dos socialistas franceses.

Em 1965, antes da reconstituição do PS, é candidato à presidência da República e tem Mendès France como candidato a primeiro-ministro. Em 69, reincide, mais uma vez sem êxito.

Antes, nos anos escaldantes da IV República tinha sido ministro e primeiro responsável pela descolonização. E aproveitara o tempo para construir um reduto intocável no Sul da França. Ali constrói, no que virá a ser a federação socialista de Bouches du Rhône, um poder pessoal e total.

Quando falha, por não ter sido possível federar os diversos interesses socialistas, a sua segunda candidatura presidencial, fica aberto o caminho para a reconstituição do PSF e também para o lançamento de um outro nome — o de François Mitterrand, de quem Deferre passa a ser um incondicional.

No seu feudo socialista, cria os sucessores, põe e dispõe com apoio da máquina do partido, com a imensa influência da sua popularidade local (acrescida da dimensão nacional do seu nome), com o poder que não tem escrúpulos em utilizar, do jor,al «Le Provençal». É assim que lança Michel Pizet, que o coloca em lugares de responsabilidade.

Na federação do PSF, Pizet toma conta da máquina. Tudo é fácil porque tudo repousa sobre o poder pessoal.

São perto de dez mil socialistas, essenciais em qualquer Congresso para definir maiorias; equilibrar correntes, escolher candidatos. Mas os grupos tradicionais do PSF não têm lugar em Marselha. Rocardianos, apoiantes de CERES e de Chevenemente, amigos de Maurois, todos ficam às portas desta federação.

Só que o poder pessoal contesta-se. E Pizet, acorda um dia com ambições. Em dois tempos aproveitando a estada de Gaston Deferre em Paris, toma conta da federação, hostiliza o seu líder histórico, prepara-se para em nome dos jovens, ganhar Marselha.

Gaston sabe mais a dormir do que todos os seus inimigos acordados, tem uma fama e uma história de violência. Não vence os que se lhe opõem. Esmaga-os.

Em 1981 seguiu para a capital — mantendo-se ainda «maire» em Marselha — para ocupar um lugar ingrato, no governo empossado por Mitterrand — o de ministro do Interior.

Tal como conseguira «branquear» Marselha, o desafio que enfrenta é o de «branquear» para o povo da esquerda o Ministério do Interior, desde sempre associado à repressão e às odiosas «CSR's».

De tudo o que fez na vida, é a obra que desenvolve à frente do Interior que ficará na história. Se em Marselha ele era todo o poder, em Paris fomenta a descentralização, a democratização e a regionalização. Assume a modernização do Estado napoleónico e gaullista e isso nem as novas maiorias da direita constestam.

A derrota dos socialistas nas eleições gerais e o novo governo de Chirac devolvem-no a Marselha.

Era a altura do ajuste de contas com a traição de Pizet. A primeira oportunidade é na eleição de um novo secretário federal. Deferre e Pizet apoiam candidatos diferentes. O velho Gaston tenta todas as manobras que conhece. Mas são 76 anos, já há cinco anos que está em Paris. Depois de longas horas de reunião faz uma proposta que é uma armadilha. Pizet conta os votos e conclui que mesmo assim ganha. E o seu candidato é na verdade escolhido.

Gaston Deferre coloca o chapéu redondo, regressa a casa, vencido. Telefona para Paris para a mulher. Depois desfalece, acometido por uma hemorragia cerebral. Eram já muitas as emoções.

Pizet no dia seguinte é apontado a dedo pelas ruas de Marselha como responsável pela morte do Gaston. E dez dias depois não consegue ser eleito «maire» de Marselha.

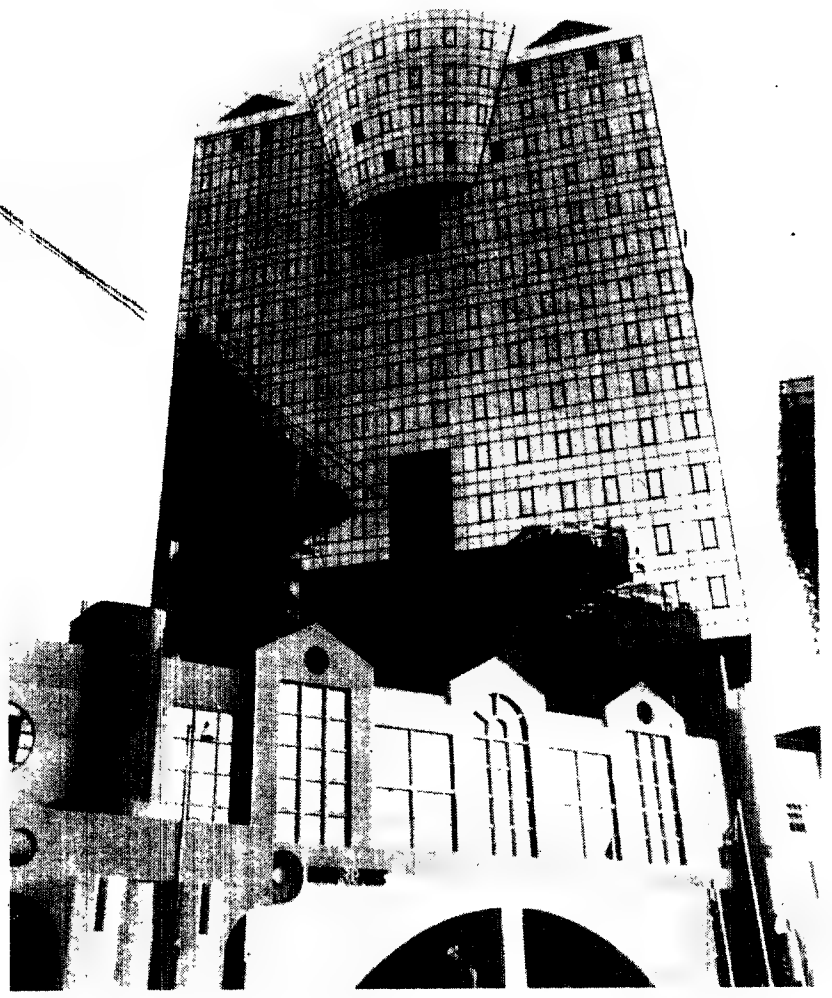
Gaston Deferre voltou a esmagar o adversário. A título póstumo...

JMV

LerEscrever no dia 5

Não se publicando o «Diário de Lisboa» depois de amanhã, quinta-feira, feriado nacional, o suplemento **Ler Escrever** não sai esta semana. Encontro marcado com os leitores para quinta-feira 5 de Junho, nas oito páginas destacáveis com as suas habituais secções: Lemos para si, No Prelo, Acabados de Chegar, Clip... Até lá, boa leitura. Aproveite o fim do mês para uma «loucura» na Feira, em Lisboa ou no Porto!

Mas afinal o post-modernismo existe?



HEGOU, talvez, a altura de falar brutalmente e ver o que acontece: Parece-me que toda a questão do «post-moderno» gira em volta de dois grandes equívocos: um deles, mais geral e mais profundo, tem que ver com a concepção global do que é a «condição» ou «situação» post-moderna; o outro relaciona-se com o problema do estatuto próprio da pintura neste enquadramento.

Vou abordar os dois em conjunto, através de algumas opiniões **esquemáticas, brutais** e parcialmente **obscuras** (a ideia deste texto é ser assim; haverá ocasião e lugar para coisas mais «soft»...):

1. Se a «idade» actual não é mais a da imagem ou a do real, mas a do **simulacro,** a reafirmação do objecto (quadro, edifício, etc.) só pode ser entendida como **resistência regressiva.**

2. A situação que se diz post-moderna não é a da reconfirmação ou mesmo reutilização da história em arte, mas a do esfrangalhamento de toda a referência, incluindo a histórica.

3. Insistir na presença da «obra», na acção e gesto do «artista», na glória do objecto, na sua referencialidade narrativa, local ou temporal, é ter medo.

4. Medo da transitividade, da transitoriedade, da imaterialização, da simulação, da velocidade, do fim da aparência e da transparência em favor da interface. Medo da «situação post-moderna»...

5. A arquitectura é optimista, a pintura pessimista. Sempre foi assim. A arquitectura é optimista porque constrói objectos mais ou menos **úteis.** A pintura é pessimista porque o seu tempo é sempre o presente, porque é imagem e porque, afinal, não serve para nada a não ser de um modo **directamente** simbólico.

6. A pintura exerce, pelo mero facto de existir, uma crítica permanente das representações (e das ideologias). É um dispositivo de **fractura** a vários níveis.

7. A arquitectura pode ser isso tudo também. Mas **denega-o ela utilidade. Se hoje se julga (ela, arquitectura) mais «aberta» ao «imaginário» porque menos «racionalista» ou «funcionalista», labora no equívoco de pensar que esconde assim uma outra denegação mais essencial: que é a da fractura do tempo.**

8. A invocação do barroco não é mais que essa nostalgia de uma espiritualidade metafísica perdida para sempre. O barroco é o ópio da post-modernidade.

9. A pintura tem uma história própria que é diferente da arquitectura. A pintura teve o «Quatrocentto» e o modernismo: a possibilidade do «novo» é-lhe estranha fora desses dois momentos breves e abruptos em que **se fez** história. Porque, por mais banal que a frase possa ser, já não se pode fazer mais nada de novo com uma imagem estática a duas dimensões. Nem é preciso. Mas a pintura é trabalhada pela História sempre que nela surgem súbitos abismos, estádios de desordem, de desarrumação de dados — **irredutíveis a «estilos» ou conjunturas estéticas.** Um desses abismos chamava-se Cézanne. Outro chama-se Bacon. E houve (há) muitos mais.

10. A arquitectura, pelo contrário, é sempre **compromisso,** ligação aos poderes, às conjunturas culturais e outras. Porque é útil, funcional. A peculiaridade da situação actual é que esse compromisso é denegado em nome de uma «cena» espectacular onde por vezes se quer ver apenas o fausto do presente, do teatro e do jogo. Mas disso resultam (quer se queira, quer não) **objectos históricos** que são vectores e factores de mudanças.

11. A «condição post-moderna» não é uma, **são duas** (pelo menos...). Na Europa, lugar de resistências, luta-se contra a derrapagem da referencialidade e da materialidade. Na América, lugar de rompimentos, prolongam-se e confirmam-se essas derrapagens (e não se fazem grandes Exposições e Colóquios para enquadrar isso). Por exemplo:

12. Do outro lado do Atlântico (e também deste, por importação) erguem-se paredes-cortina em objectos transitórios para deitar abaixo daí a um par de anos; deste lado (mas também do outro) constrói-se em «sólida» pedra, com verdadeiras paredes.

13. La, manda-se às urtigas a pintura rodeando-a, cada vez mais, por acções «multi-media». Cá, insiste-se em fazer Quadros para Museus.

14. A America criou uma «música de estrada», poesia e prosa «de estrada»; e também uma arquitectura e pintura «de estrada», quer dizer, para serem vistas (ou entrevistas) na rapidez, como cenario fugaz e transitório da única «realidade» que existe: a da velocidade, da fuga dos pontos.

15. Na Europa, cuida-se de urbanizações onde se possa andar a pé e «experimentar» as formas e as vistas.

16. Parece simples, mas não é: porque na América se confunde a derrapagem da referência e da materialidade com a resistência a isso: e na Europa, vice-versa.

A confluência das confusões cria a aparência de uma situação única (porque há sempre essa obsessão da Explicação ou Descrição Totais para Tudo). Por exemplo:

17. Poem-se uns frontões e uns motivos palacianos a «disfarçar» a parede-cortina e a fragilidade transitória do objecto (que, por vezes, não é só fragilidade de cenário mas simplesmente má arquitectura (1).

18. Ou retiram-se os «grafitti» das carruagens do Metro, a BD das revistas e manda-se isso tudo, culturalmente empacotado, para as galerias de pintura.

19. Ou ainda faz-se «bad», «neo» ou «post» (pinturas) na ilusão (antiga mas comercialmente rentável) de que se está a fazer pintura.

20. «Talvez se fizesse melhor em perguntar se o centro de gravidade da **arte** nao se deslocou da pintura para outra coisa (uma 'outra coisa' que tem que ver, ao mesmo tempo, com o teatro, a ópera, a performance e a redistribuição das suas fronteiras)» (2).

21. Mas mais vale, se calhar, tomar nota da crise da imagem estática a duas dimensões (pois, como fez o conceptualismo).

E, apesar disso, trabalhar. Pela pintura, por exemplo; que outros, menos sujeitos ao mercado, continuam a fazer.

22. Porque, afinal, qual é o filme da post-modernidade?

A narração tradicional como a faz Spielberg ou os flashes de inacção ou nao-acção de J. Jarmusch? Que quer Virilio dizer quando, ao proclamar o fim de **todo e qualquer** «récit», acusa Lyotard de ser, ainda, **optimista?**

Post-scriptum: O **primeiro** texto em que abordei o problema da arquitectura e da pintura em relação às questões da imagem, do simulacro e da post-modernidade foi publicado, **ha quase dois anos:** «Arquitectura e Gosto», supl. Cultural de «O Diário» de Junho de 1984.

Paulo Varela Gomes

NOTAS

1. Também há disso em Portugal. Escusamos de continuar a fingir que não vemos.
2. Guy Scarpetta, «L'Impureté», Paris 1985, pág. 179.

Janelas Indiscretas XXIV

A transparência e o dente preto

GILLES DELEUZE escrevia, nas primeiras páginas de **Différence et répétition,** que «um livro de filosofia deve ser, por um lado, uma espécie muito particular de romance policial, e por outro uma espécie de ficção científica» (pág. 3). Exemplar, a este título, seria sem dúvida o **Diário do Sedutor,** em que Kierkegaard encena uma intriga erótico-criminal, escrita por um sedutor e roubada pelo narrador, que no-la conta. Esse narrador, curiosamente, comete uma indiscrição ao ler, involuntariamente, as folhas deixadas numa gaveta aberta, ao mesmo tempo que dirige um olhar doloso ao objecto e se sente próximo do «polícia que penetra no antro do falsário, abrindo os seus esconderijos e descobrindo nas gavetas quantidades de papéis e de esboços de desenhos.

Acha-se na boa pista, mas, diante de tanta e tão inegável aplicação, a sua alegria mistura-se com admiração (1). Depois de ter lido o **Diário,** compreendemos seguramente o que adivinháramos desde o início: a leitura indiscreta feita pelo narrador não pode ter sido senão premeditada pelo Sedutor. Este nada deixa ao acaso, quis que as páginas do seu Diário fossem lidas de modo doloso e transcritas para que os leitores partilhassem a consumação do crime perfeito. Este crime, os leitores associam-se a ele do mesmo modo que a humanidade inteira participa do pecado original, dessa opacidade inultrapassável, dessa falta em que tem origem a melancolia: «mesmo o homem em cuja vida o movimento se efectua da maneira mais calma, mais sossegada e mais harmoniosa manterá no entanto, e sempre, um resto de melancolia: isso advém de uma causa muito mais profunda, o pecado hereditário, e consiste no facto de ninguém se poder tornar transparente aos seus próprios olhos» (2). O esteta, por seu turno, compreendeu perfeitamente o peso do pecado original, a impossibilidade de aceder à transparência **para si.** Assim, compromete-se desde logo com o simulacro, inventando um novo crime, original no sentido em que não deixará de ser repetido, consumado por outrém, por todos quantos o lerem e transcreverem. O sedutor, ao inventar o livro perfeito, elabora, além do livro policial, uma ficção científica, visto que passará a tratar-se de compreender o mundo a partir de referências outras. Face ao crime, à mancha negra da alma que afasta qualquer esperança de transparência absoluta, o Sedutor propõe um simulacro de transparência.

Se é impossível ser transparente para si, nada impede, pelo contrário, que o sejamos para os outros. O sedutor transformar-se-á, pois, em parede de vidro, presente e invisível. No pólo oposto, o Cavaleiro da fé escolherá a banalidade, a roupagem burguesa graças à qual se perderá na multidão, tornando-se anónimo.

O sedutor é o ser de excepção que se torna invisível para o mundo exterior a fim de melhor o dirigir. O Cavaleiro da fé é a excepção de Ser, infiltra-se na mediocridade exterior para que a sua superioridade interior se torne invisível. No entanto, à mancha negra da alma que engendra a melancolia, corresponde, no sedutor, uma outra mancha, também negra, mas visível, concreta, situada numa parte do corpo eminentemente simbólica: num dente. O ponto fraco do Sedutor consiste num dente negro, um incisivo: «este dente aborrece-me tremendamente; não admito qualquer alusão a ele; é o meu calcanhar de Aquiles. Enquanto no restante sou invulnerável, o maior imbecil pode atingir-me de modo muito mais sensível do que ele próprio crê, ao fazer-lhe alusão. Tudo faço para o embranquecer» (1).

O dente negro, qual sombra de um objecto ausente, revela, ao mesmo tempo, a presença escondida do objecto. A sombra indica o defeito, o ponto fraco, não apenas do sedutor, mas de todo um cenário; é, igualmente, a sombra num quadro, o que impede a instalação de uma transparência móvel. O que caracteriza o sedutor é a faculdade do movimento, de o prever, de o traçar, de fazer mover os outros para criar situações que repetem outras, na variação. Para que estes movimentos sejam perfeitos, é necessário que o sedutor, ao efectuá-los, ou ao forçar os outros a efectuá-los, permaneça invisível, quer dizer, transparente. Ora, uma sombra, por mais pequena que seja, segue sempre o movimento do seu objecto, traindo-o. Torna-se, assim, necessário ocultar esse elemento perturbador, e ficar atento à presença da nossa sombra quando procuramos esconder-nos para melhor espiar.

A cada instante do seu **tornar-se invisível,** o sedutor arrisca-se a encontrar a «ocasião», podendo dar lugar a uma nova história, para relançar o movimento noutras direcções. (Como, exactamente, fez notar Deleuze, «o que está em questão em toda a obra de Nietzsche e de Kierkegaard, é o movimento). Mas, se nos assinala estes caminhos, Kierkegaard persiste, ao mesmo tempo, no projecto de captura de Cordélia, o crime perfeito em que atinge o cúmulo da transparência.

Chaké Matossian

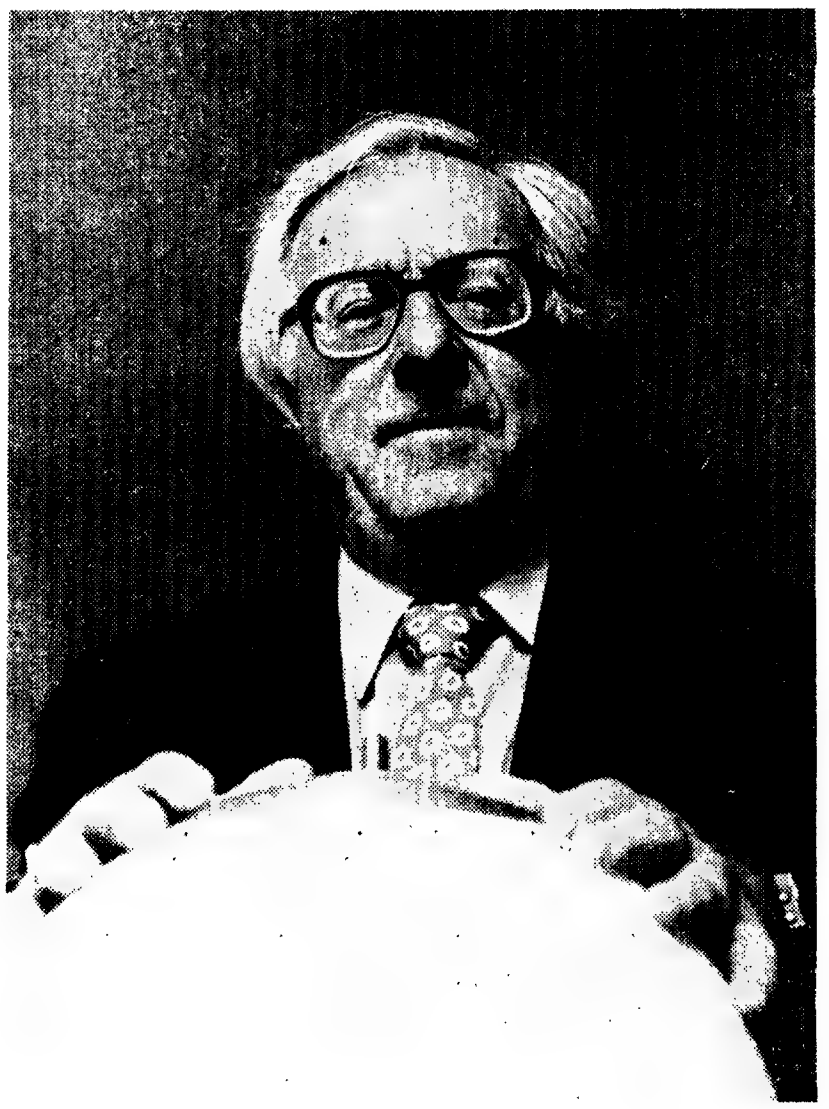
Notas:

(1) **Journal du séducteur,** Oeuvres Complètes, L'Orante, Paris, Vol. 3.

(2)**La formation de la personalité,** ibidem, vol. 4.

Ray Bradbury conta-se a si próprio

Será a ficção científica uma maneira de fugir à realidade? «Não, é caminhar para a realidade, **responde Ray Bradbury**. Para a descoberta do espaço, dos comboios e das locomotivas, para as maravilhas do mundo. É uma aceitação do futuro.» **Aos sessenta e seis anos, o autor das** Crónicas Marcianas **conserva um entusiasmo e um optimismo de jovem.**



...Continuamos a fazer as mesmas perguntas, a escrever, a construir naves espaciais e a levantar voo...

A O contrário da Europa, torturada pelo peso da história, a América é um país de sonhadores. Sonhadores que sabem tranformar os seus sonhos em realidade, materializar o que sonham. Entre os que mostram o caminho, abrem as portas do imaginário, o escritor de ficção científica Ray Bradbury, principalmente conhecido pelas suas novelas mas que acaba de lançar o seu primeiro romance nos últimos vinte e três anos: **A solidão é uma urna de vidro**. Um romance cuja acção, cheia de mistério, decorre em Veneza (Califórnia), nos anos 50. Para mais, uma peça inédita de Bradbury, **Levithan 99**, será representada nas Arenas de Montmartre, a partir de 13 de Junho.

Ray Bradbury? O optimismo feito homem. Um optimismo fundamentalmente americano. Nada pode alterar o seu bom humor e a sua alegria de viver.

A angústia não é o seu forte. Falamos de Woody Allen («Ah, essa gente da costa Leste que não gosta de **science-fiction**»), lamenta um instante o pequeno personagem «**que dá constantemente a impressão de levar o mundo inteiro nos ombros**», Não é o género de Ray Bradbury que, no que diz respeito a mundos, tem sempre o olhar voltado para as estrelas. Para ele, a nova fronteira está lá em cima, no espaço. Um espaço cuja conquista o autor das **Crónicas marcianas** e de **Fahrenheit 451**, nunca deixou de celebrar. Quando o vai-vem espacial explodiu há alguns meses, recebeu telefonemas de toda a parte. Perguntam-lhe como sentiu a catástrofe. Ele chora ao telefone... Mas nessa noite, nessa colina de Los Angeles, quando me abre de par em par a porta do seu **cottage**, de **short** e polo branco, jovem de sessenta e seis anos, surge rápido como um diabo da sua caixa e agrada-lhe a ideia do ano 2000!

— Como descobriu a ficção científica?

— Como podia ter-lhe escapado? Os magazines de **science-fiction** começaram a aparecer em 1927, quando eu tinha sete anos. Buck Rogers entrou na minha vida em 1929! Imensa influência! E John Carter, **O Guerreiro de Marte**, de E.R. Burroughs! Apaixonei-me por todas estas coisas.

— Com que idade começou a escrever?

— Com doze anos. Não podia permitir-me comprar a continuação do **Guerreiro de Marte**, éramos uma família muito pobre... Então escrevi a minha própria versão...

— Começou por vender jornais...

— Sim, quando saí da **high school**. Não podia ir para a Universidade. De resto, a Universidade não tem nada para dar quando se quer ser pessoal: um escritor deve ser ele próprio. Mas frequentava a biblioteca pública, ficava lá horas, três, quatro dias por semana. Aos vinte anos tinha lido todas as peças importantes, conhecia a história americana e francesa, italiana, inglesa, lera os melhores ensaios, os melhores contos e novelas. Aos vinte anos tinha uma educação melhor do que a maior parte das pessoas, porque elas se tinham esquecido de ir à biblioteca.

— A ficção científica era uma maneira de fugir à realidade?

— Não! Era caminhar para a realidade. Para a descoberta do Espaço, para os comboios e para as locomotivas, e para as maravilhas do Mundo... Era uma aceitação do futuro. Não uma fuga: um desafio.

— Na época quais eram os seus autores preferidos?

— Os autores franceses, naturalmente: Júlio Verne... O meu tio, em suma... (**risos**)

— Como foram acolhidos os primeiros manuscritos que enviou a «Wonder Stories» e a «Weird Tales»?

— Desde os quinze anos que mandei centenas de contos. À **Esquire**, ao **Saturday Evening Post**, aos grandes magazines... Eles devolviam tudo! Porque as histórias eram terríveis, assustadoras. Pela primeira vez publiquei aos vinte anos quatro contos no **Script**. Eram satíricos.

— Mas o que significa para si escrever?

— Oh, a melhor coisa do Mundo. **Wonderful**, **terrific**, maravilhoso! Foi sempre uma alegria para mim. Não precisava de férias. Escrever eram férias. Nunca mais trabalhei um só dia que fosse...

— Que escreveu hoje?

— Um **script** para a minha série televisiva. Também trabalho num romance, numa ópera, numa peça que vai ser representada em Junho, em Paris, numa comédia musical, em contos...

— Quando escreve?

— Todos os dias a partir das 9 horas da manhã. Duas horas.

— Quantas páginas?

— Dez a doze. Mas sabe, podja escrever doze por hora. Quem me impediria de o fazer? Quando nos divertimos...

— Uma primeira tentativa?

— De modo algum. Definitivo. Só algumas correcções. Uma palavra aqui, outra além. Quando se gosta do que se faz, as coisas saem perfeitas.

— E as «Crónicas Marcianas» e o «Fahrenheit 451»?

— Dezasseis semanas para as **Crónicas**. Nove dias para o **Fahrenheit**, pelo menos as vinte e cinco mil palavras da versão primitiva.

— A sua concepção do estilo?

— A verdade... A minha verdade!... Pôr no papel aquilo que se sente... É isto o estilo. O resto é creme em cima de um bolo. Decoração. Embelezamento. Julga-se que o estilo é a fantasia. Na realidade ele é a verdade. Mesmo que a minha verdade seja ouvir gritar os dinosáurios... E a verdade também é a simplicidade bíblica. A simplicidade da metáfora. Tenhamos a mesma simplicidade do Corão, do Talmud, da Bíblia... e lembrar-se-ão de nós!

— Escrever é, para si, como estar acordado?

— Não. O único momento em que eu estou acordado é quando acordo de manhã e o espírito voga livremente... Então acontece o melhor. As minhas personagens começam a falar umas com as outras. E quando isso atinge um certo ponto, agarro-o e agarro-me a uma máquina...

— Sente ternura pelas suas personagens?

— Sim, muita. Se não se tiver isso, não se tem nada.

— E como dá essa qualidade de sonho a algumas das suas narrativas?

— Se utilizamos todos os nossos sentidos, podemos tirar sonho de qualquer coisa. Na **high school** li livros sobre o sentido do olfacto, do ouvido, da vista, do gosto e do tacto... Se educarmos os nossos cinco sentidos podemos apanhar as pessoas, dar-lhes o gosto das coisas, dar-lhes formas e luz... Dar-lhes as coisas mais impossíveis! Inventar histórias fantásticas. A lógica dos sentidos convence-os de que é real.

— A linguagem dos sentidos passa directamente para a escrita?

— Sim, fazemos passar pessoas através das paredes, mesmo que isso seja impossível. Dá-se a sensação de que é assim. Meu Deus! Este muro abre-se na minha frente!

— É um visionário?

— Essa é uma palavra demasiado forte. Não, sou um autor de fábulas morais. Como o eram Júlio Verne, H.G. Wells... Somos todos como o capitão Nemo: ele não gosta da maneira como está feito o Mundo. Então, em vez de o destruir, ele constrói um mundo como ele o deseja, dá uma lição ao Mundo... Os autores de **science-fiction** são assim: fazem vibrar as cordas que chamam a atenção...

— O futuro longíquo da Humanidade?

— Chegaremos lá. Colonizaremos a Lua, Marte. Iremos a Alfa do Centauro, e a muitos outros lugares do Universo. Sim, sobreviveremos. É muito excitante. Temos a possibilidade manifesta de sermos imortais no seio do Universo. Fá-lo-emos, devemos fazê-lo. Lá chegaremos.

— A caminho da enternidade?

— Claro que sim. Não há razão para que não seja assim. Isso ou a morte. A vida é um dom demasiado fantástico, mesmo ao nível mais pobre... O meu pai e a minha mãe nunca discutiam a que ponto éramos pobres, no entanto, não tínhamos nada. Mas nessa miséria o próprio dom da vida é tão precioso, tão rico! Para o diabo a morte e a obscuridade! Escolhamos a vida! E as viagens no Espaço!

— Para si a vida é um milagre.

— Sim, é um milagre. Muito misteriosa, como a morte. Em mais de dois mil anos os grandes filósofos não deram resposta. Então continuamos a pôr as mesmas questões. Escrevemos... Construimos naves espaciais... Descolamos...

— A ficção científica ajuda a fazer sentir esse milagre?

— Espero que sim. Em todo o caso é essa a minha intenção. É preciso celebrar a vida, não nos abandonarmos à dúvida, à desconfiança, à indiferença perante os outros.

— A vida quotidiana maravilha-o?

— Oh sim. Se amanhã fosse padre, rabino ou pastor, projectaria todos os domingos nas catedrais filmes sobre a natureza... A vida no fundo dos oceanos, na floresta, a vida das bactérias, tão fecunda! O Universo explode continuamente. Flores, borboletas, a natureza coopera, está em simbiose. É incrível!

— Deus?

— Creio no Universo. Ou creio em nós: estamos aqui!... Já é bastante duro acreditarmos em nós próprios. O enzima é a força que fala à molécula, que informa toda a matéria. E a molécula ADN é a coisa que lhe responde. Mas o que é que faz chamar, o que é que faz responder? A história essencial continua desconhecida. Mas quem chamaria a Deus um enzima? O enzima do Universo que procura uma passagem entre as estrelas... que faz com que milhões de formas de vida se levantem... Então, pronto, é demasiado para mim! Creio no enzima... (**risos**)

— Viver é rir?

— Claro, é preciso. Se lesse os jornais verdadeiramente, intensamente, todos os dias, matava-se.

— E a morte fá-lo rir?

— É o meu combate. Cada nova história, cada narrativa, cada peça... Todas essas coisas ainda aqui estarão quando eu tiver partido... Combato a morte com a minha obra... Os meus livros, os meus filhos... Que deixarei atrás de mim... E eles viverão. Não sei durante quanto tempo. Uma ou duas coisas entrarão no próximo século... Porque vejo a reacção das crianças à minha obra... O seu afecto duradouro... É o ponto mais importante. Arthur Clarke, Azimov, Heinlein... e outros. Estarei na sua companhia.

— A função da arte?

— Considerando a situação dada, é de dizer: ajudem-me através da noite, ajudem-me até amanhã de manhã, como posso amar? Ensinem-me. Isto é a função da arte.

— É um optimista.

— Não é optimismo, é realismo. Realismo total. Quando há trinta e oito anos casei com a minha milher, não tínhamos nada. 20, 30 dólares... Nada. Mas amávamo-nos. Passeávamos na praia, comprávamos **hot dogs**. Foram os anos mais belos, acreditávamos no futuro, estávamos de acordo com o que queríamos da vida. Nunca falávamos de dinheiro: não podíamos discuti-lo porque não o tínhamos... Era preciso pedi-lo emprestado para comprar um móvel. Quando cnhecemos as regras da vida, e desde que amemos, a alegria vem e aumenta gradualmente... Primeiro compramos um livro, depois dois... depois temos uma biblioteca!

— O sonho torna-se realidade.

— A pouco e pouco tornei-me conhecido. Mais do que a celebridade, tive o amor de certas pessoas que leram as **Crónicas Marcianas**: Aldous Huxley, Bertrand Russell...

— A coisa mais importante?

— A família... Os amigos não são nada: no dia seguinte ao da nossa morte, saem e esquecem-nos. Eu digo sempre aos jovens que terminam os estudos: há aqui alguém que vos ama tanto! E que não consegue dizê-lo... O vosso pai. Vão beijá-lo e digam-lhe que o amam... Então as absurdas, estúpidas barreiras entre pai e filho caem, os sentimentos vêm à superfície. Eles choram todo o seu amor dominado. E riem. E há tanta felicidade!

— Que significa para si o amor?

— Há-o sob tantas formas... Primeiro estarmos apaixonados por uma ideia! Uma ideia tão grande que queremos transmiti-la às outras pessoas! Eu ensino-lhes o vento, o perfume da aurora, o som das folhas... Quando as pessoas correm, descalças, sobre a erva, numa noite de Verão, elas pensam em mim e dizem: o Ray gostaria disto! Transmiti-lhes o amor. Ensinei-as a ser conscientes: é isso o amor. Começamos com as coisas mais pequenas, e acordamos as maiores...

Jean-François Duval

Encontro com Woody Allen

O riso que nasce do desespero

«**FAMÍLIAS, odeio-vos**», dizia Gide. «**Famílias, amo-vos mas vocês são de outro ramo**», responde Woody Allen. É o tom a um tempo grave e trocista do seu novo filme **Hannah et ses soeurs**, que foi apresentado extra-concurso, em Cannes. O seu novo filme, mas não o último — «**uma comédia ligeira e musical**» ainda seu título — e no qual trabalha de portas fechadas. Foi na sala de projecção privada junto ao seu atelier de montagem, em Nova Iorque, que Allen Stewart Konigsberg, conhecido por «Woody Allen», nos recebeu.

— «Hannah et ses soeurs» é um verdadeiro êxito comercial nos Estados Unidos. Está contente?

— A minha primeira reacção é pensar: fiz decerto qualquer coisa que não devia ter feito. Sempre que um filme é popular fico desconfiado. Os filmes interessantes, os filmes de que gosto, os Buñuel, os Bergman, os Fellini não atraem esse género de multidão.

— Woody Allen não é mais baixo nem mais alto que no écran. A sua maneira de vestir não seria o ideal para as capas de «Vogue-Natal», mas a palavra-chave é conforto. Muito mais encanto do que se imagina — compreende-se que ele possa ser muito sedutor. O oposto do Woody-cartoon dos seus primeiros filmes, o oposto de Mickey, produtor de televisão, paranóico, hipocondríaco — e antigo marido de Hannah — que ele encarna no filme.

— A minha personagem é uma personagem que pensa. O que é sempre um risco. Num romance uma personagem pode ter pensamentos interiores em dez páginas sucessivas. No cinema, o que é que se faz com isto? Ele vai caminhar na rua durante dez minutos? Trabalho na Televisão, saio do emprego e caminho na rua? À procura de Deus e do sentido da vida? Entro e saio de uma livraria?

— Não, de um hospital...

— Procurava uma mola dramática, uma maneira de tornar interessantes os pensamentos desse bom homem, e não me dei conta de que tantas pessoas tinham os mesmos. O meu médico disse-me que eu tinha qualquer coisa. Claro, tenho a certeza, é um cancro... É no que se pensa sempre.

— Porquê? O Woody Allen é hipocondríaco?

— Um hipocondríaco não pensa que é hipocondríaco, tem a certeza de que está doente.

— Os temas de Hannah são familiares: o amor, a morte, o sexo, Deus, o sentido da vida... Woody Allen busca em todas as nevroses do mundo — incluindo as suas —, logo mais vale rir. O riso, no entanto, vem mais das próprias personagens. Mergulhada em situações cada vez mais desesperadas no plano afectivo.

— É de propósito. O riso que nasce do desespero cada vez me interessa mais. Se eu não tivesse um papel no filme, **Hannah** teria um tom muito mais grave. Não posso evitar que a minha presença anuncie sempre uma nota cómica.

— Mas há algo de mudado no reino de Woody: ele já não é a personagem central de um bestiário nova-iorquino. Talvez pela primeira vez ele é um entre outros, e o filme é uma espécie de peça para orquestra de câmara — um retrato de grupo, diz ele.

A origem da obra é literária.

— Eu estava a reler Anna Karenine — Hannah Karenine — e pareceu-me divertido fazer um filme que tivesse a mesma estrutura. Que passasse de uma história para outra, depois para uma terceira, para voltar à primeira. Uma estrutura de romance.

— O quadro é pois a família. Sinfonia em três refeições para reunião familiar à volta de três perús. Prato de resistência, ementa tradicional do Thanksgiving Day.

— Não gosto do Verão, por isso não sou muito festa nacional nem festa do trabalho. Thanksgiving... é agradável. Não tem conotação religiosa nem patriótica... Não temos que embrulhar presentes. É uma boa ocasião de nos encontrarmos todos. Há sempre um bom desafio de futebol na televisão. E não me perguntem porquê, mas nesse dia eles dão sempre o **King Kong**, um filme que eu adoro... Há sempre um agradável fogo na lareira, e o perú está estaladiço, e há uma tarte de abóbora, tudo coisas de que eu gosto.

A coligação arco-iris

— No centro da festa, Hannah (Mia Farrow). Esposa perfeita, filha, irmã perfeita. O equilíbrio. O olho do ci clone. Sempre que há um problema na família é para Hannah que se voltam. Como é natural tem um nome de uma serenidade bíblica.

— Bíblica, Hannah? Para mim não. O seu nome sugere-me as cantoras negras das orquestras de jazz. Hard-headed Hannah...

— Eram três irmãs em «Interiors», também são três em «Hannah». Aparentemente, para Woody Allen, as relações entre irmãs são mais complexas do que as relações entre irmãos. Teria ele crescido num mundo de mulheres?

— É verdade. Só tenho uma irmã, mas a minha mãe tinha sete. E as minhas tias — enfim, as que eram casadas — só tiveram filhas. Não tenho primos, só primas. Havia alguns homens na paisagem, mas na periferia. Em geral iam para a sala ao lado, abriam a mesa de bridge e jogavam às cartas. A dinheiro. As mulheres faziam o resto, conversavam, comiam, liam, e nós, os filhos, estávamos sempre junto delas.

— Os filhos... Tê-los ou não. O ponto dolorosamente cómico do tormento de Mickey. Incapaz de ter filhos de Hannah, tem que pedir uma ajuda ao se melhor amigo (Tony Roberts).

— Na vida, Woody Allen não tem filhos. «E a pergunta que não se atreve a fazer é: posso ter filhos, eu? A resposta é: sim, mas nunca os tive. Isso nunca me interessou particularmente. Pensei sempre que se vivesse, casado ou não, com alguém que quisesse ter filhos, muito bem, fazíamos um. Ou dez. Quando vivi com a Diane (Keaton) ou estive casado com a Louise (Lasser), ter filhos não era a sua preocupação principal, e quando encontrei a Mia, ela já tinha sete.

— Alguns dos filhos de Mia Farrow nasceram do seu casamento com André Previn, os outros são de todas as origens e de todas as nacionalidades. Woody Allen agrupa-os sob o nome de «coligação arco-iris». Os filhos de Hannah, no filme, são, na realidade, os filhos de Mia.

— Ela gosta de adoptar crianças, sempre gostou. Mas quem tem o trabalho é ela. Eu tenho o meu apartamento,

Depois de «Hannah e suas irmãs», uma comédia musical ligeira...

ela o seu do outro lado de CentraL Park. Brinco com as crianças e depois volto para casa. Ela leva-as à escola, vai buscá-las, dá-lhes de comer. Trata-as admiravelmente.

— Hannah = Mia. Bela, responsável. Nada de mais difícil de encarnar que a perfeição. Ela conseguiu libertar-se da maldição que habitualmente pesa nesse género de papéis.

— Sentiu-se tentado pelo papel de marido de Hannah, finalmente encarnado por Michael Caine?

— Tentado, não, mas pensei nisso. Simplesmente porque não via quem pudesse interpretá-lo. Procurámos durante muito tempo. Sem encontrar. Por fim demo-nos conta de que não temos, no cinema americano, o homem vulgar, banal. Temos «heróis». Os Jack Nicholson, Al Pacino, Robert de Niro. Eu procurava um homem normal, um «businessman», um perito-contabilista. O único que se aproximava disto era Dusty Hoffman, mas estava ocupado.

Quase que fiquei com o papel. Mas então era preciso alguém para me substituir, o que era praticamente impossível. Estou demasiado identificado com esse tipo de personagem que resmunga continuamente sobre os problemas universais.

«Mas tu és minha mãe»

— Para mais as pessoas fazem tão mal a separação entre o que se representa na tela e o que se é na vida...

— Claro que há elementos da vida privada que intervêm, mas são simples toques aqui e ali; nada mais. Toda a gente está convencida de que **Annie Hall** é uma trasncrição literária da minha ligação com Diane Keaton. Ora é um total filme de ficção, escrevi-o com Marshall Brickman, e metade das coisas que se vêem no écran são coisas que lhe aconteceram a ele.

— Embora mostre um certo aborrecimento resignado, Woody Allen leva água ao moinho dos que falam de assimilação e de autobiografia.

Mia Farrow tem o papel principal, certas cenas foram filmadas no seu próprio apartamento, com os seus próprios filhos, a sua irmã tem um pequeno papel (mas não o de uma da irmãs)... Até a mãe, a actriz Maureen O'Sullivan, que interpreta o papel de... mãe de Hannah. Fixada para sempre nas nossas memórias por ter dito a Johnny Weissmuller a frase histórica: «Tu Tarzan, eu Jane», terá sido difícil de convencer?

— Não disse logo que sim. Não se lançou vorazmente sobre o papel.

— Segundo consta foi Mia Farrow que quase a obrigou a aceitar. Maureen O'Sullivan teria mesmo dito: «Sou velha demais para fazer de tua mãe.» E Mia: «Mas tu és minha mãe!»

Primeiro obstáculo: a página em branco

— Woody Allen gosta de trabalhar em família. Em família de actores. Cenáculo bem compacto de rostos familiares. Onde todos se compreendem e onde é difícil penetrar.

— Tenho tendência a ser muito directo quando trabalho. Não mau, mas directo. E à minha volta todos fazem o mesmo. Não me incomoda que uma secretária ou qualquer outra pessoa me diga «**Mau, muito mau, uma vergonha:**» Se a Diane (Keaton) fazia qualquer coisa que não me agradava, eu dizia: «**Aaaah! Péssimo! Nunca vi nada pior. Não estamos a fazer um folhetim de televisão!**». E o mesmo acontece comigo próprio: «**Que mal que eu estou, um horror!**» Nos meus locais de filmagens as pessoas dizem o que pensam. Não nos sentimos ameaçados. Sabemos que gostamos muito uns dos outros, que o nosso talento não está em causa e que podemos falar à vontade.

— Duas novas caras entraram no círculo: Michael Caine e Max von Sydow. Michael Caine compreendeu depressa. Logo no primeiro dia volta-se para o encenador e lança-lhe: «Em suma, contrataste-me para ter à mão um Woody Allen de um metro e oitenta.» E contratar Max von Sydow, actor bergmaniano, não terá sido para Woody Allen uma maneira de terminar, de romper com o seu período bergmaniano, concretizado com «Interiors»?

« — As pessoas ligam-me sempre a outros cineastas. Há doze anos que isto dura. Desde que faço filmes. **Sleeper?** Disseram: Olha, é Buster Keaton. Bananas, Prends l'Oseilhe et tire-toi fez com que dissessem: o que isto se parece com os Irmãos Marx! Escreveu-se que eu tinha influências de Fellini, ou de Bergman, ou de Preston Sturges. As pessoas sentem necessidade de encarar as coiss sob o ângulo da análise comparativa, não me importo nada com isso. Mais vale que me aproximem desses cineastas do que...

— Como trabalha Woody Allen? Em casa. E sozinho.

— Parto sempre de uma ideia, e a forma surge depois. Um filme que não tem nada a dizer, mesmo que o diga de uma maneira bonita, não se aguenta. Na minha opinião.

— Primeira fase: a escrita. Quase sempre à mão. «Porque a relação com a palavra é mais íntima.» Primeiro obstáculo: a página em branco. Encontrar uma ideia: difícil. «Tê-las, não. Tenho constantemente ideias e anoto-as numa folha de papel. Mas escolher a que se vai desenvolver, isso sim é difícil, é doloroso, e é aborrecido.»

— Nos filmes de Woody Allen, sempre que as personagens têm um problema insolúvel, vão ao cinema. À falta da solução, encontram aí uma solução. Assim Mia Farrow e a sua «Rosa Púrpura do Cairo». Aqui é Mickey-Woody que vai ver um Marx-Brothers.

— É, com efeito, a solução. O momento em que ele pensa que nunca saberá se a vida tem ou não um sentido. Mas talvez valha a pena tentar. Os momentos de alegria mais intensos que tive na minha vida foram-me dados pelo cinema. Os filmes da minha adolescência. É difícil olhar para Fred Astaire e não pensar que há ao menos uma coisa que se mantém neste mundo. Que nem tudo é tão feio porque há Fred Astaire e os Irmãos Marx e que, francamente, será sempre tempo de nos suicidarmos... Amanhã!

H. B.

Robert Frank, ou os mistérios da camera obscura

POR iniciativa de Robert Delpire, o centro nacional da fotografia apresentou no Palais de Tokyo em Paris, com o título «Etats d'urgence», a primeira retrospectiva na Europa da obra de Robert Frank (1).

Reconhecido como um dos inovadores da fotografia moderna, publicou em 1958 o seu livro Les Américains (2), que influenciaria duas gerações de fotógrafos, abriria um novo caminho à reportagem e inspiraria cineastas como Jim Jarmush (Stranger Than Paradise) e Wim Wenders que ainda recentemente reconhecia a sua dívida para com ele.

Devido às suas ausências e aos seus silêncios, ao seu temperamento arredio e quase fora-da-lei, que o levaram a exilar-se em Mabou, Nova Escócia, no cu de Judas do Canadá, Robert Frank contribuiu muito para criar uma reputação de «mito vivo».

A entrevista que nos concedeu algumas horas antes da «vernissage» da sua exposição permite esclarecer alguns pontos da sua vida e da sua obra, que até agora se mantinham na sombra.

★
★ ★

— Que sente ao ver trinta anos da sua vida expostos nas paredes?

— Todos temos uma memória da vida que passa atrás dos nossos olhos, e isto — o que aqui é mostrado —, é a memória do que se passou diante dos meus olhos. O que se passa atrás dos nossos olhos é privado, e desde 1974, nas minhas últimas fotos, foi isso que eu tentei mostrar. Ver tudo em conjunto não me diz muito. As últimas fotos é que me interessam. As primeiras são história antiga.

— Quer dizer que elas já não lhe pertencem?

— Não. Cresceram e tornaram-se adultas. As últimas apaixonaram-me porque tentei a minha maneira de ver. Não me é necessário rever aquilo que fiz.

— As imagens antigas já não lhe ensinam nada

— Não quero aprender com as fotos mas com a vida. Um museu é o contrário da vida. Incomoda-me um pouco dizer isto, mas preferia não estar aqui. Ter uma retrospectiva é um pouco como se estivéssemos mortos. É também por isso que gosto das últimas fotografias. Elas pertencem-me e ainda têm um mistério. As primeiras fotos pertencem ao público, foram feitas há tanto tempo que não tenho nada a dizer. Os críticos explicaram tudo. E depois, as minhas reflexões sobre a América evoluíram desde que me tornei americano. A minha visão dos «Americanos» era de um europeu. A vida era então muito dura e mesmo perigosa. Era o desconhecido.

— Porque deixou a Suíça para partir para os Estados Unidos, a primeira vez, em 1950?

— Tinha que sair da Suíça, deixar a órbita familiar para me tornar adulto. Tinha vinte e seis anos. Para mim havia a Europa e depois a América. Tenho fotografias feitas em Espanha e na Inglaterra, mas não viajei muito. Voltar à Europa seria hoje para mim uma coisa tão impossível como refazer as fotos antigas. Pelo contrário, voltar à América é excitante. É lá que há energia, electricidade. Tornei-me, na verdade, um americano, não sou nacionalista, não tenho orgulho em se americano, mas é, apesar de tudo, um país que respeito. Aprendi tudo lá.

— No entanto, na Nova Escócia para onde se retirou em 1969, vive muito isolado. Não é tanto a América mas um mundo que conquistou para si.

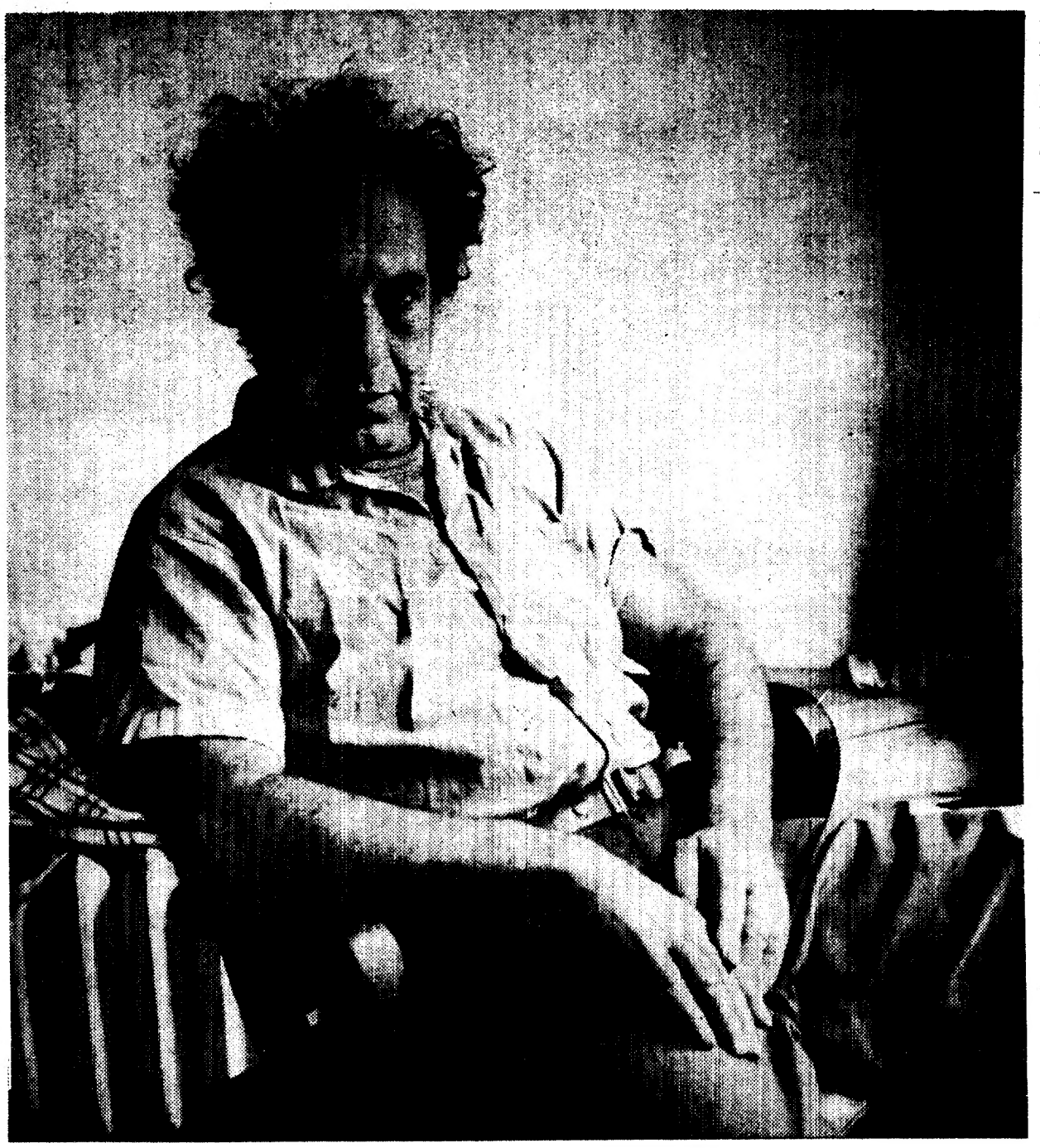
— Vivo metade do tempo no Canadá e a outra metade em Nova Iorque. Quando trabalho, é em Nova Iorque. Talvez que quando se envelhece seja preciso mais tempo, então fico na minha casa, longe de tudo, em frente do mar, é tranquilo. Tudo está certo.

— Que faz durante o dia?

— Olho, reflicto, corto madeira. Troco notícias com os vizinhos. Fala-se do tempo, do vento, das mudanças de estação e do mar. A vida lá é muito humana. O Inverno é duro e nunca mais acaba, há tempestades, faz muito frio, então as pessoas visitam-se. É o contrário de Nova Iorque, mas também gosto do que é inumano. Gosto de estar à margem, na outra ponta da América, não gosto de viajar numa estrada vulgar.

— No fundo, o que diz é um pouco uma definição de si próprio. De onde vem o seu gosto quase inato pela ruptura?

— Creio que isso vem de eu ter nascido na Suíça. É um país do meio. Estar à margem é muito importante para mim. Estamos acordados. E as pessoas que estão connosco também o estão. Na Suíça não é assim, e mesmo aqui, em França, sinto-me no meio como na Suíça. Eis o que acontece quando se vive mais de trinta anos na América. Dá cabo de nós mas também nos dá muito.



— Não está farto de ouvir dizer que é um «mito vivo?» Ao vê-lo verificamos que é, sobretudo, alguém bem vivo.

— Não sei porque é que dizem que sou um mito vivo. O problema não é meu. Talvez esta exposição vá destruir o mito? Voltar atrás é uma perda de tempo. É preciso pensar sempre no que vem.

— O mito construiu-se devido à sua ruptura com a fotografia. Puseram-se a criar fantasmas sobre a sua intervenção na história da foto porque deixou de a fazer. Não foi de propósito, mas veio daí.

— Sim. Mas há outras pessoas que deixaram de fazer fotografia.

— Talvez não tenham tido a mesma influência.

— O mito começou com o meu livro **Les Américains**. Quanto ao resto, lutei simplesmente contra as convenções. Sempre fui contra todos os «establishments» e sempre quis fazer perguntas. Porquê? E porque não? Desde pequeno que desconfio da autoridade. E isso sentia-se decerto no que eu queria mostrar. Na altura era raro. Toda a gente seguia o exemplo dos repórteres. A foto era uma coisa mais ou menos comercial. Muitos tentaram abrir a porta que leva à arte, mas fizeram compromissos. Eu, não fiz compromissos. Não é o mais fácil.

— Tem hoje sessenta e dois anos, passaram-se muitas coisas na sua vida e ela nem sempre foi como teria desejado. Recomeçaria a mesma vida?

— Se recomeçasse não gastaria tanto tempo com a fotografia.

— Viria mais cedo para o cinema?

— Sim. A fotografia fez-me perder tempo. Mas não conheço ninguém que possa recomeçar tudo. Não lamento nada.

— E como se passam as coisas no plano cinematográfico? Por quem são vistos os seus filmes nos Estados Unidos, e como vive a sua situação de cineasta?

— Gosto muito de cinema e uma das razões porque o amo é porque não tenho êxito. Gosto de ter de lutar para defender a minha visão das coisas e fazer as minhas ideias existirem. Mostro muitas vezes os meus filmes a estudantes, e não me aborrece falar deles. Vejo os defeitos. Vejo onde não fui feliz e é interessante falar disso, tentar ver como devia ter feito. É tão complicado fazer um filme, encontrar dinheiro, não tem nada a ver com a foto. Na foto estamos sós, observamos, fazemos a nossa fotografia, podemos fazer milhares delas, mas nunca é o «challenge» do cinema. Contar uma cois que pode ser compreendida é, para mim, considerável.

— Em que altura pensou que iria para o cinema, que a foto já não bastava, que precisava do movimento e tabém da palavra?

— Muito antes de **Les Américains** ter sido publicado já eu tinha feito um pequeno filme com alguns amigos. Sempre soube que queria fazer cinema, mas era problemático. Era preciso dinheiro, a família tinha de viver, não era possível. Agora é um pouco tarde, mas espero poder continuar a fazer cinema, vídeo. É mais complexo do que a fotografia e também creio que é mais honesto. A foto é sedutora, enquanto que o filme exige um esforço de honestidade.

— Quando em 1960 abandonou a foto, quando «arrumou a Leica no armário», pensava que seria definitivo?

— Não. Aprendi com o tempo que nada na vida é definitivo. Talvez o tenha pensado nesse momento, mas a Terra gira e nós também. Quanto à famosa frase do armário ela foi dita por um fotógrafo suíço de quem eu gostava muito. Copiei-a. Chamava-se Schuh. Toda a gente me tomou a sério, mas ele arrumou mesmo a máquina. Era um tipo excelente. Tornou-se editor.

— Então, no fundo, quando anunciou que parava, continuou a fazer fotografias.

— Ah, não. Nesse momento era verdade. As pessoas não compreendem que não se pára de um dia para o outro, mas lentamente. E como com os meus filmes. Quando não pude fazê-los dediquei-me ao Pola, e agora, pela primeira vez com um pouco de dinheiro, recomeço a fazer filmes é assim a vida.

— Portanto continuou sempre fotógrafo.

— Mais ou menos. Estive parado durante dez anos. Entre 1964 e 1972 não fiz uma única fotografia e comecei com **The Line of my Hand**. Não queria fazer uma fotografia, pus-me a realizar séries. E um livro de que gosto muito. Gostava de o reeditar.

— Foi nesse livro que publicou as suas chapas-contacto. Por que razão?

— O que me interessava era mostrar como trabalha um fotógrafo e de que maneira ele se aproxima de uma situação. Gosto de ver os contactos. A selecção é muito importante e se eu olhasse para as minhas chapas antigas, talvez escolhesse outras fotos. A escolha entre trinta e cinco fotos é capital. Foi por isso que mostrei os meus contactos.

— Foi o primeiro a fazê-lo.

— É sempre vaidoso dizer que se foi o primeiro. Para mim é a mesma coisa. Influenciei numerosos fotógrafos na América, mas também fui influenciado. Tudo isso não me diz, na verdade, respeito. É preciso ir em frente.

— Em 1974 voltou pois à foto através do Polaroid preto e branco, com negativo. O que o levou a recomeçar após dez anos de silêncio?

— Ver sair um negativo sem passar pela câmara escura pareceu-me uma revelação formidável. E depois não se tratava de fazer centenas de fotografias, como com a Leica, mas só as oito do rolo. A ideia devia estar nessas oito fotos. Aquilo agradou-me muito. Havia enfim a surpresa imediata de poder olhar para o negativo e escrever palavras por cima. Era tão imediato como o vídeo. São duas ferramentas formidáveis, tão próximas da vida que são, ao mesmo tempo, a morte. Podemos utilizá-lo como um lápis e dizer o que se passa na vida.

— E a escrita que grava nos Polas, como lhe ocorreu?

— Ao fazer experiências para uma capa do magazine **Rolling Stones**. Pus-me a riscar o filme, as coisas não chegam de repente, mas a pouco e pouco.

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

— Não seria também por sentir a necessidade de estar mais presente na imagem?

— Eu queria destruir a imagem, destruir o negativo com palavras. Há várias maneiras de destruir e eu achei isso construtivo.

— O seu trabalho também foi muitas vezes assimilado ao expressionismo abstracto, à «action painting» de Pollock.

— É completamente idiota. As pessoas gostam de nos arrumar numa gaveta. Conheci um pouco Pollock, nunca pensei em fazer como ele. A maneira de viver dos pintores é que me impressionou. E isso já com os pintores que precederam os «beatnicks» e cujos nomes figuram no catálogo da minha retrospectiva, em Houston. Alguns, como Klein ou Oldenburg, tornaram-se muito conhecidos. Influenciaram-me pelo seu nível de vida muito baixo, quando os fotógrafos eram comerciais e ganhavam facilmente muito dinheiro. Os pintores impressionavam-me porque acreditavam no que faziam. Era tudo ou nada. Não queriam nada, tudo era possível e recusavam tudo. Era a liberdade total. Conheci ao mesmo tempo Kerouac, Ginsberg e Burroughs. Fiquei amigo de Ginsberg. Vemo-nos às vezes. Somos quase sobreviventes.

— Há uma coisa que é evidentemente muito importante nas suas fotografias, é a autoprojecção. Talvez seja você quem melhor a realizou em toda a história da fotografia moderna. As suas últimas imagens pareceram-me muito violentas. A autoprojecção não terá dado lugar à autodestruição?

— Não. Porque eu estou naquilo que escrevo. É uma maneira de me mostrar mais ainda. E também os meus pensamentos. Há fotografias em que exprimo os meus sentimentos, outras em que exponho os meus pensamentos. Gosto de fazer as coisas imediatamente e não pensar demasiado nelas.

— Voltemos às suas primeiras fotografias. Quando veio viver para Paris nos anos 50 e que fez aquele esplêndido retrato de uma cadeira nos jardins do Luxemburgo, em que estado de espírito se encontrava?

— O estado de espírito era sempre bom. Estava contente por estar aqui. Paris foi uma fase muito feliz da minha vida, mesmo que fosse difícil porque eu não tinha dinheiro. Estava apaixonado pela cidade. Era tão belo estar aqui.

— Reconhece ter sido influenciado nessa altura por Bill Brandt?

— Sim. Sente-se a sua influência nas minhas fotos de Paris. Tinha visto os seus livros. Nessa época eu queria fazer fotografias perfeitas. Obras-primas absolutas. Ignorava que Brandt tinha sido tão influenciado pelo surrealismo. As suas fotos sobre a Inglaterra eram um pouco românticas. Ficavam na memória. Era impossível esquecer o tipo que empurra a bicicleta, o nevoeiro... os retratos. Era magnífico. Havia algo de brutal. Os retratos de Cardier-Bresson são bons, mas não têm a força brutal que se sente em Bill Brandt.

— Quando fez a sua reportagem sobre o País de Gales sentiu-se preocupado com o empenhamento social ou político?

— Nunca. São pessoas que trabalhavam tão duramente que me apaixonavam. A beleza do país. Não creio que a foto possa fazer o que quer que seja para melhorar a vida ou ajudar a tomar consciência.

— E o poder de informação da fotografia, também não acredita nele?

— Não. Visto que eles não queriam publicar as minhas fotos. Não era jornalismo. As minhas fotos não contavam uma história com princípio e fim. Tentei mas não conseguia, então isso deixou de me interessar e era sem dúvida mais honesto da minha parte. Não era feito para aquilo. Mas não era só eu. Também é o caso de Walter Evans. Sempre se encontra companhia. No Canadá é diferente. Estamos sós e faz frio. É um clima difícil para um artista.

— Quando fez o seu livro «Les Américains», que lhe parecia haver de novo no seu olhar e em que medida estava consciente disso?

— Trabalho por intuição. Não tanto por reflexão. Lancei-me à água em pleno mar e encontrei-me em face de uma humanidade tocante, triste e cruel. Quando fotografava sentia afecto por essas pessoas. Não falava com elas, obsevava, roubava-lhes a imagem. Queria descobrir o que ficava escondido, o que parecia aborrecido e com que ninguém se queria ocupar. Os fotógrafos mostravam sempr a alegria de viver, uma América feliz, que ganha. Eu sempre tive simpatia pelos perdedores.

— O seu périplo durou dois anos e você atravessou quarenta e oito estados. Quantas fotografias tirou?

— Antes de vir par aqui li num jornal que talvez tenha feito 300 000 fotografias (**Ri.**) É simples. Devo ter feito uns 500 rolos em dois anos. Multiplique por 30 e terá o total dos negativos. Posso dizer isto porque guardei todos os negativos.

— Como se passou o seu primeiro encontro com o Robert Delpire? Ele afirmou que publicava as suas fotos quando elas ainda não estavam tiradas

— Creio que foi Boubat quem me aconselhou a ir falar com Robert Delpire. Mostrei-lhe as minhas fotos do Peru. Ele disse-me que as publicava, mas como não me publicavam em parte nenhuma, não acreditei. Mas publicou-as. Então ficámos amigos. Eu sabia que ele iria apoiar-me, mas não havia nenhum contrato que o obrigasse a publicar o livro. Na América ninguém queria publicar **Les Américains** e, sem ele, o livro nunca teria saído nos Estados Unidos. Devo-lhe a exposição e o livro. Devo-lhe muito, mesmo que hoje não tenhamos os mesmos pontos de vista sobre a foto.

★
★ ★

A conversa prossegue. Com a mesma gentileza atenta, Robert Frank fala dos seus projectos, do ensino, da moda, do seu retrato feito em 1975 por Avedon (retrato que não aprecia) e da morte que talvez esteja nas cinzas das suas imagens. Chega a altura de lhe fazer uma última pergunta.

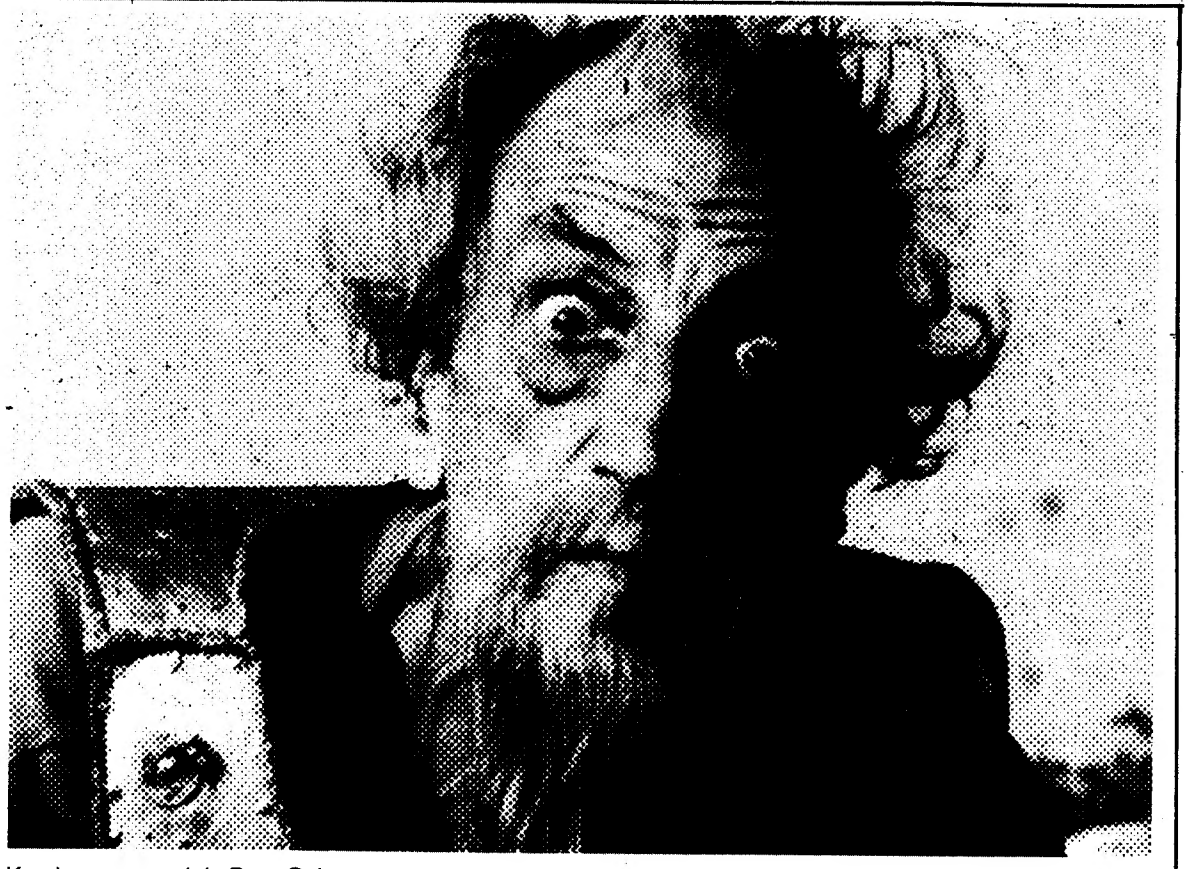
— O seu trabalho foi sempre assimilado ao preto e branco, e nesta exposição descobrem-se alguns polaróides a cores. O que foi que o fez deixar o preto e branco?

— Foi um período em que eu estava contente. Acabara de me casar de novo, tinha uma pequena câmara de 5 dólares com a qual só se podia fotografar a cores, e havia sol. Era um verdadeiro prazer tirar fotos como amador. E mais tarde, quando entraram no laboratório, pareceram-me tão boas.. que não continuei. Essas cinco ou seis imagens bastavam-me. É sempre possível colorir as fotos para as tornar mais bonitas. Buñuel dizia uma coisa que sempre me agradou muito. Já não sei como ele a dizia mas não acreditava que se viva num mundo onde se possa ser, na verdade, feliz. Tinha razão. É muito belo estar vivo mas a vida também pode, por vezes destruir-nos. É preciso ser forte para continuar.

Patrick Roegiers

(1) **États d'urgence**, primeira retrospectiva completa da obra de Robert Frank, apresentada pelo Centro Nacional de Fotografia, no Palais de Tokyo, em Paris.

(2) **Les Américains**. 83 fotografias de Robert Frank com introdução de Jacques Keroac. Ed. Robert Delpire.



Kamirov no papel de Dom Quixote

O D. Quixote de Orson Welles

Cannes não o viu, porque a cópia não esteva em bom estado. Mas agora sabe-se a sua história: três meses de filmagens em 1957, 30 anos de esquecimento num armazém de Los Angeles, hoje 41 minutos inéditos

DURANTE muito tempo duvidou-se da própria existência de certos filmes de Orson Welles dos quais ninguém podia jurar ter visto uma só imagem que fosse. Por temperamento, Welles não detestava deixar um certo mistério à volta da sua obra, e criar partes de sombra, pontos de fuga. Assim o Dom Quixote, de que foram apresentados pela primeira vez alguns fragmentos, em Cannes, no dia 11 de Maio, em homenagem ao grande mágico desaparecido em Outubro passado.

Fragmentos não é tudo, mas já é muito e devêmo-los à paciência de Michel David, encarregado de missão na Cinemateca francesa e apaixonado de Welles. Por o que se sabe da história do Dom Quixote, parece certo que as filmagens se realizaram em Agosto, Setembro e Outubro de 1957.

Muito antes Welles já fizera experiências com Misha Auer e Akim Kamirov no papel de Sancho Pança, mas ninguém hoje sabe o que é feito da película. Em 1957 Welles filma pois com Kamirov e um actor espanhol pouco conhecido, Francisco Reiguera em Dom Quixote. Logo àpartida houve uma concepção barroca do filme no filme, com comentários sobre a obra a ser realizada, assim como um prólogo e um epílogo «modernos» onde se vê Dom Quixote dos nossos dias, de automóvel.

Quando se efectuou a montagem? Decerto pouco depois das filmagens. É impressionante constatar a que ponto Welles cria sozinho o seu filme, reconstitui tudo em estúdio, a começar pelas vozes, visto que ele próprio dobra Kamirov e os outros, visto vfias sequências terem sido feitas, ao que parece, em mudo.

Segundo as últimas vontades de Welles, Paola Mori, a mulher legítima, herdou os direitos sobre os filmes «acabados» e uma casa em Malibu. Foi a Oja Kodar, a companheira de Welles desde **o Processo,** que couberam os direitos dos filmes «inacabados», **o Outro lado do vento, o Mercador de Veneza, The Deep, Dom Quixote,** ou

Jangadeiro, o único sketch que restou de **It's all True,** filmado em 1942 no Brasil

«Oja Kadar, conta Michel David, **indicou-nos onde se encontrava o filme** (Dom Quixote), **com um falso título. Ele encontrava-se numa arrecadação de Los Angeles. Mae o negativo está em Roma em poder de um amigo de Welles, o produtor Tasca de Cuto. São 900 quilos de bobinas de uma duração média de um minuto, já montadas por Welles, mas não repertoriadas, isto é, mais de cinco horas nunca vistas. Em Cannes ver-se-ão quarenta e quatro minutos do Dom Quixote restaurados ao máximo, escolhidos de noventa minutos de filme já montado e que têm a mão de Welles. A história será compreensível? Não o deve ser, tanto mais que o som falha por vezes. Mas essas imagens, que serão vistas em Cannes, mais ninguém as viu a não ser Welles».**

A Cinemateca vai continuar a revelar e a mostrar o resto do negativo, o que levará, pelo menos, um ano, para um resultado que, de momento, é imprevisível. Que montagem adoptar? Pensa-se que as filmagens foram feitas no México, mas certos planos lembram Toledo. Todos os actores e participantes já morreram, a única testemunha da aventura é Paola Mori, que vive hoje algures em Los Angeles.

Claro que Welles não deixou nenhuma nota, nenhuma indicação sobre o trabalho a efectuar. Talvez para conservar a sua liberdade por gosto pelo inacabado. A verdade é que não se fará Welles sem Welles e que nunca se conhecerá na verdade — seja qual for a piedade dos arqueólogos — o rosto exacto do cavaleiro errante com que Welles sonhava.

Divisórias

É a história pouco atribulada de um país com tendência para o sono desperto que nem mil revoluções acordariam e que está a ser invadido por divisórias de todo o tipo, para que cada um durma ainda mais sossegado e sem problemas de consciência ou incontinência mental.

DE um país entretido em receber presidentes enquanto as pequenas bombas dos pequenos locais rebentam para abrir valas onde instalar mais divisórias. E os lavradores recebem bombons em forma de cerca, dividi-vos e multiplicai-vos que este é o meu veneno para atingir a solidão. E eles sorriem muito contentes e dizem uns aos outros que tudo aquilo está certo porque veio, no outro dia na televisão.

DE um país onde as pessoas são informadas compartimentadamente por notícias escritas em redacções de jornais divididos em compartimentos onde sobrevivem seres estranhos que os organizam, fracos e desvitaminados, ao chegar o fim do mês. Mas o fim do mês chega. Sempre.

É então um país por momentos acordado no seu torpor eterno, que tira da carteira umas notas para consumir algum do seu fogo interno, e alastram labaredas por um fogo de palha que poucos dias dura, afinal. Foi na cidade, e mesmo assim só naquela e naquela rua, e mesmo assim foi só um jantar que eu paguei à Jaquina e ela estava muito mal disposta nesse dia porque não recebia há um mês. Falámos de coisas alegres, como por exemplo os outros, que já não recebiam há um ano, mas mesmo assim ela não arrebitou. E já vamos a cinco deste mês e já não posso pagar mais nenhum jantar à Jaquina.

DEPOIS dormem. Dormem no cansaço, que é um sítio onde se dorme acordado e com menos dor. Porque há torturas fininhas, imperceptíveis: andam a tentar pôr divisórias, desta vez de alumínio, dentro dos corpos das pessoas. São umas coisas muito modernas que chegaram da América do Norte e assim de uns países onde toda a gente está farta de saber o que é dormir acordado e sentir-se fraco sem saber porquê. São frasquinhos de vitaminas. Mas de alumínio. Assim, divide mais.

Manuel Cintra

Batouka 86 nas Caraíbas

BATOUKA 86: mais de quarenta grupos vindos dos quatro cantos do mundo para um jamboree das percussões. Vedeta: um tambor diferente dos outros, o gro'ka.

Abril não é a estação das chuvas nas Caraíbas. Choveu, no entanto, sem parar, durante quatro dias. Uma chuva (quase) fria, que se abateu sobre as palmeiras e as praias, sobre Grand Bourg e Petit Bourg, sobre GOSIER, Bovillante, Les Abymes, Anse Bertrand... sobre os prédios de renda limitada em betão, e sobre as inúmeras casinhas de madeira e chapa ondulada, essas casinhas pintadas de rosa e vermelho que se vêem em todas as ilhas, perdidas na vegetação tropical. A chuva comprometeu os primeiros concertos previstos, ao ar livre, depois o sol voltou. E a festa Batouka 86, primeiro grande festival em Guadalupe — e mesmo primeiro festival —, consagrou o encontro dos tambores e das percussões.

Durante doze dias, mais de quarenta grupos (trezentos músicos), vindos dos Estados Unidos (Max Roade), do Brasil (Nana Vasconcelos), da Alemanha, de França, do Haiti, da África, da América Latina, tocaram, bateram na pele, e nos címbalos, agitaram campainhas, rasparam nas cabaças, fizeram soar a madeira e o ferro, tiraram som da matéria, celebraram um modo de apreender o mundo sonoro, que não passa pela harmonia nem pela nota justa. Os estilos, as atitudes diferem. Colectivas e solitárias, místicas ou festivas, improvisadas ou escritas, codificadas ou livres, impulsivas, poderosas, leves, aéreas... Encontro necessário no país do gro'ka.

Guadalupe não esqueceu o tambor, mesmo que ele já não seja ritual como em África. O gro'ka, música «de negro velho», como se dizia há dez anos, o gro'ka, nascido no calor da cana, é objecto de um verdadeiro renovo em Guadalupe, e de um perpétuo recomeço. Discute-se sem fim (os rancores depois são tenazes) sobre a origem do instrumento, a maneira de o tocar, o modo de o fazer evoluir. Reprimido por todos os meios no tempo da escravatura (era justamente encarado como um apelo à revolta), rejeitado, negado, depois folclorizado, o tambor nunca deixou de tocar.

O gro'ka tornou-se o próprio símbolo da resistência à alienação cultural, o argumento dos nacionalistas, um porta-estandarte. «É isso e não é», diz Guy Konket cantor, batedor, compositor, um dos que tiveram um papel capital para tirar o tambor do «folklore», para o tazer reconhecer internacionalmente. Para este músico, ansioso de perpetuar o espírito do ka — música colectiva e disciplinada, mesmo que deixe uma parte de improviso e exija **feeling** — não se podem tocar de qualquer maneira os sete ritmos! Ele é um dos raros a levar por vezes o público à beira da viagem hipnótica: tambores, cabaças, piano, bateria e saxofone intimamente unidos.

Os modos de actuar multiplicam-se — e diversificam-se — hoje à volta do gro'ka. São prova disso a dezena de grupos convidados a participar no festival: Ka Tet, Gwokato Bwa Déyé Van Xeve, Gwadloup Percussions, Kapé Ka Leve, Foubap, Kanida, Gwakasone, Agouba, Magason, Katel... Lista não limitativa, há dezenas de outros grupos de gro'ka «tradicional», «moderno», «expressivo», que traduzem o interesse, as confuões, as investigações reais. O gro'ka tem os seus mestres, velo hoje já morto), Carnot (que deu um concerto com o grupo Agouba de Michel Halley). Há também os que fazem buscas, como Charlie Lamotte, de percussões tão elegantes, mais próximas do jazz.

Muitos concertos, mas talvez insuficientes intercâmbios, por falta de um local permanente para discutir, para se encontrar. Que elo existe entre o universo muito pessoal, tocante, humano, de um Youval Micenmacher (um solista que se entrega com os seus tambores), e a poderosa máquina de ritmo de Guen outro solista percussionista, um argelino de origem nigeriana? Que diferenças entre Martin Saint-Pierre virtuose argentino (etnólogo da sua própria história encontrando com o bongo o caminho que vai da África à América Latina) e os tambores rituais do Burundi (cores, clamores, força circulante)? Entre o genial Max Roech e as percussões (sofisticadas) de Strasbourg? Entre o provocador Bernard Lubat e o nómada, aéreo, Akonio Dolo (voz ancestral, ele é Dogon)? Teríamos gostado de ouvir debates. Mesmo mundo, filosofias tão diferentes segundo o que se sabe de um instrumento cuja origem remonta a milénios presente em todas as civilizações — **«radical»**, diz Xénakis. O tambor que em África serve para tudo — para transmitir mensagens, para acompanhar os casamentos, os lutos, o trabalho, ligado às forças cósmicas, é o **ponto** de partida de todo o movimento. Princípio mágico. Todo o tambor tem uma pele...

Catherine Humblot

Mensagens Pessoais

Alhandra

Em Alhandra — vende-se rés-do-chão com três assoalhadas, central e junto de transportes, com salão e cozinha rústica em anexo, pequena adega-cave, telefone de preferência, pronto pagamento por motivo de retirada. Ideal p/ pequeno negócio ou similar. Telefone 2501024.

Pedras d'El Rei

Alugo apartamento nas Pedras d'El Rei, Tavira, nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro, meses completos ou às quinzenas. O apartamento está mobilado e situa-se no aldeamento com piscina e todas as infra-estruturas funcionais e de serviços. Informe-se das condições através do telefone 084/22353.

Móveis de quarto

Em castanho e eucalipto, com dezoito meses de uso. Vendo juntos ou serparadamente.

Também um roupeiro em bom estado, em tola, com 1,95 X 1,95 X 57.

Um candeeiro de pé com duas túlipas. Duas camas iguais, estreitas, muito fortes como novas, em castanho. Tel. 898336.

Algarve — Albufeira

Alugo, perto de Albufeira, com 2 quartos e sala comum. Julho, Agosto e Setembro.

Tel. 9210515 (depois das 20.30h).

Apartamento — Algarve

Alugo vivenda a 1500m da praia da Galé meses Junho a Setembro c/ 3 quartos, sala, cozinha e duas c/b. Tratar pelo tel.: 2202674 **Almada**.

Armação de Pêra

Aluga-se apartamento em Armação de Pêra junto ao mar, bons preços. Junho, Setembro e Outubro. Telefone 82114 Portimão.

«Abat-jours»

Fabrico e restauro. Bons preços. Adapto a candeeiros peças diversas. Electrificações, lanternas, alabastros, tocheiros, artigos decorativos, velharias. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182, traseiras. Fácil estacionamento. Tef. 881937. 1700 Lisboa.

Lagos — Sagres

Alugo casa mobilada e equipada — quarto de dormir, quarto para crianças, casa de banho, sala de jantar e kitchinette — sita em povoação entre Lagos e Sagres, perto da praia: Junho, uma quinzena. Agosto, uma quinzena. Setembro e Outubro. Só a um casal.

Telef. 2761520.

Quarto estudante

Quarto bom aluga-se a estudante ou empregado casa muito séria.

Telefone 606482. Frente à Faculdade de Ciências.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.